



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Altair José dos Santos

A Identificação e o Adolescente Autor de Homicídio

Brasília – DF

Agosto de 2014



**Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura**

Altair José dos Santos

A Identificação e o Adolescente Autor de Homicídio

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de doutor.

Orientador: Professor Doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Brasília – DF

2014

A Identificação e o Adolescente Autor de Homicídio

Tese apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília
sob a orientação do professor doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins.

Aprovada por:

Presidente:

Prof. Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da
Universidade de Brasília

Membros Titulares

Prof. Dr. Henrique Figueiredo Carneiro

Professor titular da Universidade de Fortaleza
Professor Adjunto da Universidade de Pernambuco

Prof. Dr. Mário Eduardo Costa Pereira

Professor livre docente da UNICAMP

Profa. Dra. Deise Matos do Amparo

Professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da
Universidade de Brasília

Prof. Dr. Fábio Jesus Miranda

Professor da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Suplente:

Prof. Dr. Juan Adolfo Brandt

Professor do Centro Universitário IESB – Brasília-DF

Aos meus pais Valdivino e Bercholina.

À Eliza, Clarice e Artur

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília, por possibilitar a realização desse estudo.

Ao professor Dr. Francisco Moacir de Melo Catunda Martins, meu orientador, pelo acolhimento do projeto, pela leitura atenta e generosa, pela partilha do saber, pela bibliografia indicada, pela preciosa transmissão de uma experiência que apesar de não prescindir do modelo acadêmico o ultrapassa, pelo incentivo, confiança, gentileza e amizade.

Aos colegas e amigos da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás pelo incentivo e pela concessão da licença das minhas atividades docentes, o que foi fundamental para o desenvolvimento de todo o trabalho.

Aos meus analisantes que tanto me ensinam nessa aventura da escuta na clínica psicanalítica.

Aos adolescentes e aos seus pais que aceitaram participar dessa pesquisa contribuindo com sua história de vida, suas dores e suas esperanças.

Meu especial agradecimento à equipe do Centro de Internação de Adolescentes – CIA – pela autorização para a realização da pesquisa e pelo apoio durante todo o processo de realização das entrevistas e pesquisa documental. Sobretudo, agradeço pela partilha da experiência de suas vidas dedicadas ao cuidado com adolescentes em situação de internação.

Agradeço à minha família, Eliza, Clarice e Artur pelo tempo que lhes recusei a fim de me dedicar à realização desse trabalho. Em especial aos meus queridos filhos que já em pequena idade escutaram como resposta às suas demandas: “agora não posso, tenho que trabalhar na tese”.

Meu muito obrigado aos professores Dr. Henrique F. Carneiro, Dra. Deise M. Amparo e Dr. Fábio Jesus Miranda pelas importantes contribuições dadas na banca de qualificação.

RESUMO

SANTOS, A. J. (2014). *A Identificação e o Adolescente Autor de Homicídio*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura. Universidade de Brasília. Brasília, DF.

O presente estudo investiga a constituição subjetiva de adolescentes autores de homicídio, para tanto, busca compreender os processos da identificação e suas relações com o estabelecimento da Lei simbólica para esses sujeitos. Na teoria freudiana, a *identificação* emerge como uma noção derivada dos fenômenos clínicos, participa diretamente nos destinos da sexualidade e, por fim, é entendida como um processo inconsciente fundamental na constituição subjetiva de cada humano. No âmbito deste estudo, a *adolescência* é pensada como um fenômeno biopsicossocial fortemente determinado pela forma de organização social, cultural, política e econômica em que o sujeito vive. Essas duas categorias, *identificação e adolescência*, formam os dois eixos em torno dos quais o presente estudo se desenvolve. A pesquisa, elaborada a partir dos fundamentos teórico-clínicos de Freud e de Lacan, destaca o movimento lógico da passagem, sob os efeitos da castração, de um primeiro momento da identificação imaginária filho-falo para a identificação simbólica em sua condição de introjeção da Lei. São consideradas as condições históricas da vida de cada um dos sujeitos participantes da pesquisa, as circunstâncias nas quais aconteceram os homicídios e o sentido da internação para esses adolescentes. Sobretudo busca-se uma escuta ao pé da letra, cujo objetivo maior é o de apreender, do ponto de vista da sua particularidade, os nexos que constituem a estrutura psíquica de cada sujeito em questão. De modo específico busca-se apreender os nexos entre o processo identificatório, a função materna, a função paterna e o estabelecimento da Lei simbólica para adolescentes autores de homicídio. A tese sustentada nesse trabalho é que para os adolescentes sujeitos dessa pesquisa o ato infracional violento e homicida advém da falha na passagem da identificação imaginária para a identificação simbólica. Emerge deste estudo que falta na particularidade histórica desses sujeitos uma referência identificatória sob a qual seja possível apoiar-se para dizer sim à castração, reconhecer a própria condição de faltoso e advir como sujeito de desejo.

Palavras Chave: Identificação. Adolescência. Lei. Homicídio.

ABSTRACT

SANTOS, A. J. (2014). *The Identification and the Adolescents who have committed homicide*. Doctoral Thesis. Graduate Program in Clinical Psychology and Culture. University of Brasilia. Brasília, DF.

The present study investigates the subjective constitution of adolescents who have committed homicide, to achieve this it seeks to understand the processes of identification and its relations with the establishment of the symbolic Law for these subjects. In Freudian theory, *the identification* emerges as a concept derived from the clinical phenomena, participates directly in the destinies of sexuality and, finally, it is understood as an unconscious process in fundamental subjective constitution of each human. In the context of this study, the adolescence is conceived as a bio-psycho-social phenomenon strongly determined by the form of social organization, cultural, political and economical in which the subject lives. These two categories, *identification* and *adolescence*, form the two axes around which the present study develops itself. The research, based on the theoretical-clinical fundaments of Freud and Lacan, emphasizes the logical movement of passage, under the effects of castration, of a first moment of the imaginary identification son-phallus for the symbolic identification in its condition of introjection of the Law. Are considered the historical conditions of the life of each one of the subjects of the survey participants, the circumstances in which the homicides occurred and the sense of internment for these adolescents. Especially one seeks to a “literal” listening, whose major objective is to understand, from the point of view of its special features, the links that constitute the psychic structure of each subject in question. Specifically one seeks to capture the links between the identificatory process, the maternal role, the paternal function and the establishment of the symbolic Law for adolescents authors of murder. The thesis sustained in this study is that for the adolescents subjects of this research the violent delinquency and homicidal come from the failure of the passage from imaginary identification to the symbolic identification. Emerges from this study that lack in the historical particularity of these subjects an identificatory reference under which it is possible to hold to say yes to castration, to recognize the own condition of defaulting and arise as a subject of desire.

Key words: Identification, Adolescence, Law, Homicide

SUMÁRIO

Introdução	10
1 Gênese e desenvolvimento do conceito de identificação na obra freudiana	19
1.1 Freud e a descoberta do inconsciente	19
1.2 Identificação e formações do inconsciente	26
1.2.1 Identificação e A Interpretação dos Sonhos	26
1.2.2 Identificação e formação dos sintomas histéricos	34
1.2.3 Identificação, atos falhos e chistes	38
1.3 O processo de identificação e a metapsicologia freudiana	41
1.4 Identificação e Narcisismo	46
1.5 O processo de identificação e a constituição psíquica	49
1.5.1 O Supereu: <i>pathos</i> , sombrio e sublime.....	52
2 Adolescência	59
2.1 Adolescência: fenômeno da Modernidade	59
2.2 Da sexualidade infantil à adolescência	60
2.3 A passagem adolescente: do ideal ao espelho vazio	67
2.4 Adolescência e laço social contemporâneo	77
2.5 Do Ideal do Eu ao o Eu Ideal: dever ser e sonho de ser	82
3 A lei, o ato infracional e a medida socioeducativa	90
3.1 A medida socioeducativa de internação	91
3.2 O Centro de Internação para Adolescentes – CIA	92
3.3 Adolescentes internados no CIA autores de homicídio	93
4 A tríade mãe-filho-falo: gozo, angústia e violência?.....	95
4.1 Da mãe onipotente ao pai potente	109
4.2 Identificação, angústia e violência	117
5 Adolescentes autores de homicídio: do vazio constitutivo à violência?	121
5.1.1 O Bom Menino e sua mãe	122
5.1.2 Meu pai... Meu pai mesmo eu não conheço	124
5.1.3 Meu pai ganhava pouco, até hoje ele ganha pouco	127
5.1.4 Eu chorava de saudade da minha mãe... Amor de mãe é único, né?	128
5.1.5 Ele foi um grande homem pode se dizer	131
5.1.6 A minha mãe é que nem eu	133

5.1.7	Comecei a usar maconha com 12 anos	134
5.1.8	Conheci gente que era pior que eu... Sei lá... Queria ser igual a eles	137
5.1.9	Eu respondo por um latrocínio, mas o tanto de mortes eu não sei	140
5.1.10	Se eu não estivesse preso eu já estaria morto	146
5.1.11	Dava vontade mesmo, matava só... Só pra ver ele cair mesmo	147
5.2.1	Mulequim	149
5.2.2	A minha infância foi muito boa, eu fui muito mimado, eu tive tudo	152
5.2.3	Sempre foi a minha mãe. Ela me deu muito amor, fazia tudo para mim	153
5.2.4	Mandava... Meu pai era um pai muito bom. Isso foi só um tempo	156
5.2.5	Foi ruim. Eu já estava grande. Foi ruim	158
5.2.6	Aí, foi só envolvendo com esses trens errados, comecei a usar droga	161
5.2.7	Ele fazia os trem errado e eu fazia com ele	163
5.2.8	Eu já fui preso altas vezes	164
5.2.9	Aí, eu peguei e dei um tiro nele	165
5.2.10	Só queria ficar de boa, ter carro, esses trens, dinheiro	169
5.3.1	Vida Boa	170
5.3.2	Sempre era brinquedo, alegria, eu era feliz. Era assim, feliz!	172
5.3.3	Tudo que eu pedia ela fazia, minha mãe me mimava muito	172
5.3.4	Ele quem mandava em mim	173
5.3.5	Eu sei o que é errado e o que não	174
5.3.6	Passou um tempo ele ficou com dificuldades e foi embora	175
5.4.1	Neguímos quatro olhos	177
5.4.2	Meu pai! Era ele quem dizia o que era certo e o que era errado	178
5.4.3	Eu queria ser como meu irmão e ser caminhoneiro	180
5.4.4	O erro foi meu!	181
5.4.5	Eu nunca pensei que ia ser capaz de fazer um trem desses.....	184
5.4.6	Pra mim foi a coisa mais ruim que tive	186
5.4.7	Acho que eu sofri calado, né?	188
5.5	Considerações finais	190
6	Conclusão.....	192
7	Referências bibliográficas	200

Introdução

A música Piada Infeliz composta por Gonzaguinha diz: “[...] O fogo apagado, o fim da partida, um jogo jogado na ponta do punhal. O peito sangrando, ainda brincando diante da morte, brincando de morrer talvez tão só. Melhor que a desgraça do riso sem graça, melhor que alegrar a rainha em sua piada infeliz”. Essa canção remete fortemente à experiência com a qual me deparei nesse estudo que investigou A Identificação e o Adolescente Autor de Homicídio. Empreitada que visou conhecer a constituição subjetiva de adolescentes cujas vidas percorreram caminhos do matar e do morrer.

Trata-se de um conjunto de experiências de horror e fascínio diante dos relatos de mortes brutais. Relatos como esses que, por exemplo, refletem o *pathos* entranhado na condição humana:

O primeiro cara que eu peguei foi porque ele estava devendo droga pra mim. Eu tinha uns treze ou quatorze anos. Eu sei que eu fui na casa dele, eu estava com uma faca, ele chegou perto de mim e eu dei uma facada no pescoço dele bem aqui ó. Ele caiu no chão e começou a espirrar sangue, foi um trem... Sei lá. Aí eu peguei dei uma facada no pescoço dele de cada lado, a cabeça dele quase caiu no chão. Foi... Assim... Uma cena de filme.

Relatos que revelam que o extraordinário, o estranho, o fora da norma, o marginal, o louco e o bárbaro exercem grande fascínio ao mesmo tempo em que provoca horror sobre os que se consideram sujeitos normais, sadios e civilizados. Contudo, a potência das descobertas freudianas, em parte, reside na superação da diferença rígida entre o normal e o anormal. O que implica que todos nós que nos percebemos do outro lado da exclusão – qual lado? – também somos protagonistas e coadjuvantes da trama *patológica* que é a experiência humana.

Da minha parte, nunca me esquecerei da experiência que vivi quando era ainda adolescente participante de um grupo de jovens católicos que desenvolvia atividades solidárias em um grande presídio da cidade de Aparecida de Goiânia-Go. Era uma confraternização, era uma partida de futebol no campo de terra batida localizado na área intramuros do presídio. Nosso time do grupo de jovens contra o time dos detentos.

Enquanto o time deles atacava eu esperava no meio do campo, um dos meus companheiros recuperou a bola e lançou para mim que corri sozinho em direção ao gol adversário. Na algazarra da torcida escutei ou alucinei alguém gritando: pega ele matador! Olhei para traz e vi um sujeito negro com dois metros de largura correndo, bufando atrás de mim. Corri o máximo que pude, desesperado de medo, dei um *bico* na bola que bateu na trave e passou por cima do muro. Continuei a correr até passar o gol, quando olhei para traz vi “o matador” e toda a turma rindo a valer.

A experiência contada acima é tomada como um exemplo de como o fora da lei é, por vezes, percebido. Além disso, ilustra como a sociedade atual percebe o adolescente autor de ato infracional que é tratado mais como caso de polícia do que como questão social.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo 2º, considera adolescente uma pessoa que possui entre doze e dezoito anos de idade. No senso comum o termo adolescência também aparece relacionado ao fenômeno da puberdade. De qualquer forma, a adolescência é considerada como um momento situado antes da vida adulta e depois da infância. Uma vez que diferenças biológicas, sociais e culturais participam diretamente do processo de desenvolvimento, a adolescência é pensada, no âmbito deste estudo, como um fenômeno biopsicossocial fortemente determinado pela forma de organização social, cultural, política e econômica do contexto em que o sujeito vive.

Atualmente, todos nós que lidamos com adolescentes, seja na prática clínica, seja na pesquisa, seja no âmbito jurídico ou social, seja na vida familiar ou escolar cotidiana, somos desafiados a compreender uma realidade que parece metamorfosear e que recusa dar-se a conhecer. Fenômenos como adolescentes em conflito com a lei que, por exemplo, cometem homicídios, tal qual exemplificado acima, sustentam uma

provocação incessante aos vários setores da sociedade contemporânea e desafiam tanto seus dispositivos legais quanto seus pressupostos teóricos, técnicos e metodológicos. Frente a tal incitação, a sociedade contemporânea tenta responder com medidas socioeducativas, sistemas de reclusão, propostas de redução da maioria penal etc. A cada proposta, novas discussões surgem e sustentam o dissenso. Em meio a tal movimento, instituições como a escola, a família e outras que participam privilegiadamente no início do processo de constituição psíquica recorrem aos profissionais do campo psicológico em busca de cumplicidade no entendimento da realidade adolescente.

O meu interesse em estudar questões ligadas à adolescência teve seu início na clínica com adolescentes. Posteriormente, no mestrado em psicologia, realizei uma pesquisa sobre a constituição psíquica do adolescente buscando refletir acerca da particularidade de sua relação com as figuras parentais. O projeto de doutorado teve seu início com meu interesse em realizar estudos acerca da gênese e do desenvolvimento do conceito de identificação na teoria freudiana. Logo, essas duas categorias, identificação e adolescência, formam os dois eixos em torno dos quais o presente estudo se desenvolve.

Na teoria freudiana a noção de identificação surge ligada à formação dos sintomas, dos chistes, dos atos falhos e dos sonhos. Em função desse nexo a identificação aparece desde os primórdios da teoria psicanalítica como uma apreensão nocional de importante valor clínico. Além disso, à medida que a teoria psicanalítica desenvolve-se, sob a pena de Freud, a identificação adquire lugar central no entendimento dos fenômenos psíquicos. Centralidade que ganha relevo quando, na elaboração da segunda tópica, Freud eleva o processo de identificação – *Identifizierung* – a uma categoria fundamental na constituição da subjetividade. Então, a identificação

emerge como uma noção derivada dos fenômenos clínicos, que participa diretamente nos destinos da sexualidade e, por fim, é entendida como um processo inconsciente fundamental na constituição subjetiva de cada humano.

Ao longo dos estudos e da orientação, vi, por um lado, a importância de dar continuidade aos estudos sobre a adolescência e, por outro lado, a oportunidade oferecida pelo orientador professor Dr. Francisco Martins de pesquisar a relação entre o processo de identificação, enquanto fenômeno psíquico inconsciente, e a constituição psíquica do adolescente na contemporaneidade. À medida que os passos foram dados as idéias sobre o projeto tornaram-se mais claras. Assim, deparei-me com o objetivo de compreender as relações entre a identificação e o adolescente em conflito com a lei.

Baseando-me neste objetivo visitei as três unidades de internação de adolescentes da comarca de Goiânia-GO. Nessas visitas aconteceram conversas informais com os psicólogos e psicólogas que trabalham diretamente no acompanhamento dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de internação. Além das conversas informais aconteceram reuniões com as equipes técnicas e reuniões com a coordenação do Centro de Internação de Adolescentes. Foi necessário abrir um processo junto ao juizado da infância e juventude e solicitar permissão para acessar os documentos e para entrevistar os adolescentes. O contato com os documentos e com os adolescentes somente foi iniciado após o recebimento da autorização do juizado e do parecer consubstanciado do comitê de ética em pesquisa da UFG.

Trabalhei exclusivamente com os adolescentes internados no CIA – Centro de Internação de Adolescentes – porque nessa unidade é que são internados os adolescentes que respondem pelos atos infracionais considerados mais graves por envolverem alto grau de violência física e atentado contra a vida. Outro critério utilizado na seleção dos

participantes da pesquisa foi quanto ao ato infracional praticado: deveria participar da pesquisa somente adolescentes internados no CIA que respondessem a processo por homicídio. Com a adoção desse critério pretendi apreender a máxima expressão possível, no âmbito do presente estudo, do fenômeno do adolescente em conflito com a Lei. Por fim, defini que seriam privilegiados os adolescentes internados no CIA autores de homicídio que não tivessem sua desinternação prevista para data anterior ao término do prazo determinado pelo juizado da infância e juventude para a realização das entrevistas.

Para a realização das entrevistas, primeiro obtive a autorização judicial para fazer contato com os sujeitos. Depois foi feito contato com a direção do CIA para selecionar os sujeitos e planejar as entrevistas. Então, fiz os contatos com os adolescentes selecionados e com seus responsáveis, nesse contato foram assinados os TCLEs – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O presente estudo tem uma pretensão qualitativa na qual as particularidades históricas e a singularidade de cada sujeito são consideradas em uma busca de apreender os nexos constitutivos de sua subjetividade. Para responder a tal pretensão, foram realizadas entrevistas com quatro adolescentes e com as mães de dois deles, ao todo foram realizadas dez entrevistas clínicas. Os principais critérios para inclusão na pesquisa foram: ter praticado homicídio; não ter previsão de desinternação para o primeiro semestre de 2013; aceitar participar das entrevistas. Com a devida autorização dos adolescentes e dos seus responsáveis as entrevistas foram gravadas e transcritas pelo próprio pesquisador. Durante as entrevistas buscou-se uma escuta clínica, de modo que as direções de sentido foram minimamente fornecidas, pretendo chegar o mais próximo possível da técnica da associação livre.

As entrevistas clínicas realizadas nesse estudo caracterizam-se por não apresentarem qualquer estrutura prévia. No início de cada entrevista é pedido ao sujeito que fale livremente sobre sua vida. Apesar das entrevistas não serem estruturadas elas apoiam-se fortemente na teoria psicanalítica. Em função desse referencial teórico, durante as entrevistas, buscou-se uma escuta que privilegiasse mais os significantes que os significados. Evitava-se fazer perguntas ao sujeito, perguntas somente eram feitas no intuito de manter o sujeito falando sobre sua vida. Quando na fala do sujeito emergia algo que poderia ser considerado relevante à luz dos estudos realizados, buscava-se pedir que os sujeitos falassem mais sobre aquela questão. Por meio das entrevistas orientadas pela escuta clínica foi pretendido debruçar-se sobre a história de vida dos sujeitos, sobre seu sofrimento e sua paixão e desse *pathos* fazer derivar um saber acerca da verdade do sujeito que fala, saber acerca da verdade do seu desejo.

Pretendi que a condução das entrevistas clínicas permitisse a expressão de fantasias e de derivados simbólicos da representação presente nos discursos dos sujeitos. Tal como uma metáfora utilizada por Freud (1913) que diz que, em relação ao analisante, o analista se comporta como um viajante de trem que se senta na poltrona do corredor enquanto o analisante, que se senta ao lado da janela, vai ao longo da viagem descrevendo a paisagem. Contudo, se por um lado, ouve-se a descrição feita pelos sujeitos acerca da sua história de vida, por outro lado, o que é buscado é escutar os significantes que emergem em seu discurso e que lhes constituem enquanto sujeitos. A escuta clínica entende, então, que há certa distância entre o dizer e o dito, entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente presentes no discurso dos sujeitos. É desse modo que os sujeitos, muitas vezes, são mais falados que falantes.

No primeiro capítulo desse texto é apresentada a gênese e o desenvolvimento do conceito de identificação na obra freudiana. Para tanto, além dos textos do próprio

Freud e de autores pós-freudianos, é tomado como referência o eficiente trabalho de pesquisa de Jean Florence (1978). Nessa parte são percorridos os passos de Freud na descoberta do inconsciente e depois a identificação é destacada como fenômeno presente do início ao final das elaborações freudianas. Além disso, a identificação é pensada em sua relação com a constituição do aparelho psíquico, nesse tópico leva-se em conta principalmente a relação entre identificação e formação do supereu.

No segundo capítulo é abordada a adolescência como um fenômeno da Modernidade, bem como sexualidade e adolescência referidas ao campo psicanalítico. É colocada em pauta a constituição psíquica do adolescente e seus modos de participação no tecido social. Nesse momento também é considerado problema do narcisismo e sua relação entre o Eu Ideal e o Ideal do Eu, bem como a questão da internalização da Lei em sua dimensão simbólica, por exemplo, enquanto interdição ou autorização subjetiva para o ato de matar.

Já na terceira parte é feita uma breve apresentação da legislação brasileira acerca da infância e da adolescência e uma primeira análise das características dos adolescentes internados no CIA. Nesse momento são comparados os dados socioeconômicos dos adolescentes internados no CIA de modo geral e os dados dos adolescentes autores de homicídio.

A quarta parte, intitulada “A tríade mãe-filho-falo: gozo angústia e violência”, é dedicada a pensar o problema da passagem da identificação imaginária à identificação simbólica e sua importância na constituição do aparelho psíquico. Também é considerada a relação identificação, angústia e violência. É proposto que frente à carência ou insuficiência de referenciais identificatórios o adolescente realiza uma experiência da angústia e frente à angústia que emerge de tal opacidade especular ele pode reagir com violência, chegando ao diapasão do homicídio.

A quinta parte comporta uma reflexão aos moldes da escuta psicanalítica sobre as dez entrevistas clínicas que foram realizadas com os adolescentes autores de homicídios. Além das entrevistas com os adolescentes foram feitas entrevistas com as mães de dois desses sujeitos. Nessa parte buscam-se os nexos constituintes da subjetividade desses sujeitos de modo a estabelecer relações entre sua posição subjetiva e a prática dos homicídios. Ainda nessa parte, intitulada “Adolescentes autores de homicídio: do vazio constitutivo à violência?”, buscou-se compreender o que foi escutado na fala dos sujeitos. Foram consideradas as condições históricas da vida de cada um dos sujeitos, as circunstâncias nas quais aconteceram os homicídios, e o sentido da internação para esses adolescentes. Sobretudo buscou-se uma escuta ao pé da letra, cujo objetivo maior foi o de apreender, do ponto de vista da sua particularidade, os nexos que constituem a estrutura psíquica de cada sujeito em questão. Em sua singularidade buscou-se estabelecer relações entre o processo de identificação e a constituição subjetiva. De modo específico buscou-se apreender os nexos entre o processo identificatório, a função materna, a função paterna e o estabelecimento da Lei simbólica para esses adolescentes autores de homicídio.

Portanto, a questão que orienta o presente estudo é: quais são as relações entre os desenvolvimentos do processo de identificação e o estabelecimento da Lei simbólica para cada um dos sujeitos escutados?

1. Gênese e desenvolvimento do conceito de identificação na obra freudiana

Na obra de Freud, o conceito de identificação assumiu progressivamente o valor central que faz dela a operação pela qual o sujeito humano se constitui.

Jean Laplanche

1.1 – Freud e a descoberta do inconsciente

Nessa parte da reflexão é discutida a emergência da identificação, enquanto fenômeno psíquico reconhecido por Freud, e sobre as articulações entre a identificação e os conceitos emergentes no primeiro momento¹ de construção da teoria freudiana. Sobretudo, buscou-se apreender as implicações entre a identificação, como fenômeno que surge na cena clínica nos primórdios da psicanálise, e os fenômenos que possibilitaram a Freud a descoberta do inconsciente. Diante disso tentar-se-á, antes de pensar o fenômeno da identificação, seguir os passos de Freud nesse caminho da descoberta do inconsciente.

As obras sobre os sonhos, sobre a psicopatologia da vida cotidiana e sobre os chistes constituem um tripé fundamental da teoria freudiana. Nessas obras Freud demonstra, pela via das suas manifestações, a existência do inconsciente como fundamento da psicanálise. Contudo, Freud não chegou a essas obras de uma só vez, podemos reconhecer seu tatear em publicações que vieram antes da sua compreensão acerca do inconsciente. O próprio Freud aponta que esse tatear lhe é anterior ao lembrar que

o conceito de inconsciente por muito tempo esteve batendo aos portões da psicologia, pedindo para entrar. A filosofia e a literatura quase sempre o manipularam distraidamente, mas a ciência não lhe pôde achar uso. A psicanálise apossou-se do conceito, levou-o a sério e forneceu-lhe um novo conteúdo. Por suas pesquisas, ela foi conduzida a um conhecimento das características do inconsciente psíquico que até então não haviam sido suspeitadas, e descobriu algumas das leis que o governam (Freud, 1940 [1938]/1976, p. 321).

¹ Período que vai aproximadamente entre 1891 e 1913.

A literatura, a filosofia e as artes de modo geral já haviam se deparado com o inconsciente antes de Freud, sabemos inclusive o quanto o próprio Freud serviu-se dessas produções para realizar a “sua descoberta do inconsciente”. Por exemplo, o fato de que um Theodor Lipps tenha publicado uma certa descoberta do inconsciente alguns anos antes de Freud publicar sua *Die Traumdeutung* é incontestável. Segundo Anne Durand (2003), em agosto de 1896 Lipps fez uma conferência no congresso de psicologia de Munique² intitulada O Conceito de Inconsciente em Psicologia. Em A Interpretação dos Sonhos Freud cita as *vigorosas palavras* de Lipps segundo as quais “O inconsciente é a verdadeira realidade psíquica; *em sua natureza mais íntima, ele nos é tão desconhecido quanto a realidade do mundo externo, e é tão incompletamente apresentado pelos dados da consciência quanto o é o mundo externo pelas comunicações de nossos órgãos sensoriais*” (Lipps, T. *apud* Freud, 1900/1976, p. 651). Para Lipps o inconsciente é o objeto da psicologia, enquanto ciência não há para a psicologia outro objeto de estudo possível.

Mas se as idéias acerca da existência de processos inconscientes não são inaugurais em Freud, foi ele o primeiro a considerar tais processos em uma perspectiva clínica, também foi ele o primeiro a propor uma teoria do aparelho psíquico considerada em seus aspectos econômico, dinâmico e topológico. Além disso, segundo Lacan (1964), o fundamental é que para Freud a realidade do inconsciente é sexual, ou seja, a sexualidade é estritamente consubstancial à dimensão do inconsciente.

Em 1898 Freud volta sua atenção para fenômenos psíquicos ordinários e escreve “O mecanismo psíquico do esquecimento”, sua curiosidade científica o levou a deslizar dos distúrbios psicopatológicos ‘anormais’ para o estudo de ‘falhas’ psíquicas comuns e

² Freud não pode participar do congresso de Munique de 1896 devido ao estado de saúde de seu pai que viria a falecer em outubro do mesmo ano.

cotidianas que até então não tinham recebido qualquer atenção da comunidade científica. Nesse texto, Freud realiza estudos sobre as *parapraxias* e faz isso ao descrever e explicar o esquecimento de nomes próprios. Logo depois, ao publicar *Lembranças Encobridoras* (1899), Freud leva em conta a importância da infância na organização psíquica humana e discute falhas no processo mnêmico de recuperação dos fatos ocorridos na infância. Nesse estudo ele diz:

Ninguém contesta o fato de que as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixam traços inerradicáveis nas profundezas de nossa mente. Entretanto, ao procurarmos averiguar em nossa *memória* quais as impressões que se destinaram a influenciar-nos até o fim da vida, o resultado é, ou absolutamente nada, ou um número relativamente pequeno de recordações isoladas, que são frequentemente de importância duvidosa ou enigmática (1899/1976, p. 333).

Em 1901 Freud publica *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*, trata-se de um texto fundamental, nele os dois trabalhos anteriores são retomados, ampliados e, em edições posteriores, são recheados de belos exemplos. São descritas, explicadas e exemplificadas falhas na memória ou esquecimentos (*Vergessen*), falhas na língua (*Versprechen*), falhas na leitura (*Verselen*), falhas de audição (*Verhören*), etc. Enfim, nesse estudo, Freud esclarece uma ampla gama de situações em que as funções de síntese, de controle e a intencionalidade consciente falham, chamou de ‘ato falho’ todo ato em que essa falha ocorre e entendeu que todo ato falho é, na verdade, dotado de significado, é, portanto uma linguagem. Através dos estudos sobre as formações do inconsciente Freud estendeu o campo de estudo da psicanálise para além dos limites do que era considerado anormal, extraordinário e patológico.

É importante destacar no texto freudiano o fato de trabalhar com fenômenos muito comuns e muito conhecidos, Freud vê no ordinário o que a maioria antes e depois dele não pode e não quer ver. O inconsciente é apontado por ele, desde o início, como existência que faz furo e produz seu discurso no entretexto, no reverso. É na falha de todo um sistema, supostamente ordenado por certa razão, que o erro comparece

portando sua verdade e diz o que o falante ainda não pode saber que sabe. Para Lacan (1964) o inconsciente manifesta-se como aquilo que vacila no corte donde emerge uma realidade do sujeito que é desde sempre claudicante.

Além desse destaque, Freud diz que esses fenômenos ‘nada têm a ver com doenças’. Ele escolhe estudar e conhecer fatos comuns das pessoas comuns e, desse modo, tira a psicanálise do campo limitado à clínica médica e instaura a necessidade de uma lógica outra, para além do controle racional e da experiência positiva. Esse movimento implica todo e cada ser humano. Todos, sadios e doentes, normais e anormais estão inscritos nesse *pathos*. Todos estão sujeitos a essa instância psíquica que se serve da falha e fala mais que o intencional consciente, produzindo sucessivas relações. Nisso todos somos falhos e nenhum de nós é senhor de seus sentimentos, pensamentos, ações ou desejos.

Freud (1905) revela definitivamente o domínio perene do inconsciente sobre a vida consciente. Ao interpretar fatos corriqueiros da vida cotidiana atribuiu uma verdadeira significação ao ato falho, mostrando que é possível relacioná-lo aos motivos inconscientes de quem o comete. Mas ao discutir os motivos inconscientes intrínsecos aos atos falhos é importante também considerar que para Freud, por um lado, as palavras têm sempre uma intenção consciente e se estabelecem sempre em um esforço de troca entre pelo menos duas pessoas, por outro lado, as palavras são da ordem da falta e portadoras do engano. Em 1916, antes das pesquisas de Lévi-Strauss sobre a Eficácia Simbólica, Freud chama atenção para o fato de que

as palavras, originalmente, eram mágicas e até os dias atuais conservaram muito do seu antigo poder mágico. Por meio de palavras uma pessoa pode tornar outra jubilosamente feliz ou levá-la ao desespero, por palavras o professor veicula seu conhecimento aos alunos, por palavras o orador conquista seus ouvintes para si e influencia o julgamento e as decisões deles. Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens (1916/1976, p. 29).

Diante da surpresa, às vezes desconcertante, de um ato falho têm-se a impressão de um erro e de um fracasso da linguagem, mas é exatamente aí que entra a genialidade de Freud, pois se toda palavra é carregada de significação, os atos falhos carregam, também eles, uma função de linguagem. No deslizamento da cadeia significante revelam a existência do desejo inconsciente, apontam para importância de se considerar o inconsciente estruturado como uma linguagem, como ensina Lacan. Ainda que Freud, em seu tempo, não pôde contar com os recursos da linguística, por isso serviu-se como pode dos estudos da filologia e das teorias da comunicação.

Em toda formação do inconsciente deve se supor a operação de processos de condensação e deslocamento que exercem o efeito de cifrar, pela metáfora e pela metonímia, o desejo inconsciente. Voltando a questão dos atos falhos, Lacan diz que “quanto à psicopatologia da vida cotidiana, outro campo consagrado por outra obra de Freud, está claro que todo ato falho é um discurso bem-sucedido, ou até formulado com graça, e que, no lapso, é a mordaca que gira em torno da fala, e justamente pelo quadrante necessário para que um bom entendedor encontre ali sua meia palavra” (Lacan, 1953/1986, p. 269).

Esquecimentos em geral, falhas ao falar, ouvir, ler e escrever, atos descuidados, atos casuais e sintomas, juntamente com os sonhos, constituem mecanismos através dos quais conteúdos inconscientes afirmam, pelo negativo, sua não resignação à inexistência. Essa valorização de objetos de estudo considerados como o “refúgio do mundo dos fenômenos” (Freud, 1916/1976, p. 41), desprezados por cientistas e pelas pessoas comuns em suas avaliações usuais, talvez tenha sido um dos mais importantes instrumentos dos quais Freud se serviu para demonstrar a determinação da vida inconsciente sobre a totalidade dos atos conscientes.

Ao falar sobre o esquecimento de nomes Freud diz que trata-se tanto dos casos em que o nome é *esquecido* quanto dos casos em que o nome é erroneamente lembrado. Foi exatamente o fato de não conseguir se lembrar de um nome que está ‘na ponta da língua’ e ainda o fato de outro nome aparecer na memória em substituição ao nome que se pretendeu recordar que mais chamou sua atenção. “O processo que deveria levar à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, *deslocado*, e por isso conduziu a um substituto incorreto” (Freud, 1901/1976, p.19).

Diante da análise dos diversos casos de atos falhos, esquecimentos em geral, falhas ao falar, ouvir, ler e escrever, atos descuidados, atos casuais, etc., Freud conclui que em todos os casos *o esquecido, errado ou distorcido* possui alguma associação com um conteúdo de pensamento inconsciente. E é esse conteúdo a fonte do efeito de *falhar*. Nesse sentido esquecer é uma forma de lembrar, errar é acertar, trata-se de uma fala certa que diz o que o falante ainda não sabe que sabe.

Falando de suas experiências, Freud (1916) relata que em seus esquecimentos de nomes quase sempre descobre que aquele nome que ele não consegue recuperar no momento está relacionado a um tema que lhe é de grande importância pessoal e que se fosse lembrado naquelas circunstâncias lhe provocaria afetos penosos. Diz ele:

Portanto, meus pensamentos são perpassados por uma corrente contínua de **auto-referência** da qual, em geral, não tenho nenhum indício, mas que se denuncia através desses exemplos de esquecimentos de nomes. É como se eu estivesse obrigado a comparar comigo tudo o que ouço a respeito de outras pessoas; como se **meus complexos pessoais** fossem postos em alerta todas as vezes que tenho notícia de outra pessoa. É impossível que isso seja uma peculiaridade individual minha; deve conter, antes, uma indicação da maneira como entendemos o “outro” em geral. Tenho razões para supor que, nesse aspecto, as outras pessoas sejam bem parecidas comigo (1916/1976, p. 38).

Para Freud o esquecimento, bem como todo ato falho, se põe a serviço do psiquismo alinhando-se ao princípio de prazer. É através do ato falho que o psiquismo evita situações que de algum modo seriam desprazerosas para o sujeito. Trata-se sempre da economia psíquica. É exatamente aí, na relação entre desejo e proibições que o ato

falho fala. Como fala! Fala da verdade do sujeito, do seu *assujeitamento*, da verdade do seu desejo e da sua impossibilidade. “Por conseguinte, o ato falho adquire uma função útil” (Freud, 1916/1976, p. 34).

Freud foi um desconfiado da consciência humana em todos os seus aspectos. Essa desconfiança, associada ao espírito científico, lhe permitiu ir além do aparente e imediato e, assim, desvelar elementos essenciais do psiquismo humano presentes em fatos corriqueiros e ordinários. Em 1939 Freud justifica e mantém sua desconfiança ao declarar que após todas suas pesquisas sobre o psiquismo foi impossível

[...] demonstrar, em relação a outros assuntos, que o intelecto humano possua um faro particularmente bom para a verdade, ou que a mente humana demonstre qualquer inclinação especial para reconhecê-la. Encontramos antes, pelo contrário, que nosso intelecto facilmente se extravia sem qualquer aviso, e que nada é mais facilmente acreditado por nós do que aquilo que, sem referência à verdade, vem ao encontro de nossas ilusões carregadas de desejo (1939/1976, p. 153).

Em *Construções em Análise* (1937), Freud diz que “[...] o trabalho da análise visa a induzir o paciente a abandonar as repressões (empregando a palavra no sentido mais amplo) própria a seu primitivo desenvolvimento e a substituí-las por reações de um tipo que corresponda a uma condição psiquicamente madura” (1937/1976, p. 292/293). É através da associação livre que o falante produz material que pode permitir o descobrimento do conteúdo recalçado falando através da vida do sujeito. Como diz Freud, trata-se de algo vivo, o recalçado é vivo e atuante, é exatamente essa atuação que permite seu conhecimento. Isso quer dizer que “todos os elementos essenciais estão preservados; mesmo coisas que parecem completamente esquecidas estão presentes, de alguma maneira e em algum lugar, e simplesmente foram enterradas e tornadas inacessíveis ao indivíduo” (Freud, 1937/1976, p. 294).

Portanto, Freud denomina por inconsciente não somente uma instância psíquica, mas “[...] um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor – devido a

algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos -, mas do qual nada sabemos” (Freud, 1933 [1932]/1976, p. 90).

Servindo-se das contribuições da linguística e do estruturalismo Lacan diz: “o inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar” (Lacan, 1953/1986, p. 260). E Lacan indica os lugares onde essa falta se inscreve. Em primeiro lugar no corpo, indicando que o sintoma histérico apresenta a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição. Lacan continua dizendo que esse discurso se inscreve no que chamou de documentos de arquivo, ou seja, as lembranças da infância na evolução semântica que corresponde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular. Bem como nas tradições, nas lendas que veiculam minha história. Por fim, nos traços que obrigatoriamente estão presentes nas minhas lembranças encobridoras, nos erros de memória, nas distorções do trabalho do sonho, etc (Lacan, 1953/1986).

Foi em um ambiente de rupturas políticas, éticas e epistemológicas que Lacan disse que o discurso psicanalítico distanciado dos fundamentos freudianos não passa de um *vagido*, balbúcio de bebê. O que está em questão é restabelecer a originalidade do campo freudiano que para Lacan fundamenta-se em sua relação com linguagem. Ele afirma que “a descoberta de Freud é a do campo das incidências, na natureza do homem, de suas relações com a ordem simbólica, e do remontar de seu sentido às instâncias mais radicais da simbolização no ser” (Lacan, 1953/1986, p. 276). Essa concepção é radical, não só o inconsciente é estruturado como uma linguagem, como esta é condição da humanidade.

1.2 - Identificação e formações do inconsciente

Como o próprio Freud parece não se cansar de demonstrar, suas teorizações emanaram da sua prática clínica. Foi exatamente na experiência clínica com seus pacientes que Freud deparou-se com o fenômeno que ele nomeou por identificação – *identifizierung*. Ao que consta nas fontes consultadas acerca do sentido dessa expressão em alemão, ela carrega mais uma noção de processo que de um acontecimento acabado. É isso o que se pode encontrar nos escritos de Freud seja na *Die Traumdeutung*, onde a identificação surge no processo de trabalho do sonho, seja nos casos clínicos, principalmente o Caso Dora, onde a identificação opera no processo responsável pela escolha dos sintomas, seja, por fim, nas análises dos atos falhos e dos chistes nos quais a identificação também se faz presente. A importância do conceito de identificação para os fundamentos da psicanálise é tal que, como aponta Martins (2013), “nos Estudos sobre Histeria e na Interpretação dos Sonhos ele está presente e bem diferenciado de maneira que podemos dizer ser um conceito fundador do entendimento psicanalítico do Inconsciente” (Martins, 2013, p. 01).

Além disso, podemos apreender a importância do processo identificatório nos movimentos que engendram os narcisismos primário e secundário e sua importância para a estruturação do Eu. Tal movimento tem participação privilegiada na elaboração da metapsicologia e, na virada de 1920, emerge como um dos elementos fundantes da constituição psíquica. Por isso nos deteremos em cada um desses degraus da construção freudiana.

1.2.1- Identificação e A Interpretação dos Sonhos

No início de *A Interpretação dos Sonhos* Freud propõe elucidar os processos oníricos e afirma que apresentará “[...] provas de que existe uma técnica psicológica que torna possível interpretar sonhos, e que, se esse procedimento for empregado, todo

sonho se revela como uma estrutura psíquica que possui um significado e que pode ser inserido como um ponto designável nas atividades mentais da vida de vigília” (1900/1976, p. 01). Contudo, antes de apresentar tais provas Freud expõe uma exaustiva revisão sobre ‘A Literatura Científica que trata dos Problemas dos Sonhos’. Segundo suas pesquisas, os sonhos foram, e talvez ainda sejam tratados como comunicação divina ou demoníaca. Apresentaram caráter premonitório e adivinhatório, mas não eram entendidos como uma atividade psíquica daquele que sonha. Seja como uma revelação dos deuses ou dos demônios os sonhos tinham sua origem fora do universo psíquico do sonhador.

Para Freud, “o ponto de vista pré-científico acerca dos sonhos adotado pelos povos da antiguidade estava, por certo, em completa harmonia com sua visão do universo em geral, que os levou a projetar no mundo exterior, como se fossem realidades, as coisas que de fato fruía à realidade apenas dentro de suas próprias mentes” (1900/1976, p. 05). De certo modo essa atribuição do sonho à vida psíquica do sonhador possibilitou uma série de estudos sobre os sonhos. Freud aponta como resultado desses estudos, em primeiro lugar, concepção de que as imagens oníricas mantêm estreita relação com a vida de vigília, apesar de serem produções independentes desta. De acordo com esse ponto de vista, os sonhos são produções que se sustentam sobre os elementos apreendidos na vida em vigília, mas que não se resumem a reproduzi-la. “Todo o material que compõe o conteúdo de um sonho é derivado, de algum modo, da experiência, ou seja, foi reproduzido ou lembrado no sonho – tanto que, pelo menos, podemos considerar como fato indiscutível” (Freud, 1900/1976, p. 11).

A isso Freud acrescenta que a relação entre as imagens oníricas e a vida em estado de vigília não é evidente e nem se revela prontamente. Tal relação se revela

mediante árduo trabalho de interpretação. Segundo ele “somos assim impelidos a admitir que, nos sonhos, conhecíamos e nos recordávamos de algo que estava além do alcance de nossa memória de vigília” (Freud, 1900/1976, p. 11). Além dessa relação, Freud ressalta que a infância é uma rica fonte de material para os sonhos.

Ele apresenta quatro fontes dos sonhos, elencadas a partir das divergências encontradas nas discussões acerca desse assunto. As investigações sobre os sonhos estavam nas mãos das ciências biológicas e da psicologia. O resultado desse panorama é expresso nas seguintes hipóteses sobre as fontes dos sonhos: (A) estímulos sensoriais externos que podem interferir em nosso sono, sendo introduzidos nos sonhos; (B) estímulos sensoriais internos; (C) estímulos somáticos; (D) estímulos exclusivamente psíquicos.

É importante ressaltar que ao falar dos elementos psíquicos Freud faz uma diferenciação entre o que é reproduzido a partir da experiência e aquilo que ele chamou de sonhos por associação. Esta última categoria dá entrada para os elementos psíquicos inconscientes na formação dos sonhos.

É a partir dos estudos de Havelock Ellis (1899) que os sonhos passam a ser identificados como a expressão de “um mundo arcaico de vastas emoções e pensamentos imperfeitos” (Freud, 1900/1976, p. 62). Os sonhos portam um sentido desfigurado, travestido dos elementos psíquicos.

A essas características dos sonhos são acrescentados duas discussões importantes. As temáticas tangenciam a preservação ou não da atividade intelectual na vida onírica e o caráter moral dos sonhos. Se por um lado Freud consegue alcançar um consenso referente à manutenção da atividade intelectual no sono, ou seja, o que promove seus efeitos nos sonhos. Por outro lado, elenca uma série de fatores que

insinuam a culpabilidade do sujeito pela produção de sonhos “ímorais”, ressaltando, ao mesmo tempo, a involuntariedade da produção nos sonhos.

Podemos afirmar que Freud adotara uma perspectiva psíquica sobre a fonte dos sonhos relacionando elementos da vida em vigília com elementos produzidos pelas funções psíquicas. Sobre a possibilidade de interpretação dos sonhos Freud diz que “é sempre possível ir até *certa* distância; suficientemente longe, de qualquer modo, para convencer-nos de que o sonho é uma estrutura com um significado e, em regra, bastante longe para obter um vislumbre de qual seja esse significado” (1900/1976, p. 560). Aí vemos como Freud, não só sustenta que o sonho é uma estrutura, como afirma tratar-se de uma estrutura “provida de sentido”. A partir de tal afirmação se pode pensar acerca da dimensão languageira do inconsciente. No que o sonho possui sentido, é feito de linguagem, possui uma linguagem e pode ser tomado interpretativamente enquanto uma estrutura. Freud acrescenta que “com muita frequência, um sonho que vem logo a seguir permite-nos confirmar e levar adiante a interpretação que adotamos experimentalmente para seu antecessor. Muitas vezes, uma série de sonhos que se estende por um período de semanas ou meses está baseada num fundo comum e, por conseguinte, deve ser interpretada como um conjunto interligado” (Freud, 1900/1976, p. 560). O trabalho do sonho a partir dos mecanismos de condensação e deslocamento exige, para sua interpretação, que o sonho seja tomado pelo viés das suas produções metafóricas e metonímicas. Isso implica tomar o sonho em uma cadeia significante que produz substituições metafóricas e deslizamentos metonímicos.

Acerca do tecido simbólico presente no sonho Freud ainda diz que “os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama

é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio” (Freud, 1900/1976, p. 560).

Mas Freud ainda salienta que há algo de impossível no sonho, ele afirma que por melhor analisado que seja um sonho sempre fica um resto sem sentido, uma parte que resiste a simbolização e que aponta para os limites do sistema simbólico frente ao real. A essa parte Freud nomeou “umbigo do sonho, ponto onde ele mergulha no desconhecido” (Freud, 1900/1976, p. 560).

Em suma, destacamos as seguintes características: os sonhos como produções da atividade psíquica; os sonhos relacionam-se com a vida em vigília do sonhador; os sonhos podem ser pelo menos parcialmente interpretados; os sonhos são modos de realização de desejos.

Acerca da importância do desejo na formação do sonho Freud relembra uma argumentação, oferecida por um de seus alunos, no mínimo interessante. Diz ele: “Eu mesmo não sei com que sonham os animais. Mas um provérbio, para o qual minha atenção foi despertada por um de meus alunos, alega realmente saber. “Com que”, pergunta o provérbio, “sonham os gansos?” E responde: “Com milho”. Toda a teoria de que os sonhos são realizações de desejos se acha contida nessas duas frases” (Freud, 1900/1976, p. 141/142). Desse modo alegórico, Freud aponta a radicalidade de sua posição no que diz respeito à participação do desejo na formação e como realização do sonho. Pois para ele, os sonhos “[...] não são destituídos de sentido, não são absurdos; [...] Pelo contrário, são fenômenos psíquicos de inteira validade - realizações de desejos; podem ser inseridos na cadeia dos atos mentais inteligíveis de vigília; são produzidos por uma atividade mental altamente complexa” (1900/1976, p. 131).

É nesse contexto das produções de *A Interpretação dos Sonhos* [*Die Traumdeutung* – 1900] que a identificação é apontada por Freud como elemento

psíquico participante no trabalho do sonho. Além disso, em sua análise do Caso Dora, publicado em 1905 sob o título *Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria*, Freud apresenta a identificação como algo subjacente à formação dos sintomas. Em *Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905) pode-se apreender a relação entre a identificação e a *intenção inconsciente* que se efetua na formação das tiradas espirituosas. Assim, nos primeiros escritos de Freud, em sua visão topológica do psiquismo, a noção de identificação aparece referida ao conflito psíquico, à pulsão e ao recalçamento. Através dos sonhos, dos sintomas, dos chistes e dos atos falhos Freud pôde supor a existência do inconsciente e ao descrever tais formações deparou-se com a identificação como um fenômeno psíquico inconsciente a operar na cena psíquica. Desse modo, pode-se refletir sobre a identificação articulada ao processo produtor das formações do inconsciente.

Frente a esse intuito é importante considerar que o interesse de Freud pelos sonhos emerge de sua própria vida onírica e dos sonhos de seus pacientes, que, em função dos seus sintomas, comprometidos com a técnica da associação livre, eram orientados a comunicarem seus pensamentos sobre todos os assuntos, incluindo os sonhos. Diz Freud:

Foi no decorrer desses estudos psicanalíticos que cheguei à interpretação dos sonhos. Meus pacientes comprometeram-se a comunicar-me todas as idéias e pensamentos que lhes ocorressem em relação com algum assunto específico; entre outras coisas, narraram-me seus sonhos e assim informaram-me que um sonho pode ser inserido na cadeia psíquica que tem de ser remontada na lembrança oriunda de uma idéia patológica (1900/1976, p. 108).

Com isso, Freud compreende que os sonhos são produtos psíquicos que podem ser originados das mesmas fontes dos sintomas, bem como dos atos falhos e chistes. Isso quer dizer que o interesse de Freud pelos sonhos emana da clínica. Em função dessa dimensão clínica os sonhos são também pensados em sua relação com os sintomas que levam os pacientes a clínica psicanalítica.

Pois bem, nos três primeiros capítulos de *A Interpretação dos Sonhos* Freud se ocupou em revisar as teorias sobre os sonhos, apresentar sua técnica para a interpretação e, depois, afirmar que todo sonho está diretamente comprometido com a formação e realização de desejos. Do quarto capítulo em diante, Freud, apesar de não abandonar a argumentação anterior, analisa os mecanismos presentes na formação dos sonhos, ou seja, ‘a psicologia dos sonhos’ propriamente dita. É nesse momento que o fenômeno da identificação emerge em *A Interpretação dos Sonhos* onde o termo ‘identificação’ é empregado por aproximadamente 26 vezes. Ao longo de toda a obra tal expressão parece adquirir sentidos relativamente distintos que, por sua vez, devem ser, tanto quanto possível, explicitados e analisados.

Ao discutir sobre os mecanismos de distorção dos sonhos³ Freud analisa um sonho de uma paciente com objetivo de sustentar a afirmação de que todos os sonhos são realizações de desejos. Em sua argumentação ele diz que sua paciente, no sonho em questão, se ‘identifica’ com uma amiga de quem tem ciúmes. Considerando a identificação

[...] o sonho adquirirá nova interpretação, se supusermos que a pessoa indicada no mesmo não era ela própria, mas a amiga, que ela se colocara no lugar da amiga, ou, como poderíamos dizer, que se ‘identificara’ com a amiga. Creio que ela havia de fato feito isso e a circunstância de haver provocado um desejo renunciado na vida real era prova dessa identificação (Freud, 1900/1976, p. 159).

A identificação toma importante lugar no processo de formação do sonho, por seu meio o trabalho do sonho opera o disfarce do desejo que se realiza no sonho. É por meio da identificação que duas ou mais pessoas podem ser representadas no sonho através de uma só coisa que lhes é comum, ou uma pessoa pode ser representada por outra, etc. Nesse processo, o traço comum que possibilita a combinação das duas ou

³ No capítulo IV – *A Distorção dos Sonhos* – é que Freud utiliza pela primeira vez na *Die Traumdeutung* o termo “Identificação”. Porém, Freud já havia usado a expressão Identificação, no sentido considerado nesse trabalho, na Carta 58, de 8 de fevereiro de 1897.

mais pessoas, não é necessariamente representado no sonho. “Essa figura, obtida por identificação ou por composição, fica então admissível ao conteúdo do sonho, sem censura, e assim, utilizando a condensação do sonho, atende às reivindicações da censura onírica” (Freud, 1900/1976, p. 342). E a figura composta serve exatamente à finalidade de causar suficiente distorção na representação do elemento proibido. O que é admissível no plano da consciência é o resultado de um trabalho que serve para atenuar o conflito psíquico. A pessoa ou conteúdo psíquico proibido pode, desse modo, acessar a consciência com a condição que sua representação não seja reconhecida.

De certo modo, Freud define que essa figura única ou coisa resultante do processo de identificação tem a função de ser um elemento encobridor. Ele diz ainda que “na composição, onde isso se estende a pessoas, a imagem onírica contém traços que são peculiares a uma ou a outra das pessoas em causa mas que são comuns a elas; de modo que a combinação desses traços leva ao surgimento de uma nova unidade, uma figura composta” (Freud, 1900/1976, p. 341).

Assim, por meio da identificação podem-se obter frequentemente as condensações extraordinárias para o conteúdo do sonho. Através da condensação é possível poupar representações diretas de situações muito complexas substituindo a representação de uma pessoa pela representação de outra relacionada ao tema em questão. A identificação serve, por um lado, ao trabalho da censura que impede o acesso à consciência da representação recalcada. Por outro lado, a identificação serve à economia psíquica ao favorecer certo modo de satisfação indireta do desejo inconsciente. Segundo Freud, “a identificação ou a produção de figuras compostas serve a várias finalidades nos sonhos: em primeiro lugar, para representar um elemento comum a duas pessoas, em segundo, para representar um elemento comum *deslocado*,

e, em terceiro, também para expressar um elemento comum meramente impregnado de desejo” (1900/1976, p. 343).

Segundo Jean Florence (1984), a identificação é descrita em a Interpretação dos Sonhos como uma condensação que opera sobre a representação das pessoas. Por meio da identificação o sonhador pode se inserir em determinado conteúdo conflituoso de um sonho, driblando a censura e identificando-se com outra pessoa. Segundo Freud, “sempre que meu próprio ego não aparece no conteúdo do sonho, mas somente alguma pessoa estranha, posso presumir com segurança que meu próprio ego está oculto, por identificação, por trás dessa outra pessoa; posso inserir meu ego no contexto” (Freud, 1900/1976, p. 343).

Assim, a identificação produz conteúdos manifestos que podem acessar a consciência deixando suprimidas as imagens que não foram aceitas pela censura. “Por meio de várias dessas identificações torna-se possível condensar um volume extraordinário de material do pensamento” (Freud, 1900/1976, p. 344). Desse modo, toda espécie de conteúdo relacionado ao sonhador pode ser representado por meio da identificação e produzir conteúdos manifestos no sonho sem que o sonhador seja desperto de seu estado de sono. Tal capacidade de associar várias representações resulta no hiato, descoberto por Freud, entre o conteúdo latente o conteúdo manifesto do sonho. Caracterizando o caráter lacônico do sonho e garantindo um mascaramento mínimo necessário a manutenção do sonho.

1.2.2 – Identificação e formação dos sintomas histéricos

Para Florence (1984), tanto a identificação que ocorre no sonho quanto a identificação presente na formação do sintoma histérico repousam sobre o fantasma

inconsciente presente na constituição subjetiva de cada sujeito. Enquanto no sonho a identificação produz cenicamente uma figura alucinada desse fantasma, na formação do sintoma a identificação o repete de modo dramático no real do corpo.

Freud aponta a importância da identificação na formação dos sintomas histéricos que emergem nos sonhos. A identificação é tomada como um processo psíquico que possibilita aos sujeitos a expressão, em seus sintomas, tanto de suas experiências pessoais como das experiências de outros sujeitos, “[...] permite-lhes, por assim dizer, sofrer em nome de toda uma multidão de pessoas e desempenhar sozinhas todos os papéis de uma peça” (1900/1976, p. 159).

O fenômeno da identificação adquire tal importância na etiologia dos sintomas histéricos que Freud percebe a necessidade de diferenciá-la da “simples imitação”. Sobre a diferença entre imitação e identificação Florence (1984) aponta que o que está em jogo na imitação é um modelo, um herói; já na identificação o que opera é da ordem de uma significação inconsciente. Diz ele: “Compreendemos que a identificação dramática põe em causa as pulsões e funcionam a partir dos seus signos, de seus ‘derivados’ que conseguem driblar a censura [...] Imitamos um eu constituído; identificamo-nos ao que se passa *entre* sujeitos nas garras das pulsões” (Florence, 1984, p. 56). Podemos então pensar com Freud e com Florence que o traço fundamental que diferencia a identificação da imitação é o fato de a identificação dizer respeito obrigatoriamente a um processo inconsciente.

A identificação “consiste na dedução inconsciente de uma inferência” (Freud, 1900/1976, p. 159). Nestes termos, um determinado sujeito infere algo sobre a etiologia dos sintomas histéricos do outro desenvolvendo em seguida o mesmo sintoma, uma vez que passou ou passa pela mesma experiência que, em sua concepção, desencadeou o sintoma em seu semelhante. Toda essa ocorrência deve-se a processos identificatórios

inconscientes. Certamente essa é a primeira tentativa freudiana de conceituar o fenômeno da identificação. Mas como se pode observar, nesse momento, Freud não desenvolve mais o conceito, ele abandona momentaneamente a conceituação e busca a exemplificação como recurso discursivo. Contudo, a principal característica da identificação é dada de modo aparentemente desprezioso na frase “[...] consiste na dedução inconsciente de uma inferência”. Se há algo que diz respeito ao fenômeno da identificação é que se trata sempre de processos inconscientes. Essa afirmação é de uma inegociável radicalidade. Portanto, aí está a identificação como um fenômeno inconsciente e que, por isso mesmo, se diferencia substancialmente da imitação. Nesse sentido a identificação surge como o processo psíquico subjacente à imitação ou à ‘infecção psíquica’. “A identificação não constitui uma simples imitação, mas uma *assimilação* à base de uma etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e se origina do elemento comum que permanece no inconsciente” (Freud, 1900/1976, p. 160). Nesses termos a identificação tem importante papel na formação dos sonhos e na etiologia dos sintomas histéricos.

Em consequência, podemos pensar a clínica psicanalítica em termos da clínica das identificações, o analista está sempre às voltas com uma questão acerca do objeto identificatório que estaria em operação na formação, por exemplo, da angústia, nas repetições neuróticas, nos sonhos, nos sintomas, nos atos falhos e nos chistes.

Em *Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria* (1905) Freud aproveita a abundância dos sintomas produzidos por Dora para demonstrar que, na histeria, o sintoma diz respeito à apresentação de um fantasma sexual. Entendendo a sexualidade em seu sentido estrutural pode se dizer que no sintoma está em jogo a mobilização de componentes infantis que seguem vias traçadas no corpo segundo um traçado erógeno primitivo privilegiado. “Assim o sintoma histérico, como cena fixada, se produz em

referência às outras pessoas à imagem dos protagonistas do cenário sexual de seu fantasma” (Florence, 1984, p. 25). Na análise de Dora, um importante elemento que se pode apontar em seu psiquismo é o fato de que o que constitui a estratificação de seu desejo é em efeito a identificação com seu pai.

Para Florence (1984), os sintomas de Dora são utilizados como pretexto para a realização de desejos secretos, ela se vê em seu pai, em Madame K e em sua prima. A identificação opera como uma máscara, sob seus efeitos Dora dissimula e torna-se cega aos seus incessantes desejos inconscientes. Nesta operação Dora, por um lado, é serva de um Eu que não quer saber de nada e, por outro lado, é serva de pensamentos inconscientes que são metaforizados sintomaticamente, sua doença expressa gozo e punição. “Lá onde ela proclama ser traída, ela se trai. Sua aparente passividade retorna em atividade que afeta ela mesma” (Florence, 1984, p. 28). Dora, ao desenvolver a tosse, denuncia em um único sintoma seu duplo pertencimento sexual e um antigo fantasma oral.

Na histeria a identificação desenvolve-se em ato por meio de uma efetiva realização do desejo que vai além da completude alucinatória, ato que transborda os limites do corpo, perturba o funcionamento dos órgãos que, então, falham. Partindo da identificação o sintoma histérico metaforiza na carne a realização do desejo. Se o sonho ultrapassa os contornos da percepção da realidade, o sintoma histérico ultrapassa os limites do corpo e se serve deste para colocar em jogo os elementos identificatórios que o constitui. Portanto, seja na formação dos sonhos, seja nos sintomas históricos a função da identificação é evitar demasiado conflito psíquico, enganar a censura e possibilitar alguma forma de satisfação do desejo inconsciente.

1.2.3 – Identificação, atos falhos e chistes

Além de deparar-se com o processo identificatório na formação dos sonhos e na produção dos sintomas histéricos, Freud aponta a identificação também em outras formações do inconsciente. Em *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901/1976) Freud fala sobre os *atos sintomáticos*, que segundo ele, são atos que expressam algo do qual o sujeito não suspeita e que não pretende conscientemente comunicar. Contudo, algo falha em sua comunicação e o de modo sutil ele acaba comunicando pensamentos, desejos, etc., que não intencionava comunicar.

Freud nos dá vários exemplos desses atos falhos e de como a identificação opera neles. Diz ele:

Uma identificação semelhante através da troca de nomes foi-me narrada por um jovem médico. Tímida e reverentemente, ele se apresentara ao famoso Virchow, dizendo 'Dr. Virchow'. O professor voltou-se surpreso e perguntou: 'Ah, o senhor também se chama Virchow?' Não sei como o jovem ambicioso justificou tal lapso de língua - se recorreu à desculpa lisonjeira de que se sentira tão insignificante diante do nome importante, que teve de esquecer seu próprio nome, ou se ele teve a coragem de admitir que desejava tornar-se um homem tão importante como Virchow, e de pedir ao professor que não o tratasse com tanto desprezo por causa disso (1901/1976, p. 113).

Nesse fragmento pode-se observar que a identificação participa no processo formador daquilo que Freud chamou de ato falho. Um conteúdo proibido, tornado inconsciente pela força do recalque, retorna e, ali onde a consciência falha, o sujeito do inconsciente fala, o ato falho do jovem médico fala e como fala. Fala o que o jovem não podia admitir, fala de sua admiração, talvez de sua inveja, fala de seu desejo de ser como o famoso médico e sabe-se do que mais se fala aí. Para Freud evidencia-se o desejo do jovem médico ser como o famoso Dr. Virchow e de não ser tratado com desprezo pelo mesmo. Certamente em um processo de análise tal ato falho poderia ser pensado em maior profundidade. Cavando mais fundo quem poderia prever o que haveria de emergir dali? Qual fantasma sustentaria a identificação do jovem médico com o famoso Dr. Virchow? Mas ao que parece o jovem médico não forneceu tal

informação. Segundo Freud, “na substituição de um nome por outro, a apropriação do nome de outra pessoa, a identificação por meio de um lapso ao falar o nome, deve significar um sentimento de estima que por algum motivo tem de permanecer nos bastidores naquele momento” (1901/1976, p. 113).

Além desse exemplo, Freud ainda relata o caso de outro médico que

aos oito anos, impressionou-se quando um menino mais velho lhe disse que o médico tinha hábito de ir para a cama com suas pacientes. Certamente havia alguma base real para esse boato; em todo caso, as mulheres da vizinhança, inclusive a própria mãe do sujeito, estavam muito afeiçoadas ao médico bonito e jovem. O próprio sujeito em diversas ocasiões já experimentara tentações sexuais em relação às suas pacientes; apaixonara-se por elas duas vezes e finalmente se casara com uma paciente. Dificilmente pode ser posto em dúvida que sua identificação inconsciente com o médico foi o motivo principal para ele adotar a profissão médica. Outras análises nos fazem supor que indubitavelmente este é o motivo mais frequente (apesar de ser difícil determinar a frequência). No presente caso havia uma determinação dupla: primeiro, pela superioridade do médico em várias ocasiões sobre o pai, do qual o filho sentia muito ciúme, e, segundo, pelo médico ter conhecimento de assuntos proibidos e oportunidades para satisfação sexual (1901/1976, p. 241).

Nesse trecho Freud demonstra a identificação operando de modo inconsciente tanto na escolha da profissão como na relação do sujeito com suas pacientes e na sua escolha da parceira de matrimônio. Além disso, Freud já aponta algo da identificação que diz respeito à como a identificação se articula com os conflitos parentais na experiência edípiana. Freud aponta aqui que o médico em questão escolhera sua profissão por um lado identificado com o médico de sua infância, por outro lado por perceber a superioridade do médico em relação a seu próprio pai. Por via de processos identificatórios inconscientes o jovem médico escolhera sua profissão. Também por via dos mesmos processos ele realizara certo enfrentamento da autoridade paterna frente aos ciúmes que sentira do pai em relação à mãe em sua vivência do conflito edípiano.

Por ora nos interessa apreender no percurso de Freud as articulações entre os processos identificatórios e as formações do inconsciente e, desse modo, discutir como essas últimas participam diretamente na descoberta Freudiana do inconsciente.

A apreensão dos processos identificatórios mostram com que amplitude e sutileza atos falhos, sintomas, sonhos e chistes, por vezes, acontecimentos insignificantes, são determinados por pensamentos inconscientes. Jean Florence diz que “a troca de um bom chiste se compreende doravante como a mudança mascarada dos desejos, como colocar em comum tensões subjetivas simbolizadas, como partilha da miséria da dura existência. A identificação se oferece como a mediação dessa troca” (Florence, 1984, p. 40).

Portanto, seja alucinatoriamente no sonho, seja dramaticamente na histeria, a identificação opera inconscientemente uma representação imaginária de comunhão mal-reconhecida pelo sujeito que sonha e que faz sintoma. Já no chiste, a identificação “[...] assegura uma solidariedade, condiciona o sucesso da comunicação de uma mensagem inconsciente e produz uma comunhão – efêmera –, mas efetiva. Graças a essa identificação – essa transferência de desejos – tem lugar uma sorte de pacto inconsciente cujo signo consciente é o riso” (Florence, 1984, p. 42).

Na formação do sintoma histérico, a identificação realiza de modo simbólico um compromisso entre uma tendência sexual e a proibição moral. Do mesmo modo, o sonho através da identificação realiza um desejo, pela plasticidade da vida onírica, igualmente censurado no psiquismo consciente. O ato falho parece ir pela mesma via, ou seja, comunica através de um ato sintomático um conteúdo do qual o sujeito não tem conhecimento consciente e que, portanto, não pretendia comunicar. Já o chiste, segundo Freud,

[...] é a mais social de todas as funções mentais que objetivam a produção de prazer. Convoca frequentemente três pessoas e sua completação requer a participação de alguém mais no processo mental iniciado. Está, portanto, preso à condição da inteligibilidade; pode utilizar apenas a possível distorção no inconsciente, através da condensação e do deslocamento, até o ponto em que possa ser reconstruído pela compreensão da terceira pessoa (1905/1976, p. 204/205).

Assim, podemos apontar que ao investigar o psiquismo Freud deparou-se com os processos identificatórios operando de modo fundamental nas formações do inconsciente. Contudo, nessa fase de sua produção teórica Freud não conceituou a identificação, a despeito de tê-la demonstrado. Será necessário percorrer toda sua metapsicologia e as proposições sobre o problema da formação do eu para então, na segunda teoria do aparelho psíquico, apreender as implicações da identificação de modo mais abrangente na teoria freudiana.

1.3 – O processo de identificação e a metapsicologia freudiana

Desses primeiros momentos em que Freud depara-se com o fenômeno da identificação no trabalho do sonho, na formação dos sintomas, nos atos falhos e nos chistes desenvolve-se a elaboração de uma metapsicologia buscando sistematizar essa gama de processos psíquicos. Além disso, “o enriquecimento do material analítico propiciado pela análise de fobias, de neuroses obsessivas e de psicoses vão fundir o trabalho da identificação aos problemas da ambivalência, do totemismo, da castração e da morte” (Florence, 1984, p. 59).

Na segunda fase da produção teórica de Freud⁴, pode-se apreender a identificação como uma categoria conceitual complexa, com articulações e implicações por vezes confusas e paradoxais. Neste momento da obra Freud aborda a questão da identificação em relacionada à relação com objeto e com o narcisismo. Em Leonardo da Vinci e uma lembrança de infância (1910) Freud propõe o narcisismo em implicação direta com identificação. Em Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914), Freud postula que é por meio da identificação com base no modelo dos pais ou seus substitutos que o

⁴ Aproximadamente entre 1914 e 1920.

sujeito se constitui ao realizar uma escolha de objeto por apoio, contrária a escolha de objeto narcísica. Contudo, antes dessa proposição Freud desenvolve a articulação entre identificação e narcisismo em outros momentos do seu trabalho.

Em Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença (1915) Freud propõe que o narcisismo é superado pela identificação. Já em a História de uma neurose infantil de 1918 - O Homem dos Lobos - Freud propõe que a identificação emerge como uma maneira narcísica de administração libidinal.

Em 1910 ao tentar entender como a condição sexual de Leonardo da Vinci repercutia nas possibilidades de sua criação artística Freud propõem que Da Vinci era homossexual com uma grande capacidade de sublimação. Nesta dinâmica é ao investigar como se dá a psicogêneses desse homossexualismo que narcisismo e identificação emergem como categorias importantes.

Freud expõe que a configuração familiar de Leonardo da Vinci fez com que o seu desenvolvimento psicosexual fosse matizado por algumas colorações específicas. O mesmo teria sido filho bastardo de Sir Pierro, um rico e bem sucedido morador da cidade de Vinci e teria por mãe Caterina, que era uma camponesa. Essa origem ilegítima teria deixado Leonardo da Vinci sob os cuidados exclusivos de sua mãe até o final da primeira infância, possibilitando que a vinculação erótica entre mãe e filho se desenvolvesse de maneira especialmente intensa e somente posteriormente teria entrado em contato com seu pai biológico. Freud faz menção a esta condição ao descrever que

No mesmo ano em que Leonardo nasceu, segundo as fontes oficiais, seu pai, Ser Piero da Vinci, casou-se com Donna Albiera, senhora de boa origem. Foi devido à esterilidade desse casamento que o menino foi recebido em casa de seu pai (ou melhor, em casa de seu avô) - coisa que havia acontecido quando ele se encontrava pelos cinco anos, segundo atesta o documento. Ora, não é comum logo no princípio de um casamento trazer um filho ilegítimo para ser cuidado pela jovem esposa, que ainda espera ser afortunada com o nascimento de seus próprios filhos. Muitos anos de frustração terão certamente decorrido antes da decisão de adoção do filho ilegítimo - que provavelmente já se havia tornado um garoto interessante - para compensar a ausência dos filhos legítimos desejados (1910/1976, p.98).

As implicações retiradas desta condição devem, no entanto, ser tomadas com cuidado, pois existe uma grande dificuldade em traçar exatamente como foram os primeiros 30 anos da vida deste artista. Nota-se uma considerável criação imaginária sobre a biografia de Leonardo da Vinci, bem como uma relativa raridade dos dados cientificamente reconhecidos. Apesar disto a grande diferença social entre a mãe deste artista, uma camponesa, e seu pai, um notório e bem sucedido morador da cidade de Vinci, não fecham totalmente as portas para que algo próximo do que foi relatado por Freud tenha de fato ocorrido.

A possibilidade de Caterina se relacionar quase que exclusivamente com o seu filho Leonardo, sem a presença da pessoa de Sir Piero, fizeram com que o drama edípico de Leonardo da Vinci fosse pautado, por um lado, pelo desejo materno, que capturava a pequena criança, erotizando a cena e por outro lado pelo desejo incestuoso do filho que encontrava, em certa medida, respaldo na atitude da mãe. Todavia deve ser ressaltado que a função do pai na estruturação do complexo de Édipo não repousa necessariamente na sua presença física, mas sim nas possibilidades de atuar como um operador estrutural, de maneira que a configuração psíquica apresentada por Leonardo da Vinci diz respeito à totalidade de sua história particular.

Considerando a importância das relações parentais no desenvolvimento do psiquismo, Freud propõe que Leonardo da Vinci quando criança possuía um intenso amor por sua mãe, porém, em alguma medida, sob eles já pairava a interdição do incesto. Segundo Freud, uma vez que o amor incestuoso do menino pela mãe não pode encontrar livre trânsito para se desenvolver “o menino reprime o seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual” (1910/1976, p.106).

Esse movimento de identificação é sistematizado em textos metapsicológicos ulteriores. A substituição de catexias objetais por uma identificação é inicialmente explicitada em 1917 na obra *Luto e melancolia*, e é tomada como um procedimento fundamental para o psiquismo.

O homossexual, recorrendo à identificação, ama a figura infantil de si mesmo encarnada nos seus objetos. Essa maneira específica de amor é definida por Freud, neste momento, como sendo narcísica: “[o homossexual ama] figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância – meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo” (Freud, 1910/1976, p.106). Portanto, diante da impossibilidade de atendimento do desejo incestuoso Leonardo da Vinci renuncia o seu desejo sexual por sua mãe, recalçando-o. Concomitantemente ocorre a identificação com a figura materna e a eleição de um objeto de amor baseada no narcisismo. É esse o primeiro exemplo da relação entre narcisismo e identificação, condição esta que pode ser sintetizada na frase: o narcisismo é decorrência da identificação. A questão, contudo, não é tão simples, pois em momentos ulteriores os textos de Freud apontam para elaborações das implicações entre identificação e narcisismo diferentes daquela postulada no artigo sobre Leonardo da Vinci.

Em *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença* (1915), a identificação é pensada como fenômeno psíquico possibilitador da superação de uma escolha sexual de caráter narcísico. É importante notar que o referido artigo foi publicado após a publicação de *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, texto capital para a discussão da identificação. Freud propõe que foi por se colocar no lugar da mãe que a paciente pode se relacionar com homens e efetuar uma mudança na posição homossexual para uma posição heterossexual. Dito de outra maneira: foi através da

identificação que a paciente pode abandonar objetos homossexuais, eleição esta que repousa em uma base narcisista, se relacionando então com pessoas do sexo oposto. Essa resolução se tornou possível devido ao fato de que a identificação é a maneira mais antiga de promover um vínculo emocional, sendo daí que provém a dimensão regressiva própria desse fenômeno. Desse modo é possível afirmar que uma escolha objetal narcisista foi superada pela identificação.

Uma terceira concepção pode ser apreendida em um texto escrito em 1914 e publicado em 1918, denominado de História de uma neurose infantil. O caso apresentado nessa obra é um dos mais extensos e complexos exemplos clínicos de Freud, sendo fruto de uma análise que se desenrolou por mais de quatro anos. O sujeito desta análise ficou conhecido na literatura psicanalítica como Homem dos Lobos, o caso apresentado não abordava diretamente os sintomas neuróticos atuais do paciente, mas sim as manifestações neuróticas da sua infância.

Diante de uma impossibilidade de manter uma vinculação objetal é realizada uma identificação, que no caso do Homem dos lobos apresentou a especificidade de não ser em relação ao objeto perdido, mas sim de renovar uma identificação primitiva, que pode ser considerada como a primeira possibilidade de relação com um objeto (Freud, 1921). Nesse contexto vale salientar que o investimento libidinal em uma identificação é essencialmente narcisista.

Em resumo, acerca do desenvolvimento do conceito de identificação, pode-se encontrar na segunda fase da obra freudiana pelo menos três diferentes proposições. Em 1910 a identificação é apontada como fenômeno psíquico que norteia o modo narcísico de escolha de objeto, pois foi ao identificar-se com a mãe que o Leonardo da Vinci pode amar sujeitos semelhantes a ele mesmo. Nesse momento a identificação surge como uma substituição de relações objetais impossíveis de serem mantidas. Em 1915 a

identificação é tomada por Freud como elemento possibilitador da mudança de uma escolha objetal narcísica e, portanto, abandono da posição homossexual. Por fim, em 1918, O Homem dos Lobos, após as ameaças de castração, escolhe seu pai como objeto, atualizando assim uma primitiva forma de relação, que consistia na identificação que ocorria em conformidade com o seu narcisismo. Isso permite que afirmemos que nesse momento a identificação emerge como uma maneira narcísica de administração libidinal.

1.4 – Identificação e Narcisismo⁵

Florence aponta a dificuldade cada vez maior para se estabelecer uma ordenação cronológica da construção freudiana sobre o conceito de identificação. Além das contribuições e novas reflexões advindas da clínica, surge a necessidade de reafirmar com clareza a importância da teoria da sexualidade, da etiologia da sexual das neuroses e do complexo de Édipo em função das deserções de Adler (1911), Stekel (1912) e de Jung (1913). Diante disso, a identificação é conceitualizada em meio a repetições, revisões, hesitações e antecipações próprias a toda reflexão teórica-clínica, o que torna pouco produtivo tentativas de se estabelecer um ordenamento linear da elaboração do conceito de identificação.

A investigação freudiana sobre o desenvolvimento sexual insere a delimitação do conceito de identificação no contexto de uma reconstrução genética do desenvolvimento das pulsões. É no interior do esforço para restituir conceitualmente os tempos e os locais do desenvolvimento da sexualidade que vai operar a inserção do

⁵ Na teoria freudiana sobre narcisismo as questões relativas ao *Eu ideal* e ao *ideal do Eu* são fundamentais, por isso optou-se em trabalhá-las separadamente na parte 2.5 - Do ideal do Eu ao Eu Ideal: dever ser e sonho de ser.

conceito de identificação em outro espaço teórico além daquele proposto nos estudos acerca dos sonhos e dos sintomas. “Momento mítico onde o que será ‘um corpo’ se esboça na dispersão de zonas erógenas e nas pulsações do desejo” (Florence, 1984, p. 62).

A respeito da relação entre o processo de identificação e o desenvolvimento da sexualidade Freud diz:

A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferirmos, *canibalesca*. Aqui, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na *incorporação* do objeto - modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da *identificação*, um papel psíquico tão importante. Um vestígio dessa fase construída de organização, que somos forçados a perceber pela patologia, pode ser visto na sucção do polegar, em que a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, substitui o objeto estranho por outro situado no próprio corpo do paciente” (Freud, 1905/1972, v. VII, p. 204).

Freud se refere ao primeiro momento de organização da sexualidade nominando-o de *fase oral canibalesca*. Mas o que caracteriza esse momento de organização? Se a pulsão segundo Freud é composta por objeto, pressão, meta e fonte, na citação de *Três Ensaio*s referida acima ele diz que na fase *oral canibalesca* a atividade sexual ainda não se separou da atividade de nutrição. Nessa fase *canibal* a boca é a única via aberta por onde ambas as atividades se exercem. É pela boca que a atividade de nutrição é sexualizada e por onde a sexualidade nascente se impõe à carne no encontro com o seio que verte leite e prazer. “Duas atividades; o objeto de uma é também o objeto da outra” (Florence, 1984, p. 62). O objetivo da alimentação é ingestão do leite que diminuirá temporariamente a tensão da fome, o objetivo da atividade sexual é a incorporação (*Einverleibung*) do objeto.

Mas o que tem de psíquico na incorporação? Para Florence o que tem de especificamente sexual na incorporação é o que ela tem de psíquico. A observação da sucção, do ato de chuchar permite evidenciar a relação intrínseca entre a atividade

alimentar e a atividade sexual que se exerce pela via oral. “O dedo sugado, funcionando como um substituto do seio, não vem consagrar a perda definitiva do objeto comum às duas atividades e abrir, desunindo essas atividades, a série de objetos sexuais, a começar por uma parte do corpo próprio, etc.” (Florence, 1984, p. 63).

Há certas relações do tipo anaclítico, ou seja, relações de apoio do sexual sobre o não sexual que se fundam sobre o fato de terem inicialmente o mesmo objeto, somente após a ruptura dessa comunhão de objetos é que emerge o sexual na forma de autoerotismo. Pode-se afirmar que o psiquismo ou sexual constitui o jogo da substituição como elaboração da perda do objeto. Ainda segundo Florence (1984) essas linhas de Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade merecem toda nossa atenção, pois elas anunciam o caráter polimorfo e multi-dimensional da identificação. Além disso, no bojo dos estudos contidos nos Três Ensaio, ao pensar a hiância presente entre biológico e psíquico no campo da sexualidade, Freud pôde estabelecer a sexualidade como motor da gênese psíquica.

A atividade psíquica consecutiva à fase oral não recebe do seu primeiro regime de funcionamento a marca de seu destino ‘canibal’? Amar, é devorar. Amar, é assimilar o objeto. Tais seriam as formas ‘orais’ do amor e da atividade sexual em regime primitivo. Esse é o sentido da relação de um processo dito ‘prototípico’ e um processo mais tardio. Se toda atividade de amar fica marcada de oralidade, *a identificação aparece como uma elaboração psíquica da sexualidade oral: ela ‘oralisa’ ou ‘canibalisa’ o objeto de amor.* E ver, sentir, tocar, acariciar, falar na medida em que são sexualizadas obedecem à *esse objetivo sexual incorporativo.* O canibalismo psíquico seria, desse modo, o objetivo sexual originário e permanente, imprimindo ao movimento das fases de organização ulteriores sua marca (Florence, 1984, p. 63/64).

O terceiro capítulo de Leonardo da Vinci uma Lembrança de sua Infância é fundamental para o propósito de se pensar a relação entre identificação e narcisismo. Nesse texto Freud apresenta as teses que constituem uma preparação imediata do texto de 1914, Sobre o Narcisismo: uma introdução. A discussão sobre os avatares das escolhas sexuais de Leonardo apontam diretamente para a discussão sobre a relação entre identificação e narcisismo. Para Florence, “é surpreendente que a noção de

identificação não apareça uma só vez no texto teórico sobre o narcisismo, quando é sabido que Freud já havia reconhecido que a identificação é um destino radiante da libido narcísica” (1984, p. 66).

Em *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), Freud aponta a escolha de objeto como algo que opera de modo decisivo na constituição do psiquismo. É nesse sentido que se pode destacar a importância da relação entre a identificação e o narcisismo, ambos relacionados à estruturação psíquica. “A função sexual da fantasia é fornecer os objetos imaginários – objetos substitutos – à pulsão sexual em plena reorganização, a função da identificação se articula a esse trabalho de escolha do objeto” (Florence, 1984, p. 65). Acerca da escolha objetal Freud ensina que ela pode se acontecer por duas vias distintas: por apoio, construída sobre os modelos da satisfação das necessidades infantis; pela via narcísica que busca o próprio e o re-encontra em outras pessoas.

1.5 – O processo de identificação e a constituição psíquica

A partir da década de 1920, articulando sua segunda teoria do aparelho psíquico, Freud reafirma a identificação como a base do processo de constituição do Eu e do Supereu. O Eu seria constituído à base de identificações com objeto de amor bem como com base nas identificações com objetos perdidos. Já o Supereu é constituído com base na internalização das figuras de autoridade externa. Nesse momento a identificação é tomada como um processo constitutivo do psiquismo. Processo que tem seu início desde o nascimento e "é uma forma muito importante de vinculação com outra pessoa, provavelmente a primeira forma" (Freud, 1932[1933]/1976, p. 82). Assim, a identificação opera processualmente na constituição do Eu, pela via da identificação a criança introjeta seus primeiros objetos de amor e pode, assim, desligar-se deles. A

identificação funciona como um modo do psiquismo primitivo aceitar perder seus objetos primários.

Freud diz que "identificações desse tipo, cristalização de catexias objetais a que se renunciou, repetir-se-ão muitas vezes, posteriormente, na vida da criança; contudo, está inteiramente de acordo com a importância afetiva desse primeiro caso de uma tal transformação o fato de que se deve encontrar no ego um lugar especial para seu resultado" (1932[1933]/1976, p. 83).

Além disso, Freud argumenta que a constituição do Superego opera psiquicamente como um "veículo da tradição". Tradição aqui é tomada com todo seu peso, trata-se de modos de delineamentos do comportamento social. Freud chega a afirmar que tal compreensão ajuda a pensar o problema da delinquência. Ele diz que

o superego de uma criança é, com efeito, construído segundo o modelo não de seus pais, mas do superego de seus pais; os conteúdos que ele encerra são os mesmos, e torna-se veículo da tradição e de todos os duradouros julgamentos de valores que dessa forma se transmitiram de geração em geração. Facilmente podem adivinhar que, quando levamos em conta o superego, estamos dando um passo importante para a nossa compreensão do comportamento social da humanidade - do problema da delinquência, por exemplo - e, talvez, até mesmo estejamos dando indicações práticas referentes à educação (1976/1932, p. 87).

Em sua célebre resposta à carta de A. Einstein intitulada Por Que a Guerra? Freud propõe que "[...] se o desejo de aderir à guerra é um efeito do instinto destrutivo, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe o seu antagonista, Eros" (1933[1932]/1976, p. 255). Partindo dessa idéia Freud fala em vínculos emocionais, entre os homens, de duas naturezas. Primeiro, podem ser relações objetais inibidas em sua finalidade sexual. O segundo tipo desses vínculos são exatamente as identificações. Pois estas podem levar os homens a compartilhar interesses e a experimentar certa comunhão de sentimentos. No decorrer da história constatamos que a guerra, de fato, se mostrou inevitável e que seu caráter marcadamente segregacionista aponta para processos de identificação. De um lado, um povo que talvez se considerasse superior e

que, pela via da identificação, sentia-se ameaçado pelo que era considerado diferente. De qualquer modo, para fins da nossa discussão, devemos considerar com Freud que a estrutura da sociedade humana, com seus conflitos e contradições, baseia-se em grande escala nas identificações.

Os conflitos que se desenvolvem no psiquismo, oriundos dos investimentos pulsionais e da regulação coletiva, são fundamentais para o estudo em questão, mas não basta pensar nos conteúdos permitidos ou recalcados, é necessário voltar à atenção para aquilo que age no sentido de inibir a livre satisfação pulsional. Se há no aparelho psíquico a pressão das pulsões que buscam a satisfação, há também uma força reguladora de tais exigências, de tal forma que o aparelho psíquico, mais especificamente o Eu, sofre certa divisão e uma parte do próprio Eu se coloca como instância de proibição e de imperativos. Foi a partir da compreensão desse conflito estabelecido entre a satisfação da pulsão e o recalçamento que Freud pôde fazer a seguinte afirmação:

Os seres humanos adoecem de um conflito entre as exigências da vida instintual e a resistência que se ergue dentro deles contra esta; e nem por um momento nos esquecemos dessa instância que resiste, rechaça, reprime, que consideramos aparelhada com suas forças especiais, os instintos do ego (Freud, 1933 [1932]/1976, p. 75).

Essa instância que se ergue no interior do Eu, chamada por Freud de Supereu, em determinado momento do desenvolvimento passa a desempenhar o papel que anteriormente foi desempenhado pela autoridade dos pais.

1.5.1 – Supereu⁶: *pathos*, sombrio e sublime

Enquanto categoria teórica, o Supereu foi formulado por Freud na segunda teoria do aparelho psíquico, sua apresentação conceitual é inaugurada no texto *O Eu e o Id* (1923) e retomada nos textos que se seguem à virada da década de 1920. Mas antes de buscarmos nesses textos a construção do conceito de Supereu vejamos como seus rudimentos nocionais já estão presentes tanto nas primeiras experiências clínicas, quanto nas elaborações teóricas inaugurais de Freud. A psicanalista argentina Marta Gerez-Ambertin (2006; 2009) chama a atenção para os rudimentos do Supereu presentes nos primeiros casos clínicos e nos primeiros escritos teóricos de Freud, onde o termo Consciência Moral pode ser apreendido como uma expressão primitiva do Supereu.

No *Projeto para uma psicologia científica* Freud diz que “o desamparo inicial do ser humano é a fonte primordial de todos os motivos morais” (Freud, 1950[1895]/1977, p. 422). Nos *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*, especificamente na carta 71, Freud se serve da tragédia de *Hamlet* e afirma que “sua consciência moral é o seu sentimento inconsciente de culpa” (Freud, 1950[1892-1899]/1977, p. 359). Nessas publicações pré-psicanalíticas Freud já afirmava que a trilogia originária parricídio, culpa e autopunição prevalece na posterior formação da Consciência Moral. Esta trilogia comparece nos primeiros casos clínicos de Freud por meio dos sintomas, dos chistes, dos atos falhos e dos sonhos presentes no discurso dos seus primeiros analisantes numa época em que a Consciência Moral possuía existência apenas nocional. Na carta 64, de 31 de maio de 1897, Freud fala à Fliess de seus pressentimentos e diz que muito em breve descobrirá a origem da moralidade. Além

⁶ Ao longo de todo esse texto, frente ao problema da tradução dos termos *Ich*, *Es* e *Über-Ich*, optou-se pelos termos Eu, Isso e Supereu. Contudo, nas citações literais da edição standard das Obras Completas de Sigmund Freud foram mantidos os termos Id, Ego e Superego.

disso, as correspondências com Fliess nesse período demonstram como Freud deparou-se com a Consciência Moral na análise de seus próprios sonhos, no discurso dos primeiros pacientes, na literatura e em suas primeiras elaborações teóricas. No rascunho N, anexo à carta 64, ele fala sobre os impulsos hostis contra os pais como elemento integrante das neuroses. As fantasias inconscientes ligadas ao parricídio são propostas como parte dos elementos formadores dos sintomas neuróticos. Pode-se ver como Freud foi tateando a noção de Consciência Moral em uma tessitura que inclui em suas malhas o parricídio e o incesto que inicialmente surge na clínica e nos sonhos do próprio Freud como hostilidade para com os pais.

Partindo da constatação clínica da hostilidade para com os pais, trilhando os destinos do complexo de Édipo, decifrando o sentido dos sintomas e das demais formações do inconsciente Freud se serve de seis categorias que se “entrecruzam para dar o perfil da constelação do Supereu, prestes à advir: Tabu, Consciência Moral, Imperativo Categórico, Culpa, Punição e Angústia” (Ambertín, 2009, p. 56). Essa tessitura freudiana pode ser apreendida tanto nos trabalhos iniciais de Freud, como já foi apontado, quanto nos trabalhos que ocorrem nas duas primeiras décadas do século XIX, seja nos casos clínicos, seja nas elaborações teóricas. Em *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) por meio da noção de Ideal do Eu Freud dá um passo à mais na conceituação do supereu. Nesse momento, o Ideal do Eu, por um lado, tem a função de velar pela satisfação narcísica e, por outro lado, é o responsável pelas mais atozes críticas ao Eu.

Em *Luto e Melancolia* (1917) que segundo os comentários editoriais de James Strachey pode ser considerado um complemento do trabalho introdutório sobre o narcisismo, vemos como o Eu empobrecido se divide e uma parte sua atua contra si próprio. Na melancolia “o Eu se autodeprecia e se enfurece consigo mesmo”

(1917/2006, p. 115). Diante do fenômeno clínico da melancolia Freud admite dar um passo a mais na compreensão dessa divisão do Eu. Nesse momento, evidencia-se, sobretudo, o modo como Freud alinhava o mais sublime e mais sombrio da alma humana – o primeiro pela via da consciência moral, o segundo pela via da crítica furiosa – fazendo ambos derivarem do *phatos*.

A essa altura Freud já bate à porta das descobertas apresentadas em Além do princípio de prazer (1920) onde a pulsão de morte pode ser pensada como uma das fontes das exigências e imperativos dessa instância que se separa e se volta contra o Eu. Todo esse percurso vai desembocar no capítulo XI de A Psicologia de grupos e a análise do Eu (1921) onde *Uma gradação diferenciadora no ego* conquista um lugar definitivo no pensamento de Freud. O “agente crítico” é proposto como Ideal do Eu e pode, em determinadas condições, ser substituído pelo líder e explicar, segundo Freud, a psicologia das massas.

Em o Eu e o Id (1923) e em A Dissolução do Complexo de Édipo (1924), Freud descreve o processo através do qual o complexo de Édipo chega a sua dissolução, com a ressalva que os derivados do complexo de Édipo deixam seus restos durante toda a vida do sujeito. O processo demonstrado por Freud parte da organização fálica, atravessa as experiências edipianas, depara-se com a ameaça de castração e, via identificações, forma o Supereu e entra no período de latência. Após a descrição desse processo ideal Freud diz que “se o ego, na realidade, não conseguiu muito mais que uma repressão do complexo, este persiste em estado inconsciente no id e manifestará mais tarde seu efeito patogênico” (1924, p. 222). O Supereu é formado, então, com base em processos identificatórios inconscientes que ocorrem como uma saída frente aos desejos edipianos – incesto e parricídio – e a ameaça de castração. Se algo não vai bem nesse processo todo o desenvolvimento conserva material de efeitos patogênicos. Neste estudo

propomos que reside aí a questão da falência da autoridade e a insuficiência da instalação da Lei.

Qualquer consideração acerca do Supereu que se pretenda inspirada nos passos de Freud deve considerar essas origens em sua formação e atuação na vida do sujeito. Podemos resumir essas fontes do Supereu ao levarmos em conta que essa instância, por um lado, liga-se ao que há de mais elevado e nobre no humano, por outro lado finca suas raízes no complexo de Édipo com seus desejos incestuosos e parricidas. O Supereu tem como fonte energética a pulsão de vida com sua tendência à união e à conservação, ao mesmo tempo, que também retira sua força da pulsão de morte com seus imperativos irracionais e destrutivos. Portanto, o mais elevado e o mais sombrio estão presentes na formação do Supereu.

O Supereu é resultado de um complexo processo que Freud situa no interior das relações da criança com seus cuidadores. As figuras tutelares, no desempenho de suas tarefas, nos cuidados com os filhos, exercem forte influência emocional sobre esses que são em tudo seus dependentes. Nessa gama de sentimentos que compreendem amor, ódio e rivalidade, a identificação com a autoridade parental surge como válvula de escape e é baseado nela que o Supereu se forma. O termo identificação é inicialmente definido como "a ação de assemelhar um ego a outro ego, em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si" (Freud, 1933 [1932]/1976, p. 82). É partindo do sucesso de um processo identificatório que a autoridade parental é 'retirada' do mundo externo e internalizada no psiquismo como uma instância autônoma e independente do Eu. Ressalte-se que nesse processo ocorre também o que Freud (1924) chamou de a destruição do complexo de Édipo, pois é com base na identificação que a criança introjeta a Lei que interdita os desejos edípianos.

Resultado da metamorfose do relacionamento parental, o Supereu tem as funções de autocrítica, de consciência, de vigia, de punição e de imperativo ao gozo, pois seguindo o modelo do Supereu dos pais ele estabelece para o Eu os padrões de conduta e se tais padrões não são cumpridos o Eu é, então, sobrepujado por sentimentos de culpa e de inferioridade. A respeito da constituição do Supereu Freud afirma que

[...] ele representa a influência da infância de uma pessoa, do cuidado e da educação que lhe foram dados pelos pais e de sua dependência destes - uma infância que é tão grandemente prolongada, nos seres humanos, por uma vida familiar em comum. E, em tudo isso, não são apenas as qualidades pessoais desses pais que se fazem sentir, mas também tudo o que teve um efeito determinante sobre eles próprios, os gostos e padrões da classe social em que viveram e as disposições e tradições inatas da raça da qual se originaram (Freud, 1940 [1938]/1976, p. 236).

Em resumo, a partir da proibição do incesto e do complexo de castração se dá, via identificação, a internalização das regras e normas sociais, resultando essa instância psíquica que rege a moral e estabelece o que é certo ou errado. Dessa forma, o Supereu está ligado à renúncia a um gozo proibido e a manutenção da integridade do Eu, que tem que se haver tanto com a ameaça de castração quanto com o perigo do gozo incestuoso tão temível.

Além de sua importância no desenvolvimento do indivíduo, o Supereu é também de fundamental importância para a espécie humana, pois certamente, sem sua ação, a civilização não seria possível, uma vez que se todos os indivíduos fossem entregues a suas demandas pulsionais se estabeleceria a barbárie e o caos. O Supereu é um agente que está, não só a serviço da preservação do Eu, também está relativamente a serviço da possibilidade de se estabelecer regras e leis sociais. Além disso, outra questão fundamental reside no fato de que sem as interdições paternas⁷ o indivíduo não faria o reconhecimento de sua enganosa onipotência, ou seja, sem o estabelecimento da falta e da insatisfação o indivíduo permaneceria na fantasia narcísica de bastar-se a si mesmo,

⁷ Tome-se aqui a interdição paterna enquanto uma função que pode ser desempenhada pelo pai ou por alguém que faça essa função.

pois na satisfação não haveria a necessidade da abertura e do movimento em direção ao outro.

A interdição do incesto coloca o sujeito diante da impossibilidade da plena satisfação e essa experiência - esse furo em sua constituição - é fundamental no processo civilizatório e é no *ato paterno* que ela é imposta ao indivíduo. Freud afirma a importância da ação do Supereu ao dizer que tal ação está na base do processo civilizatório. Diz ele:

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais (Freud, 1908/1976, p. 192).

O processo de constituição do Supereu a partir de sua diferenciação no Eu é um processo responsável pelas mais importantes condições do desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. As pulsões inibidas são colocadas a serviço da vida social e serão responsáveis por grande parte das atividades culturais de seu grupo. Freud diz que "esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade" (Freud, 1908/1976, p. 193).

Em suma, no curso do desenvolvimento de uma criança o papel de autoridade que é originalmente desempenhado pelas figuras tutelares sofre certo deslocamento para outras figuras sociais que temporariamente também ocupam o lugar de autoridade. Daí Freud conclui que, "os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego" (Freud, 1923/1976, p. 52).

A proibição do incesto, juntamente com todas as restrições culturais referentes à sexualidade, passa a integrar os preceitos morais que excluem categoricamente da

possibilidade da escolha objetual as pessoas - parentes consanguíneos - amadas da infância. Essa exigência cultural da sociedade tem como objetivo garantir, pela manutenção da família, a preservação e manutenção da ordem social. É diante dessa exigência que os indivíduos, especialmente os adolescentes, procuram através de todos os meios atingíveis, obter recursos para diminuir os laços com a família.

2 - Adolescência

2.1 – Adolescência: fenômeno da Modernidade

A Modernidade significou uma ruptura com os padrões medievais de organização social e essa ruptura se estende a todos os aspectos imagináveis da sociedade. É uma mudança que atinge todo o homem, pois sua forma de ver, de pensar, de agir, de sentir é gradualmente transformada. Baudelaire, o poeta da modernidade, reflete esse movimento do seguinte modo: “Mas a noite chegou. É a hora estranha e ambígua em que se fecham as cortinas do céu e se iluminam as cidades. Honestos ou desonestos, sensatos ou insanos, os homens dizem consigo: "Enfim, acabou-se o dia!" Os plácidos e os de má índole pensam no prazer e todos acorrem ao lugar de sua preferência para beber a taça do esquecimento” (Baudelaire, 1996, p. 23).

As mudanças não aconteceram aqui ou ali, mas se deram em todo o corpo social, incluindo a organização da família, a percepção social da infância e o surgimento da adolescência. Então, concebemos adolescência como um processo subjetivo forjado na modernidade e que assume, de certo modo, o papel de preencher as falhas nas estruturas sociais na designação e no reconhecimento de sua condição de sujeito desejante. Em outras palavras, a adolescência é compreendida enquanto um tempo de realizar ensaios e experiências acerca do amar e trabalhar criativamente. Para se compreender o fenômeno da adolescência é preciso tomá-lo nesse aspecto histórico e dinâmico, não se trata simplesmente de uma fase natural da vida humana. A adolescência, como a conhecemos, é um fenômeno da Modernidade. Em sua plasticidade, a adolescência é um fenômeno historicamente construído de acordo com as necessidades e contingências do mundo moderno.

2.2 – Da sexualidade infantil à adolescência

Para compreender a adolescência é necessário, então, um olhar que vá além do aparente e imediato. Ao desenvolver a teoria psicanalítica, Freud propõe uma extensa compreensão do processo do desenvolvimento humano. Suas descobertas são bases reflexivas fundamentais para a apreensão da vida psíquica em geral. Nessa perspectiva, a apreensão da constituição psíquica na adolescência, em particular, não pode prescindir de suas contribuições. Seu ponto de partida foi a negação de toda a crença popular em uma infância assexuada. A partir daí Freud demonstrou que, se a sexualidade humana inicia-se na infância, a vida sexual adulta é guiada pelos indícios e desdobramentos dessa sexualidade infantil, pois os resultados das vivências sexuais infantis prolongam-se pelas épocas posteriores e tal prolongamento pode se dar através da conservação do modelo vivido na infância ou através de uma renovação desse modelo na época da puberdade.

No artigo *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* que teve sua primeira publicação em 1905, Freud diz que a sexualidade infantil nasce baseada em funções somáticas vitais, por exemplo, na alimentação, quando a criança mama no seio da mãe ou em seus substitutos. Diz ainda que as pulsões sexuais infantis não estão dirigidas para outra pessoa, mas satisfazem-se no próprio corpo e são, portanto, auto-eróticas e seu alvo sexual acha-se vinculado e sob domínio de uma zona erógena específica, ou seja, de uma determinada parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade, o que determina a parcialidade das pulsões infantis.

Assim, Freud caracteriza a vida sexual infantil como essencialmente auto-erótica, quer dizer, seu objeto de prazer encontra-se no próprio corpo. Além do auto-erotismo, suas pulsões são parciais, ou seja, são inteiramente desvinculadas e

independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. Tais características são válidas também para a maioria das outras atividades das pulsões sexuais infantis. Além disso, se o ato de chuchar ensina que existem zonas erógenas predestinadas, mostra também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode adquirir propriedade erógena, ou seja, pode tomar para si a função de zona erógena que, ao ser estimulada, pode produzir sensação prazerosa.

Dessa maneira, a libido ao se desenvolver elege sucessivamente, desde o nascimento, determinadas partes do corpo que, assim investidas, tornam-se extraordinariamente excitáveis, cada uma por sua vez, de forma prioritária e, sob estimulação adequada, será fonte de prazer. Da parcialidade pulsional e do auto-erotismo evidencia-se esse processo de sínteses que consiste em certa concentração das pulsões em torno de zonas corporais determinadas. Através desse processo sintético as pulsões se organizarão em diferentes fases do desenvolvimento.

Segundo a teoria Freudiana, a primeira fase dessa organização é atingida sob o domínio dos componentes orais.

O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é a boca. Inicialmente, toda a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. [...] a obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser denominada de sexual (Freud, 1940 [1938]/1976, p. 179).

Assim, o que o corpo busca não é a saciedade que se obtém com o alimento e sim a obtenção de prazer através da satisfação do desejo. Desse momento em diante o sujeito buscará sempre reencontrar aquela completude primeira que alucinou na experiência simbiótica com a mãe. Segundo Rosolato (1999), “[...] nunca é demais chamar a atenção para essa vertente do auto-erotismo: assim na sucção do polegar, insistimos quase sempre na busca de um prazer de substituição esquecendo que há

igualmente o domínio da falta, assim reproduzida, repetida e prolongada no encontro entre a ausência de alimento, de seio, e o furo da boca” (p. 65).

Em Freud, desde a primeira publicação de seus Três Ensaio, não há assimilação entre a necessidade biológica e o desejo, pois a necessidade biológica pode ser satisfeita em objetos apropriados, como o alimento. Ao enfatizar a diferença entre desejo e necessidade biológica Freud estabelece a possibilidade de se estudar a sexualidade humana ligada a todo o campo psíquico e vice-versa. Já o desejo está ligado a traços mnemônicos, a lembranças, ou seja, o desejo se forma na reprodução feita pelo bebê das percepções das primeiras experiências de satisfação das suas necessidades vitais transformadas em signos de prazer. É no seio materno, no corpo da mãe, na indistinção inicial entre ele e a mãe que o bebê realiza a experiência do prazer e do gozo. Dessas fundamentais experiências se depura, mobilizado pela sexualidade, o desejo como falta, como busca e como possibilidade de realização provisória. As relações entre o desejo e a satisfação são orientadas pelas representações primeiras de um objeto perdido.

É a partir dessa organização processual e sintética que o prazer é obtido na relação da boca com o seio materno ou seus substitutos. Esse mesmo processo se repetirá sempre de maneira mais elaborada em cada nova fase do desenvolvimento da sexualidade humana até que essa atinja sua maturidade, ou seja, até a puberdade.

A segunda fase de desenvolvimento da sexualidade é descrita por Freud como anal-sádica e, nessa organização da libido, a região anal é eleita como zona erógena e a satisfação é, então, procurada na função excretória e na agressão. Nesta fase, a criança desenvolve sua musculatura e o controle esfinteriano. O prazer está ligado ao controle do próprio corpo (retenção ou excreção das fezes) e ao controle que ela, a criança, descobre exercer sobre os outros à sua volta.

Freud diz que, assim

[...] como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originariamente muito grande. Inteiramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais dela provenientes e da frequência com que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital (1905/1976, p.175).

É importante considerar que, tanto na fase oral quanto na fase anal e também na fase fálica, as primeiras catexias objetais ocorrem em conexão com a satisfação de necessidades vitais importantes e simples. Portanto, a mãe ou seu equivalente é o primeiro objeto de amor para ambos os sexos. Para o menino ela permanece assim também durante a formação do complexo de Édipo e, em essência, por toda a vida dele. Já para a menina, a partir da terceira fase, ocorrerão mudanças significativas.

Como terceiro momento dessa organização, Freud considera a fase fálica que é, por assim dizer, "uma precursora da forma final assumida pela vida sexual e já se assemelha muito a ela. [...] Com a fase fálica, e ao longo dela, a sexualidade da tenra infância atinge seu apogeu e aproxima-se da sua dissolução" (1940 [1938]/1976, p. 179/180). Nesta fase, uma vez que ainda não houve a distinção anatômica entre os sexos e que meninos e meninas atravessam do mesmo modo as fases iniciais do desenvolvimento libidinal, o falo enquanto simbolização do genital masculino é erogenizado por ambos e a libido se desenvolve em direção à unificação das pulsões parciais sob a primazia desse falo. Assim, para os dois sexos o único órgão genital levado em consideração é o masculino. Segundo Freud, a distinção anatômica entre os sexos não é atingida de uma só vez, mas trata-se de uma aquisição processual que acontece na tensão entre a negação da diferença e a percepção visual da realidade objetiva.

Uma das mais importantes características dessa fase é o fato de que, diante da excitabilidade do pênis e do clitóris, meninos e meninas logo aprendem a obter sensações prazerosas através da sua manipulação. Assim, tais órgãos manipuláveis,

fornecedores de tamanha satisfação são sumamente valorizados e a atividade masturbatória torna-se uma prática regular desejável e repetida pela criança. Note-se que a atividade masturbatória das meninas é executada em seu órgão equivalente do pênis, ou seja, o clitóris. Pois, "a essa época a vagina verdadeiramente feminina ainda não foi descoberta por ambos os sexos" (Freud, 1933 [1932]/1976, p. 146).

Contudo, se na fase fálica a criança tem no falo importante fonte de prazer, é também nessa fase que ela realiza uma de suas mais *terríveis* experiências psíquicas, pois, diante da imposição social de proibir a atividade masturbatória, os adultos, em geral a mãe, muitas vezes fazem severas ameaças de lhe retirar, através da castração, o órgão que é tão valorizado. Inicialmente a criança não dá muita importância a tais ameaças, mas acontece que em sua natural curiosidade, como resultado de suas pesquisas, ela acaba percebendo diante da visão acidental do órgão genital de uma criança do sexo oposto que existe uma diferença entre meninos e meninas. Se até esse momento não houve diferenças no desenvolvimento libidinal dos dois sexos, de agora em diante isso muda. Ambos reagirão de modo diferente a essa fundamental constatação.

O menino que em sua organização edípica tem como objeto de amor a mãe e que tem o pai como obstáculo à realização desse amor, diante da visão da falta do pênis na menina, acredita que o pênis pelo menos já esteve lá e que foi retirado. Segundo Freud ele agora passa a considerar como real as ameaças que lhe foram proferidas.

A observação que finalmente rompe sua descrença é a visão dos órgãos genitais femininos. Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem uma visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso, a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha seu efeito adiado (1924/1976, p. 220).

Diante da ameaça de castração e da real possibilidade de perder seu tão estimado órgão, o menino realiza uma experiência fundamental de renúncia, pois uma vez que a

atividade masturbatória se dá em torno de suas fantasias sexuais com a mãe, surge um conflito entre a satisfação de seu desejo edipiano e a manutenção de seu valioso órgão. Ele então terá que escolher entre a catexia libidinal de seus objetos parentais (seu amor objetal pela mãe) e seu pênis. Freud diz que normalmente o que ocorre é que o Eu volta as costas para o objeto edipiano, se identifica com o pai e passa a buscar, como o pai, outros objetos de amor.

Freud descreve esse processo nos seguintes termos:

As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte dessexualizadas e sublimadas (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital - afastou o perigo de sua perda - e, por outro, paralisou-o - removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança (Freud, 1924/1976, p. 221).

Para o menino, é dessa forma que o complexo de castração, em forma de ameaça, determina a dissolução do complexo de Édipo, estabelece condições para o surgimento do Supereu e inaugura o período de latência e o fim da fase fálica.

Já a menina, que até aqui também tem na mãe seu objeto de amor, reage à visão do órgão genital masculino de forma diferente. Então, ela imediatamente reconhece que nunca possuiu, não possui e que, mesmo querendo, não possuirá um pênis. Ela vivencia, então, o que Freud chamou de inveja do pênis, pois ela quer ter, mas sabe que não tem e que não poderá tê-lo. A consequência desse reconhecimento, dessa distinção anatômica, é que ela passa a atribuir à mãe a culpa e responsabilidade por sua "deficiência" e acredita que foi a mãe "deficiente" que lhe trouxe ao mundo desprovida de um órgão tão essencial. A menina então se afasta da mãe elegendo o pai, possuidor do pênis, como seu objeto de amor. Dessa forma o complexo de Édipo da menina é inaugurado pelo complexo de castração.

Em uma conferência intitulada Feminilidade, Freud diz que essa mudança de objeto, da mãe para o pai, é uma das duas transformações essenciais pelas quais deve passar a menina em direção à feminilidade. Na fase fálica a menina tem como zona erógena prioritária o clitóris. Contudo, diante da castração constatada, acontece uma transferência tanto da sensibilidade quanto da importância desse órgão para a vagina, que passa a ser, então, a zona erógena prioritária, na segunda transformação vivida pela menina, pois, para Freud, "[...] com o passar do tempo, portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto" (1933[1932]/1976, p. 147).

Assim, o complexo de Édipo, vivido pelo menino, e que coincide com a fase fálica, tem sua dissolução face ao complexo de castração. Já, na menina, "[...] o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração" (Freud, 1931/1976, p.264). Na situação edipiana, a menina mantém um desejo de receber como presente do seu pai um bebê e, segundo Freud, ela quer dar-lhe um filho. Uma vez que esse desejo jamais se realiza, o complexo de Édipo da menina é então abandonado. Portanto, o complexo de Édipo feminino se desfaz por sua própria impossibilidade constitucional e, no curso normal do seu desenvolvimento, a menina passa desse objeto paterno para sua escolha objetal definitiva. Enfim, o que ocorre a partir do complexo de Édipo e do complexo de castração, ou seja, "o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo" (Freud, 1925/1976, p. 319).

De certa forma, o surgimento da primazia fálica precursora da fase genital é uma aquisição que somente se torna possível por apresentar como 'hipoteca' o complexo de castração. Caso contrário, as demandas edipianas, se não sofrem impedimento algum,

expõem o psiquismo aos riscos e às exigências produzidas pelas demandas incestuosas, o que seria desastroso para o desenvolvimento e insuportável para o Eu em formação.

As características da sexualidade infantil, o auto-erotismo e a parcialidade das pulsões são essenciais na compreensão do desenvolvimento da sexualidade humana, pois ao marcarem o final do período de latência, já na puberdade, as pulsões auto-eróticas passam a atuar sob o que Freud chamou de primado das zonas genitais e elegem agora um objeto de prazer fora de seu próprio corpo. É assim que, durante os processos da puberdade, a sexualidade infantil ganha nova e definitiva configuração, ou seja, a vida sexual normal do adulto surge na reta final desse desenvolvimento.

A respeito dessas fases do desenvolvimento da libido Freud adverte que, apesar de certa linearidade, elas não se sucedem necessariamente de forma muito clara e uma pode ser antecipada por outra ou podem acontecer ao mesmo tempo se sobrepondo. Ele diz ainda que

nas primeiras fases, os diferentes componentes dos instintos empenham-se na busca de prazer independentemente uns dos outros; na fase fálica, há os primórdios de uma organização que subordina os outros impulsos à primazia dos órgãos genitais e determina o começo de uma coordenação do impulso geral em direção ao prazer na função sexual. A organização completa só se conclui na puberdade, numa quarta fase, a genital (Freud, 1940[1938]/1976, p. 180).

2.3 – A Passagem adolescente: do ideal ao espelho vazio⁸

A tensão entre a ordem social estabelecida e as novas gerações são registradas desde os primórdios da humanidade. Segundo Lesourd "nos mais antigos registros da história humana a que temos acesso, nas placas mesopotâmicas, uma delas datada de cerca de 3000 anos antes de Jesus Cristo, já se menciona a ausência de respeito das novas gerações pelos adultos?" (2012, p. 17).

⁸ A expressão “espelho vazio” é utilizada por C. Calligaris (2009) para referir-se ao hiato que há entre a criança que um dia foi e o adulto que ainda não se é.

Essa tensão presente na passagem adolescente do círculo familiar mais íntimo para um círculo social mais amplo merece ser melhor entendida. É importante considerar que na infância já acontece uma escolha objetal como a que acontece na puberdade. A diferença entre a escolha objetal infantil e a segunda escolha objetal - a escolha que acontece na puberdade após o período de latência - reside apenas em que a unificação das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da zona erógena genital não são eficientemente conseguidas na infância. Dessa maneira, Freud considera que a escolha objetal se dê em dois tempos. Uma que elege como objeto a mãe ou seus substitutos, que acontece no início da infância, é caracterizada pela natureza infantil de seus alvos sexuais e é detida pelo período de latência. A segunda escolha objetal, após o período de latência, sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual. É nesse sentido que Freud afirma que “o encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro” (Freud, 1905/1976, p.229).

Esse reencontro do objeto amado, ao qual Freud se refere, diz respeito ao fato de que na adolescência, após o período de latência, acontece um redespertar das pulsões sexuais que se dá acompanhado pelas mesmas intensas emoções ambivalentes da primeira infância, porém com uma diferença: as pulsões agora estão sob o primado das zonas genitais e o corpo do adolescente 'já pode' realizar concretamente seus desejos sexuais. As pulsões do adolescente deverão agora abandonar o objeto incestuoso e escolher outro objeto com o qual lhe será possível ir além da fantasia que vivia anteriormente. O adolescente investirá sua libido em direção a outros objetos e o encontro de tais objetos se dará obrigatoriamente fora do núcleo familiar e da relação parental, ou seja, o adolescente encontrará outro objeto de amor, a exemplo do objeto primário, que não lhe esteja proibido.

O adolescente precisa realizar a passagem do círculo familiar para o círculo social, uma vez que seu corpo realizou a passagem do corpo de criança para o corpo de adulto. Mas essa passagem não é fácil, pois ultrapassar a autoridade parental coloca seu Eu em linha de combate direta com seu Supereu, mas se ficar cativo do círculo familiar também enfrentará o mesmo conflito, porque se permanecer ligado ao objeto primário incestuoso sofrerá por parte do Supereu as mais duras censuras e acusações. O sujeito adolescente está tomado pelo desejo e pela necessidade de não ser mais reconhecido como criança, pelo desejo de ser reconhecido como um sujeito que, por já ter o corpo amadurecido, quer ter garantido seu acesso à autonomia e ao status de adulto. Quer ele mesmo definir o que, como e quando fazer. Ele precisa sair de casa, sair de perto dos pais, construir uma distância segura para, então, livre dos objetos primários, encontrar objetos de amor que lhe sejam acessíveis. Ele precisa viver agora outro nascimento que vá além da *excorporação*. Trata-se de nascer enquanto sujeito capaz de alguma autonomia com direito a uma parte de gozo, nascer que abra a curto-circuitada e estereotipada trajetória de investimento libidinal da relação primária.

Freud afirma que “na puberdade, os impulsos e as relações de objeto dos primeiros anos de uma criança se tornam reanimados e entre eles os laços emocionais de seu complexo de Édipo. Na vida sexual da puberdade, verifica-se uma luta entre os anseios dos primeiros anos e as inibições do período de latência” (Freud, 1925[1924]/1976, p.51).

Desse corpo em movimento, desse 'adolescer', dessa intensificação pulsional, surge um 'outro' corpo, estranho, desconhecido, a exigir subjetivação e reconhecimento tanto por parte do adolescente quanto por parte de seus pais. Há, na puberdade, uma realidade objetiva, um corpo modificado, que exige e precisa ser simbolizado, internalizado e vivido. Sabe-se que as alterações hormonais provocam no corpo do

adolescente uma explosão de mudanças: nos meninos, surgem pelos em pele que era lisa, ocorre o enrijecimento peniano e a ejaculação; nas meninas, o contorno e a silhueta corporal são modificados, ocorre o crescimento dos seios e a menarca. Todas essas mudanças se impõem gerando inseguranças e dúvidas. Trata-se de um corpo desconhecido que não é bem *controlado* pelo adolescente. Sua movimentação no mundo físico circundante perde um pouco da referência e ele torna-se um pouco desarticulado, estabonado.

Esse sujeito estranho agora é um corpo que, ao mesmo tempo, é bonito, atraente, desajeitado, estabonado e feio. Seu corpo, ao se submeter à 'ditadura biológica', agora está preparado para o encontro com o outro, mas não se trata de um encontro qualquer, ele está preparado para um encontro qualificado, potente e essa potência lhe impõe tributos que geram responsabilidades das quais ele não pode se eximir. Desse momento em diante pagar-se-á por todo encontro e/ou desencontro com o outro.

Em *Esboço de Psicanálise*, Freud adverte que "a fisiologia não deve ser confundida com a psicologia" (1940[1938]/1976, p 179), pois, se na puberdade é essa realidade objetiva que se estabelece, de forma similar, na adolescência há uma realidade subjetiva que pulsa e exige objetivação na estranheza do corpo púbere. Não se trata apenas de um reajuste da imagem na adolescência, trata-se de uma revisão no valor do próprio corpo que não somente se transformou, como também não tem mais o mesmo status. A genitalidade agora ocupa uma posição dominante e se a maturidade genital pode ser considerada no plano puramente fisiológico, como o cumprimento de um caminho linear enfim completado, a imagem do corpo e a organização do Eu estão confusas. No plano psíquico, há uma descontinuidade, uma ruptura no desenvolvimento. Esse corpo agora maduro está repleto de desejos que pedem realização, contudo, há também a necessidade de se administrar tais exigências. Tudo o

que ele sente agora é *in-tenso* e a essa tensão, ordem e desordem, o adolescente não pode deixar de escutar. Sobre essa subjetividade Freud afirma que

é na [esfera da] representação que se consuma inicialmente a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o das fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se. Nessas fantasias, as inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos, agora reforçadas pela premência somática, e entre elas, com freqüência uniforme e em primeiro lugar, o impulso sexual da criança em direção aos pais, quase sempre já diferenciado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai (1905/1976, p. 233/234).

Portanto, é na imbricação histórica das relações parentais que ambos se deparam com a imposição dessa realidade modificada: o corpo infantil impotente, perdido e a adolescência que exige dos pais e dos filhos a elaboração dessa perda e a constituição de uma subjetividade capaz de lidar com essa realidade - poder que ameaça.

A chamada crise da adolescência não é apenas do filho, ela é, sob esse prisma, um fenômeno psíquico que envolve pais e filhos; pois a subjetividade do indivíduo é constituída a partir de um real intersubjetivo e é nesse encontro com o outro que o adolescente se reconhece e se constitui sujeito. Acontece que esse outro adulto com quem o indivíduo se encontra na adolescência não é um adulto qualquer, trata-se de um adulto que em sua condição adulta de pai/mãe, no curso de seu desenvolvimento, já renunciou, pelo menos parcialmente, à possibilidade de gratificação pulsional e à promessa de completude vivida na infância. Contudo, graças à eficácia do recalçamento e ao fato de que a grande maioria das experiências da primeira infância permanece inconsciente, esse adulto não mais reconhece os desejos e as fantasias que viveu (e ainda vive) na estruturação de sua personalidade.

Do ponto de vista do laço social o que se evidencia na adolescência é a possibilidade do adolescente pensar, sentir e viver diferente dos modelos identificatórios da primeira infância. A forma como o mundo a sua volta se organiza não lhe permite adotar o mesmo código moral de seus pais, uma vez que o mundo agora é diferente do

mundo em que seus pais viveram a adolescência. Apesar de seu Supereu ter se formado a partir de referências oriundas de suas primeiras identificações, essas referências agora devem ser questionadas.

Nessa fase os amigos do grupo de iguais, às vezes composto por jovens de mais idade, um pouco mais adiantados nesse processo de desenvolvimento, tornam-se importantes companheiros na experiência de conhecer o mundo fora da ótica estabelecida pelos pais. No grupo de iguais o adolescente encontra novas relações, outras pessoas tornam-se companheiros, confidentes, cúmplices e modelos. A identificação que até agora era privilégio da figura paterna sofre certa diluição e o sujeito realiza outras identificações, com amigos, professores, artistas etc.

Essas novas identificações também influenciarão seu modo de pensar e de ver o mundo, seus valores já não serão pautados apenas pelos pais, o círculo social mais amplo lhe influenciará de modo muito importante. E isso se dará porque do ponto de vista libidinal estará acontecendo uma gama mais variada de investimentos fora do círculo familiar, uma vez que outras pessoas serão também alvo de seu amor e de sua admiração.

Surgem diferenças e conflitos, aquilo que até então era latente e impedido de manifestar-se agora encontra possibilidade de realização. Por causa do conflito entre as manifestações de seu desejo e a autoridade parental, a adolescência apresenta para o sujeito uma exigência de relativização daquela situação ideal e, essencialmente, relativização dos ideais parentais para a construção de uma subjetividade que seja capaz de apreender sua realidade em conflito, mas não se trata apenas de apreensão, trata-se, antes, de uma internalização suportável da realidade em conflito.

Aparentemente e à primeira vista, o conflito que surge na adolescência tem relação apenas com a questão dos limites e com a autoridade paterna, contudo a

psicanálise já demonstrou que se trata fundamentalmente do fato de o complexo de Édipo voltar à cena e com ele trazer a angústia, provocada pelos desejos edipianos, que coloca o Eu do adolescente entre a realização de suas pulsões incestuosas e o imenso perigo que tais realizações lhe impõem. Esse perigo é agora potencializado, pois o crescimento e a maturidade dos órgãos genitais são a essência e a evidência das transformações da puberdade e tal maturidade indica que "um complexo aparelho está pronto e a espera do momento em que será utilizado" (Freud, 1905/1976, p. 196).

Consequentemente, as transformações da puberdade expõem o adolescente, após o período de latência, a riscos sem precedentes em sua organização psíquica. Ele agora se depara com uma realidade: dispõe de um corpo que já inclui a possibilidade, da passagem ao ato daquilo que até então era apenas fantasiado. Desse corpo, da responsabilidade implícita de seu uso, o adolescente não consegue fugir. Então, o adolescente começa a sofrer os efeitos de um trabalho de separação, exigência psíquica que lhe darão ou não condições de despertar do sonho edipiano e, dessa forma, ultrapassar a autoridade parental, inventar novas respostas e novos modos de lidar com a realidade. O que a adolescência apresenta, então, é uma exigência de relativização dos ideais parentais para a construção de uma subjetividade (simbolização) capaz de bem lidar com a nova realidade imposta tanto ao corpo do adolescente quanto a seus pais.

Ao descobrir que seus pais e os adultos a sua volta não podem realizar o ideal de completude construído na infância, o adolescente descobre, de modo dramático, que o adulto, tentando não se deparar com seu inevitável e constitutivo mal-estar e buscando inconscientemente a completude, faz para a criança a mesma promessa da qual foi vítima. Essa promessa feita pelo adulto à criança, na realidade, é uma tentativa inconsciente de resgatar, através da vida da criança, a fantasia de satisfação plena que um dia vislumbrou. Segundo Lajonquière, "[...] quando um adulto olha nos olhos de

uma criança e enfoca de fato os olhos da criança ideal, recupera a felicidade que acredita ter perdido, uma vez que lhe retorna do fundo desse olhar sua imagem às avessas" (1999, p.92). Dessa forma, a criança torna-se o sonho do adulto, torna-se a possibilidade enganosamente real de satisfação e de menos dor.

Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. A esse respeito Freud diz que

a criança concretizará os sonhos dourados que os pais jamais realizaram - o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe. No ponto mais sensível do sistema narcisista, a imortalidade do ego, tão oprimida pela realidade, a segurança é alcançada por meio do refúgio na criança. [...] O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetual, inequivocamente revela sua natureza anterior (Freud, 1914/1976, p. 107/108).

Mas a adolescência é exatamente a tácita declaração de que essa busca adulta de resgatar o seu sonho infantil e realizá-lo através da vida da criança é uma busca 'quixotesca', baseada na ilusão de se poder manter o ideal narcísico de completude. O sucesso de tal busca, caso fosse possível, seria pago com a vida do filho. A 'rebeldia' adolescente parece ser um estilete que corta as amarras desse cativo e produz alguma liberdade para ambos.

Mesmo assim, é com esse sonho do adulto que o adolescente desperta, após o período de latência, e depara-se com um vazio. Daquele ideal, da promessa de satisfação e completude internalizados na infância restam fantasmas, desejos a serem recalçados e sublimados, a exemplo do que viveram seus pais. Segundo Melman (1999), fica, então, para o adolescente, um hiato entre a promessa e o reconhecimento de sua sexualidade adulta, pois, embora tenha atingido sua maturidade orgânica e sexual, o adolescente não será reconhecido como tal por sua família nem por seu meio social. Rassial, (1999), afirma que nessa busca pelo reconhecimento adulto de sua maturidade, busca da sua

condição de igualdade, o adolescente é forçado a interpretar o desejo recalcado dos adultos e impõe ao adulto, de forma especular, o que ele não quer saber, remetendo-o a sua própria experiência de infância, experiência da qual se encontra afastado por obra e força do recalçamento e da amnésia infantil, que o protege e o distancia de seu próprio desejo. A crise da adolescência não se dá por ignorância e sim por um saber. É verdade que se trata de um saber mal recalcado, saber que vaza e grita o que adultos e adolescentes não suportam ouvir.

Desse modo, a 'passagem' adolescente é um confronto repleto de paradoxos, pois, o sujeito está ligado aos seus investimentos objetivos infantis, amando e odiando seus pais por isso e em busca da sua identidade adulta. Por enquanto ele próprio não se reconhece, contudo, sabe desse não reconhecimento, ele já sabe que não é, nem pode ser tudo e somente aquilo que o discurso social presente na geração que o antecedeu fantasiou a seu respeito.

Durante sua adolescência, em termos gerais, os sujeitos realizam a importante passagem da vida infantil para a vida adulta e essa experiência acontece objetiva e subjetivamente. A par da complexidade das mudanças físicas, as mudanças subjetivas são também muito complexas. Uma das importantes características desse rico e conflituoso processo é o desligamento das figuras parentais vivido pelos adolescentes que elegem novas fontes de identificação. Isso quer dizer que os adolescentes, ao se desligarem dos pais, encontram fora dos ideais parentais outros laços sociais capazes de lhes fornecer novas referências e novos modos de inserção social. Assim, seus pais deixam de ser suas únicas fontes de afetividade e de modelos de conduta, enquanto o grupo de amigos, bem como as outras agências socializadoras, como a igreja, a escola etc. assumem importante papel no processo de constituição da identidade adolescente.

Essas novas fontes de identificação que se estabelecem para os adolescentes, à medida que eles realizam certa expansão dos seus laços sociais, dizem respeito a um processo gradual e complexo. Ao realizar sua inserção no espaço físico social que transcende o círculo familiar, os adolescentes afirmam seu código moral, que na realidade já é um modo de se administrar o conflito edipiano. Esse encontro direto do adolescente com outras pessoas e com outras instâncias sociais, além da família, potencializa ainda mais a exigência que os adolescentes já vivem de ultrapassar a autoridade parental e passar da condição infantil para vida adulta. Porém, essa passagem não é realizada de maneira linear e nem é isenta de conflitos. Os filhos, munidos de outras referências, questionam as regras e os valores impostos pelos pais, entram em conflito direto com esses, reivindicam autonomia e reconhecimento de sua igualdade.

Lado a lado com as reivindicações e questionamentos, os filhos também descobrem que seus pais e sua família não lhes facilitam o desligamento pretendido, assim, "separar-se da família torna-se uma tarefa com a qual todo jovem se defronta, e a sociedade frequentemente o auxilia na solução disso através dos ritos de puberdade e de iniciação" (Freud, 1930 [1929]/1976, p. 124). Com isso, o adolescente sofre, ao mesmo tempo, uma dupla e antagônica exigência, ao desligar-se dos laços infantis, com os pais, para ingressar na vida adulta e atender às demandas emocionais desses mesmos pais que não lhe permitem ultrapassar a autoridade primariamente instituída. Em um artigo intitulado *Romances Familiares*, Freud aponta o quanto essa passagem da vida infantil para a vida adulta é importante para o desenvolvimento da humanidade.

É importante considerar a relevância dos momentos de iniciação, de passagem da vida adolescência para a vida adulta. Uma vez que a sociedade contemporânea não oferece circunstâncias inequívocas para a passagem da adolescência para a vida adulta, fica ao encargo do adolescente todo o trabalho psíquico da passagem do status infantil,

com suas fantasias e modos de gozo, à condição de adulto com sua força pulsional e a responsabilidade tanto por sua satisfação quanto por sua insatisfação. Trata-se de um trabalho enorme esse de separar-se da infância, dos pais, do modo infantil de gozo. Trabalho que o adolescente acaba por ter que realizar sozinho, uma vez que o grupo social parece não mais reconhecer e até negar sua importância. Afinal de contas, do ponto vista psíquico, quando é que um sujeito já é adulto e não mais criança? Com base nas configurações do mundo contemporâneo, quem pode responder com clareza essa questão?

Em suma, é precisamente no âmbito das identificações, em suas aproximações, distanciamentos, encontros e desencontros que se pode apreender a constituição psíquica adolescente. Sua constituição se mostra, em cada traço de amor e de ódio, manifestado ou recalcado, revelando os nexos que constituem os modos de subjetivação desse sujeito. Não se deve ignorar o fato de que a adolescência é um fenômeno histórico típico da Modernidade e que sua configuração se desenvolve, desde a infância, no seio da família moderna, ainda que essa família se apresente contemporaneamente desfigurada.

2.4 – Adolescência e laço social contemporâneo

Aprendemos com Freud que o sujeito somente se constrói em relação ao outro, podemos dizer com Lacan que o sujeito é efeito do Outro. Esse sujeito que se esforça no sentido de obter prazer e satisfação depara-se com uma hiância entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. A dinâmica desse furo é fundamentada na tensão entre o que é procurado, onde é procurado e o que é encontrado, onde é encontrado. Segundo Lacan, “é através da busca de uma satisfação passada e ultrapassada que o novo objeto é

procurado, e que é encontrado e apreendido noutra parte que não no ponto onde se procura” (1995, p. 13).

Nesse jogo entre o sujeito e o outro, entre sujeito e objeto incide uma hiância, estabelece-se uma falta, pois, segundo Freud (1905), o encontro com o objeto é sempre um reencontro, é uma redescoberta de algo que é desde sempre encoberto. Em consequência, no âmbito da pulsão o objeto é indiferente, a pulsão não tem um objeto próprio, ela é movida pela falta de objeto. Lacan nomeia esse *desobjeto* por objeto *a*. Essa falta de objeto inscrita por objeto *a*, propõe que qualquer objeto pode ser substituto daquele objeto mítico que se existisse obturaria o furo nomeado por objeto *a*. Fica sempre um resto, uma diferença entre o que se procura e o que se encontra.

Em suma, a falta é condição para o sujeito do desejo. O problema é que o modo contemporâneo de organização do laço social, fundamentado na lógica do consumo, propõe que o objeto é acessível e que a satisfação é possível negligenciando que a falta articula sociedade e gozo individual. Nesse modo de organização social o sujeito adolescente depara-se com um contexto que o empurra violentamente ao gozo pela via do consumo e/ou pela via do sofrimento. Tal estratégia propõe “aos sujeitos uma realidade posta (imposta), que os abstém dos dilemas éticos. Isso gera, para além do mal-estar, violências” (Rosa; Vicentin, 2012, p. 42). Movimento que reinscreve-se repetidamente como tentativas de recusa da falta bem como de supervalorização do objeto.

Apreende-se nesse movimento uma tentativa de forjar um super objeto em torno dos “objezinhos” almeçados. Mas se quem diz almejar, diz depositar a alma, diz desejar com ânsia, também diz agonizar, diz d’alma que agoniza em torno de objetos ilusórios construídos imaginariamente. É assim que o sujeito remanesce apreendido em uma busca impossível. Pois, como diz Lacan,

se o véu de Maia é a metáfora de uso mais corrente para exprimir a relação do homem com tudo o que o cativa, isso não ocorre sem dúvida, sem alguma razão, mas está certamente ligado ao sentimento que ele tem de uma certa ilusão fundamental em todas as relações tecidas por seu desejo. É nisso mesmo que o homem encarna, idolatra seu sentimento deste nada que está para além do objeto do amor (Lacan, 1995, p. 157/158).

Segundo Lesourd (2012), frente ao fracasso das tentativas de satisfação duas vias abrem-se ao sujeito: ele toma para si a responsabilidade pela sua incompletude, ou, ao contrário, imaginariamente ele atribui ao outro a responsabilidade por sua infelicidade em um discurso de vitimização de si próprio. Na via da responsabilização individual, os limites ao gozo individual são tomados como impotência do indivíduo: é ele, por deficiência pessoal, quem não pode satisfazer-se. Frente a essa realidade, melancólico, invadido pelo objeto, o adolescente pode tomar o caminho das depressões profundas e até do suicídio ou da adição como uma luta para manter um objeto de gozo na sua miragem da realidade. Por outro lado, na via da vitimização, tomando a si mesmo como uma vítima impotente, preso a essa lógica, resta ao adolescente revoltar-se contra seu 'perseguidor' e dirigir sua rebeldia, na forma de violência, contra o outro. De qualquer modo, parece certo que tanto o papel de agressor quanto o de vítima emerge como expressão da sua posição subjetiva no laço social. Lembro da radicalidade da afirmação de que não há dimensão psíquica que se produza fora do laço social.

Se por um lado, não há subjetividade que se desenvolva fora do laço social, por outro lado, todo laço social fundamenta-se naquilo que coloca limite a ânsia de gozo pleno dos sujeitos. Freud ensina que cabe à cultura o papel de regular os modos e as possibilidades de gozo para cada indivíduo. Papel esse que é indispensável na preservação da vida individual e na organização da vida coletiva. Dito de outro modo, nossa civilização fundamenta-se no recalque das pulsões e na regulação da satisfação individual.

Todas as culturas tradicionais ou clássicas construíam um limite ao gozo para os humanos, reservando a plenitude do gozo aos deuses e aos humanos que fossem ao

seu encontro após a morte. A noção de paraíso, qualquer que seja o nome dado a ele pela cultura veicula a possibilidade da recuperação do gozo pleno para um sujeito, mas após a morte. Os vivos devem viver no gozo limitado (Lesourd, 2012, p. 30).

O problema é que na contemporaneidade o mundo liberal se sustenta na promessa de gozo pleno imediato. O gozo individual é regulado pelo mercado e pela lei da oferta e da procura, não há previsão de interdição ao gozo pleno do sujeito, antes, há a promessa manipulada de gozo.

O laço social contemporâneo é organizado em torno de um discurso que caracteriza-se por uma mudança radical na relação dos sujeitos com os prazeres e com o outro. Talvez uma das idéias mais importantes desse modo de organização do laço social seja a ilusão de liberdade e de autonomia individual. A ilusão de um indivíduo livre e autônomo para gozar desemboca na idéia de liberdade ‘obrigatória’ para consumir e se auto-determinar, quer dizer que o sujeito, nessa ordem, poderia ser o que bem entender e gozar plenamente. A única regulação que vale é a do mercado, o sujeito fica exposto à lei da oferta e da procura. Não se trata da Lei em sua dimensão simbólica referida à autoridade, ao passo que a lei em sua dimensão jurídica somente funciona enquanto faz valer a lei do mercado. É a própria noção de Lei que caduca!

A noção de Lei proposta por Freud é inaugurada miticamente em *Totem e Tabu* (1913), é o assassinato do pai que inaugura a Lei e funda o pacto entre os irmãos. O pai é morto pela horda, enciumados e excluídos do gozo pela tirania paterna, os irmãos se unem no crime. Sua intenção, por um lado, era a de interromper os excessos do pai, barrar seu gozo. Mas, por outro lado, cada um deles queria tomar seu lugar para fazer como ele, gozar. Após a morte do pai eles logo percebem que isso é da ordem do impossível: morto o pai resta a culpa. Emerge a necessidade de um pacto capaz de regular e distribuir entre eles as possibilidades e os limites do gozo. É em torno desse pacto que interdita o incesto e proíbe o parricídio que a civilização se desenvolve. A

função da Lei é regular o gozo individual e ao mesmo tempo possibilitar a organização social. Referindo-se ao mito da origem da Lei, Freud diz que

sobrepujando o pai, os filhos descobriram que uma combinação pode ser mais forte do que um indivíduo isolado. A cultura totêmica baseia-se nas restrições que os filhos tiveram de impor-se mutuamente, a fim de conservar esse novo estado de coisas. Os preceitos do tabu constituíram o primeiro 'direito' ou 'lei'. (Freud, 1929 [1930]/1976, p. 120/121).

A origem da Lei simbólica é descrita por Freud também em torno do mito de Édipo. Trata-se da Lei que interdita o incesto e proíbe o parricídio, ou seja, a Lei simbólica é o que ordena os homens enquanto seres de linguagem. Segundo Joël Dor,

[...] o homem que tinha todas as mulheres só advém como *Pai* a partir do instante em que está *morto enquanto homem*. A edificação do homem em *Pai* se realiza, pois, ao preço de uma promoção simbólica que só se pode manter sustentando-se por um *interdito que tem força de Lei* (1991, p. 40).

Mas parece que contemporaneamente testemunhamos um desencontro entre a Lei simbólica, a lei do mercado, a lei do direito e a lei do desejo. A lei do mercado é contínua em exigir que a sociedade gire em torno da produção do comércio. O contexto regulado pelo mercado não tem como foco o sujeito humano criativo, submetido a Lei simbólica com a possibilidade de emergir enquanto sujeito de desejo. Nessa reificação o que se perde é a possibilidade da emergência do sujeito de desejo submetido a ordem simbólica. Talvez o que esse sujeito apresente de mais saudável seja a possibilidade de desviar, de apresentar-se claudicante. Segundo Lesourd,

[...] esse novo projeto social sustentado pelo discurso do Capitalista induz à reivindicação pelo individualismo, que caracteriza nossa relação com os outros. Se o sujeito pode solitariamente determinar o que o designa, ninguém mais pode negar-lhe essa capacidade, desde que não atrapalhe a lei da troca que regula o laço social. Cada um pode agir livremente de acordo com sua cabeça (2012, p. 31).

No sujeito isso resulta na falsa experiência matizada por uma potência imaginária absoluta e calcada em expressões severas de narcisismo. No sujeito adolescente esse movimento resulta em expressões tipificadas pela lei jurídica como “atos infracionais” e o define como “adolescente em conflito com a lei”. Mas que alternativa resta ao adolescente em uma sociedade que parece transitar do discurso do

mestre para o discurso do capitalista, no qual o laço social parece não estar em questão? Como pode o adolescente internalizar, via processos identificatórios, a Lei e com ela se haver em um modo de organização social que apresenta tal empuxo ao gozo?

O estatuto que orienta o sujeito no discurso do capitalista é o estatuto do consumidor. Surge no lugar do amor/ódio a indiferença, a paixão da ignorância surge como manifestação da violência. Frente a esse discurso totalitário o que é da ordem da tensão, o que faz questão é tomado como manifestação individual de delinquência ou patologia.

Mas a clínica psicanalítica ensina que o recalado sempre retorna, seja como sintoma, seja como violência. É preciso considerar que o discurso do capitalista caracteriza-se por promover um curto circuito no laço social, o que abre espaço para as várias formas de violência e produz um gozo sem culpa. Do ponto de vista da psicanálise, como não pensar a violência como uma marca, feita pelo adolescente, advinda da impossibilidade de fazer laço social, de identificar-se, reconhecer-se, uma vez que a violência parece derivar de uma ânsia identitária?

2.5 – Do Ideal do Eu para o Eu Ideal: dever ser e sonho de ser

No campo psicanalítico a noção de Eu é complexa e já fez correr muita tinta. Um de seus pontos mais intensos ocorre na problemática entre as noções de Eu Ideal e Ideal do Eu abordada por Freud no estudo introdutório sobre o Narcisismo. Segundo o editor inglês das obras de Freud, o termo Narcisismo teria sido mencionado por Freud em novembro de 1909 em uma reunião da Sociedade Psicanalítica de Viena, época em que era preparada a segunda edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. O termo surge inicialmente para designar uma fase intermediária entre o auto-erotismo e o

amor objetal. Freud cria esse termo no campo psicanalítico a partir do mito grego de Narciso: filho do deus fluvial Cêfisos e da ninfa Leiriope que, punido por Afrodite por ter repellido Eco, viu-se enamorado de sua própria imagem refletida nas águas de uma fonte; seu insucesso para aproximar-se dessa imagem levou-o ao desespero e à morte, transformando-se na flor que traz seu nome (Brandão, 2009). É interessante observar a origem e os desdobramentos dessa palavra: em grego *Narkissos*, cuja origem é *Narkes* que significa torpor, inconsciência. A palavra *narcótica* deriva de *Narkes* e indica qualquer substância que altera os sentidos, produzindo narcose (Brandão, 2009).

Em seu estudo sobre o Narcisismo, interrogando acerca do problema da estruturação do Eu, Freud (1914) analisa as diferenças nas modalidades da vida amorosa do ser humano, pressupõe a existência de um narcisismo primário e afirma que há dois padrões de escolha de objeto: a escolha do tipo anaclítico e a escolha do tipo narcísico. Logo, “o ser humano possui dois objetos sexuais primordiais: ele mesmo e a mulher que dele cuida, e com isso estamos pressupondo que em todo ser humano há um narcisismo primário, que eventualmente pode manifestar-se de maneira dominante em sua escolha de objeto” (Freud, 1914/2004, p. 108). Para Lacan (1953-1954/1986), a expressão *ele mesmo* usada por Freud, diz claramente respeito a sua imagem. Como no poema de Ovídio, Narciso “julga corpo, o que é sombra, e a sombra adora” (Citado por Brandão, 2009, p. 189)⁹. No texto Freudiano essa expressão – amar a *ele mesmo* – se desdobra, primeiramente, em amar o que se é enquanto si mesmo; em seguida, amar o que se foi, amar o que se queria ser e, por fim, amar a pessoa que foi uma parte do seu próprio Eu. “O mesmo erro que lhe engana os olhos, acende-lhe a paixão. Crédulo menino, por que buscas, em vão, uma imagem fugitiva? O que procuras não existe. Não olhes e

⁹ Felizmente já existem algumas traduções das Metamorfoses de Ovídio para a língua portuguesa. Nesse texto optamos por utilizar os trechos citados por Brandão (2009). Embora se trate apenas de fragmentos do poema, a tradução oferecida por esse autor é a que mais apreciamos dentre as publicações em língua portuguesa.

desaparecerá o objeto de teu amor” (Ovídio, citado por Brandão, 2009, p. 189). A esse padrão de escolha amorosa Freud chama de tipo narcísico. No tipo anaclítico, que também funda-se numa identificação primitiva imaginária, ama-se a mulher que alimenta e o homem que protege.

Segundo Lacan (1953-1954/1986), o estado narcísico descrito por Freud aponta o quanto é fascinante para todo ser humano deparar-se com esse ser fechado em seu mundo, satisfeito em si mesmo, entorpecido de amar-se, em estado de completude. A sedução desse encontro resvala na quimera de completude que o adulto teria um dia vivido. É desse modo que “a criança deve satisfazer os sonhos e os desejos nunca realizados dos pais, tornar-se um grande homem e herói no lugar do pai, ou desposar um príncipe, a título de indenização tardia da mãe” (Freud, 1914/2004, p. 110). Promessa que se renova ao mesmo tempo em que retira das garantias de sua impossibilidade sua meia verdade. O narcisismo primário configura-se então como meio para se desconhecer a castração, a Lei e as consequências psíquicas que daí derivam. Mas em meio a essa situação primitiva o Eu deve advir, deve encontrar forma e sofrer o início do processo de estruturação¹⁰.

Na terceira parte do estudo sobre o narcisismo Freud diz que “o amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal” (Freud, 1914/2004, p. 112). Desse modo ele estabelece uma delimitação entre a noção de Eu Ideal (Ideal Ich) e a noção de Ideal do Eu (Ich Ideal). Cabe a Lacan (1953-1954/1986) o mérito de apontar que com esses dois termos, simétricos e opostos, Freud designa duas funções diferentes. Movimento que parte do Eu infantil que atribui a si mesmo *valiosa perfeição e completude* narcísicas, atribuições das quais ele resiste em

¹⁰ O termo *estruturação* é introduzido por O. Mannoni em uma interlocução presente no Seminário: livro 1 no bojo da discussão acerca do Ideal do Eu e Eu-Ideal.

abrir mão. Nesse movimento o estado de narcisismo primário é perturbado pelas exigências do mundo circundante às quais se ligam as questões do complexo de castração. O Ideal do Eu é a forma pela qual se busca recuperar a completude perturbada, busca que se dá pela via da projeção imaginária de um Eu que substitui, mal ou bem, o narcisismo perdido da infância.

Desse modo, “O desenvolvimento do Eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal-de-Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal” (Freud, 1914/2004, p. 117). De acordo com Freud o Ideal do Eu se constitui como o herdeiro do Eu ideal, operação que inaugura um segundo tempo no narcisismo. É em torno da promessa de restituição da *valorosa perfeição*, abalada pelos desenvolvimentos do complexo de Édipo e pela incidência do complexo de castração, que o narcisismo do Eu Ideal sofre os efeitos de uma temporalidade e desloca-se parcialmente na constituição do Ideal do Eu.

É importante notar que o narcisismo primário diz respeito a uma identificação imaginária com a mãe. Trata-se de um momento mítico de indiferenciação em que a criança faz uma experiência de completude e constitui tudo o aquilo que a mãe deseja. Então podemos pensar que o narcisismo primário é vivido a dois, uma vez que se dá na experiência da criança e da mãe em relação ao falo.

Mas no do primeiro tempo do complexo de Édipo essa experiência de completude e satisfação depara-se com o que lhe é outro mas

é na medida em que a criança é desalojada, para seu grande benefício, da posição ideal com qual ela e a mãe poderiam satisfazer-se, e na qual ela exerce a função de ser o objeto metonímico desta, que pode se estabelecer a terceira relação, a etapa seguinte, que é fecunda. Nela, com efeito, a criança torna-se outra coisa, pois essa etapa comporta a identificação com o pai de que lhes falei da última vez, e o título de propriedade virtual que o pai tem (Lacan, 1957-1958/1999, p. 210).

Lacan articula o que seria uma constituição como efeito do imaginário com o simbólico, pois é ao deparar-se com Outro, ao fazer sua entrada no campo simbólico que o sujeito inicia um processo de constituir-se em sua realidade imaginária. “É bem aqui também que está o ponto onde ele fala, no que ele fala, é no lugar do Outro (A) que ele começa a constituir essa mentira verídica pela qual tem começo aquilo que participa do desejo no nível do inconsciente” (Lacan, 1964/2008, p. 142/143). É ao falar e ser falado que são realizadas as experiências perceptivas e pulsionais constitutivas do Eu. Processo em que o corpo real é tecido no sistema simbólico e adquire alguma consistência imaginária na produção de si e do mundo a sua volta. Daí pode-se afirmar que o Eu é efeito do Outro, ou o Eu é feito do Outro. Isso a medida que o pai, ou coisa que o valha, comparece como suporte da Lei em sua dimensão simbólica. “É por intervir como aquele que tem falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do Eu, e que, a partir daí, não nos esqueçamos, o complexo de Édipo declina” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 201).

Nesse nível o complexo de Édipo e a castração estão ligados diretamente a constituição do Ideal do Eu. Então, colocamos em questão os modos como cada pessoa, no curso do desenvolvimento do seu Eu, se depara e reage à castração. Falamos da simbolização dos efeitos da castração ou da de como a negação da castração comparece, seja real do corpo produzindo sintomas, seja na passagem ao ato, por exemplo, transformando em ato infracional o que é vivido como violência psíquica. Ao contrário do recurso à passagem ao ato, a identificação com o pai aparece como uma saída possível que, em condições ideais, resulta na constituição de uma identificação que pode ser nomeada por Ideal do Eu. Contudo, nas expressões discursivas do laço social dominante da contemporaneidade apreende-se uma transformação profunda na constituição do psiquismo. A ênfase não está mais no Ideal do Eu, a lógica dominante não é mais a do “dever ser”. A felicidade não é mais tomada como uma promessa futura

que de algum modo regula a conduta de cada sujeito e ressalte-se que a felicidade manipulada ideologicamente é mortal.

Parece que esse “dever ser” que de algum modo regulava, pelo menos parcialmente, a relação com o semelhante não é suficientemente operante. A promessa de completude é deslocada para o presente imediato e o discurso contemporâneo coloca em cena “[...] outra estrutura ideal, a do *sonho de ser* do Eu ideal” (Lesourd, S., p. 35). Eu Ideal que, segundo Freud (1923), está mais próximo ao Eu prazer da primeira infância. Dessa passagem, do recobrimento do Ideal do Eu pelo Eu Ideal depreende-se uma formatação subjetiva apoiada na exigência da satisfação imediata e na crença da potência absoluta dos desejos. Freud diz que “O amor por si mesmo que já foi desfrutado pelo Eu verdadeiro na infância dirige-se agora a esse Eu-ideal. O narcisismo surge deslocado nesse novo Eu que é ideal e que, como o Eu infantil, se encontra agora de posse de toda a valiosa perfeição e completude” (Freud, 1914/2004, p. 112). Vemos como o indivíduo desliza de seu desamparo infantil para o “amor de si mesmo”, autoestima que faz com que ele se ache perfeitamente valioso. Freud explica que o indivíduo não está disposto a renunciar a sua perfeição narcísica infantil, por isso “o que o ser humano projeta diante de si como seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, durante a qual ele mesmo era seu próprio ideal” (Freud, 1914/2004, p. 112). Por isso realiza-se essa operação que se dá pela via da projeção imaginária e da identificação primária com a mãe supostamente onipotente.

Para Freud (1914) tanto o Eu Ideal quanto o Ideal do Eu dizem respeito a formações narcísicas, estão ligadas ao narcisismo propriamente dito. A diferença é que na formação do Ideal do Eu o narcisismo é atravessado pela castração. E é só pela castração que acontece a saída da posição do Eu ideal, processo que o leva a deixar de ser possuidor de toda *perfeição de valor* e a deparar-se com a formação do ideal do Eu

em sua dimensão simbólica e com seu efeito regulador. Aqui a identificação não é mais puramente narcísica, mas é com o pai da horda, descrito por Freud em Totem e Tabu, o pai morto que é introjetado na forma da Lei. É essa ordem simbólica que promove, pelos efeitos da castração, uma transformação no narcisismo, insere o sujeito na dimensão da falta e estabelece a possibilidade do desejo.

Se esse processo fracassa, como supomos acontecer na contemporaneidade, nos deparamos com reações violentas frente às frustrações e com uma recusa da autoridade. Todos esses fenômenos que podemos observar nos sujeitos adolescentes contemporâneos: rupturas com a família e com a escola, violências contra o outro e contra si próprio, recusa de autoridade, drogadição, depressões, suicídios, etc, por um lado, são tomados como fenômenos do adolescente em conflito com a lei; por outro lado, devem ser considerados como efeitos do discurso dominante e da organização do laço social contemporâneo na subjetividade do sujeito adolescente.

As dificuldades atuais da adolescência se desenvolvem em certa conformidade com o laço social dominante nas sociedades ocidentais contemporâneas regidas pelo liberalismo e pela lógica do mercado. Cada uma das expressões atuais do sofrimento adolescente corresponde às prescrições do laço social contemporâneo. A esse respeito Lesourd diz que

a grande quantidade de suicídios tem relação com a recusa da morte; as incivilidades e as violências mais duras são uma forma de por à prova pelo ato; os vícios e as anorexias cada vez mais frequentes se inscrevem na lógica do consumo; os distúrbios da identidade de gênero respondem à liberação sexual; e as depressões, os individualismos e os narcisismos exacerbados têm relação direta com a demanda de eficácia individual (Lesourd, 2012, p. 18).

O adolescente em conflito com a lei, antes de qualquer forma de nomeação marginal, é um indicador do modo de organização social que preconiza a obtenção imediata do prazer pela lógica do consumo. O adolescente em conflito com a lei é, antes de tudo, uma expressão do modo como o laço social contemporâneo articula, ou não, a

Lei, o gozo e o desejo. A adolescência é, para o sujeito, um momento privilegiado do processo identificatório e, portanto, de sua constituição. A ética psicanalítica propõe escutar o sofrimento desses sujeitos bem como a forma de endereçamento de suas demandas. Ora, na adolescência a questão do agir é essencial. Como não escutar o que é veiculado no ato adolescente? Como negligenciar o que se repete em ato na vida do adolescente e manter a aposta ética da psicanálise?

3 – A lei, o ato infracional e a medida socioeducativa

A pungência do questionamento acerca dos destinos da pulsão no sujeito adolescente, sua relação com a Lei e com o gozo nos remete ao modo como a lei brasileira regula, ou pelo menos tenta regular, os modos de inserção desses sujeitos no tecido social. Em seu desenvolvimento atual, no que tange a infância e a adolescência, a lei brasileira orienta-se em termos de medidas protetivas e socioeducativas. Nas páginas que se seguem faremos uma breve digressão visando localizar essa questão.

No Brasil, assim como no restante do mundo, os avanços do capitalismo e a lógica do consumismo acirram os efeitos de segregação e produzem um hiato entre os direitos humanos presentes na letra da lei e aqueles direitos que de fato são postos em prática no cotidiano da vida social. Essa desigualdade incide com uma força devastadora no corpo de uma grande maioria empobrecida dos brasileiros. As contradições são muitas. Por ora interessa apontar que se, por um lado, a lei nº. 8.069/1990 (ECA) e a lei 12.594/2012 (SINASE), trouxeram importantes avanços do ponto de vista legislativo, por outro lado, as tentativas de transformar efetivamente tais leis em medidas protetivas não têm sido suficientes para garantir os direitos da população infanto-juvenil brasileira. Esse hiato entre o corpo social e o Estado é mais nefasto para imensa maioria mais carente dos brasileiros.

O ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe, sem dúvida, importantes mudanças, principalmente do ponto de vista legal. O ponto de partida dessa mudança, presente nos artigos 1º e 2º do ECA, é a doutrina de proteção integral que reconhece toda criança brasileira como sujeito de direitos. O artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente diz que é dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à

vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

Além disso, o parágrafo único do referido artigo diz que a garantia de prioridade compreende a primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias; precedência do atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas; destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude. Mas, uma coisa é a lei, outra é a implantação de políticas públicas que garantam sua eficácia.

Os artigos 103, 104 e 105 do ECA consideram ato infracional todo fato típico descrito como crime ou contravenção penal. Aquele ato que, perante a lei, é considerado crime ou contravenção, se cometido por adolescente é considerado ato infracional. Os referidos artigos definem que os menores de 18 anos são inimputáveis penalmente e que os autores de atos infracionais receberão medidas protetivas e socioeducacionais.

Quanto as medidas socioeducativas, o artigo 112 do ECA diz que verificada a prática de ato infracional, a autoridade competente poderá aplicar ao adolescente as seguintes medidas: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semiliberdade, internação em estabelecimento educacional e, por fim, qualquer uma das previstas no art. 101, I a VI.

3.1 – A medida socioeducativa de internação

Nos interessa pensar acerca da medida socioeducativa de internação que, segundo o artigo 121 do ECA, constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento. Já o artigo 122 define que a medida de internação só poderá ser

aplicada quando tratar-se de ato infracional mediante grava ameaça ou violência a pessoa, por reiteração no cometimento de outras infrações graves e que em nenhuma hipótese será aplicada internação, havendo outra medida adequada. Além disso, a lei 12.594/12 (SINASE) em seu Artigo 42 § 3º considera a internação a mais grave de todas as medidas socioeducativas que um adolescente pode cumprir.

Apesar de o ECA ter sido sancionado em 1990, foi necessário um conjunto de reformulações políticas que definiram parâmetros para o atendimento socioeducativo de adolescentes autores de ato infracional. Esse movimento de reformulação estruturou-se em torno da Lei 12.594 de 18 de janeiro de 2012, que institui o Sistema Nacional de atendimento Socioeducativo (SINASE), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional.

O SINASE orienta principalmente que as ações socioeducativas sejam sustentadas nos princípios dos direitos humanos. O SINASE estabelece também parâmetros de caráter jurídico, político, pedagógico, financeiro e administrativo para apuração de ato infracional e para a execução da medida socioeducativa. Uma de suas prerrogativas é priorizar as medidas em meio aberto em detrimento das medidas de restrição de liberdade. Estas últimas possuem um caráter de excepcionalidade e devem ser aplicadas nos casos em que o adolescente tenha cometido atos infracionais mais graves

3.2 – O Centro de Internação para Adolescentes – CIA

O CIA é uma Unidade regionalizada da Secretaria de Cidadania e Trabalho (SECT), vinculada à Superintendência da Criança e do Adolescente (SUPCA) e à Gerência do Sistema Socioeducativo, tem capacidade física para 60 vagas, para

adolescentes do sexo masculino, e atende adolescentes em conflito com a lei dos municípios que compõem a regional de (Goiânia) e excepcionalmente, adolescentes de outros municípios do Estado. Além do CIA, no município de Goiânia há outras duas unidades de internação: o CIP – centro de Internação Provisória e o CASE – Centro de Assistência Socioeducacional. O CIA caracteriza-se por receber prioritariamente adolescentes autores de atos infracionais que recebem medidas socioeducativas de internação definitivas. Em função dessa característica o CIA recebe aqueles adolescentes mais reincidentes e que cometeram os atos infracionais mais graves, entre eles homicídio, que é um dos critérios do presente estudo.

3.3 – Os adolescentes autores de homicídio internados no CIA

Em suma, os adolescentes autores de homicídio que se encontram internados no CIA no mês de fevereiro de 2013 são oriundos de famílias de baixa renda, possuem entre 14 e 19 anos de idade, sendo que 68%, a maioria, tem entre 16 e 17 anos. Destaca-se o fato de que 73% são filhos de pais separados e que 41% tem a mãe como a cuidadora responsável. Outro fator que revela a presença materna é fato de que antes da internação 41% desses adolescentes moravam com a mãe, sem a presença do pai. Acerca da figura do pai observa-se que o número de adolescentes que morava com pai é menor que o número dos que moravam com avós maternos ou paternos e igual ao número dos que moravam sozinhos. Quanto à escolaridade, é relevante o fato de apenas 18% terem concluído o ensino fundamental e que 23% não passou do 6º ano do ensino fundamental. Uma vez que a (LDB) Lei de Diretrizes e Bases e o (PNE) Plano Nacional da Educação prevê que o ensino fundamental seja concluído por volta dos 14 anos de idade, e que a maioria desses adolescentes possuem entre 16 e 17 anos pode-se concluir que todos eles apresentam grave defasagem em sua escolaridade. Outra característica

relevante é que 82% desses adolescentes já fez uso regular de entorpecentes principalmente maconha e cocaína. Quanto ao histórico de atos infracionais, pode-se observar que 68% desses adolescentes foram anteriormente submetidos a medidas socioeducativas, em sua maioria, 87,5%, receberam medidas de internação. Além disso, observa-se que 55% são provenientes da comarca de Goiânia e seu entorno, os demais 45% são provenientes de comarcas do interior do estado de Goiás.

Portanto, no CIA encontramos sujeitos e questões que lançam desafios para todos os estudiosos e profissionais que tratam da questão adolescente. Frente a realidade encontrada no CIA questionamos por que de, num dado momento, o adolescente não conseguir outra coisa, além de colocar em ato, a angústia que, talvez, outros sujeitos traduzam em palavras? Por que ao entrar na adolescência ele encontra no conflito com a lei um meio para subjetivação? Pensamos a psicanálise em sua inalienável implicação com a clínica, é com esse recorte epistemológico e no atendimento clínico aos adolescentes internados no CIA que esta pesquisa formula questões e busca respostas.

4 – A tríade mãe-filho-falo: gozo, angústia e violência?

Amor de mãe é único! Meu filho é tudo pra mim! Essas afirmações são de uso corrente no imaginário popular. Nesse momento buscamos pensar, refletir e desdobrar as relações entre tais afirmações e a constituição subjetiva. Os humanos nascem em estado de profunda dependência do outro que dele deve cuidar, proteger, alimentar e etc. Trata-se de uma experiência realizada por todo falante, pois para cada humano vivo alguém ocupou o lugar de maternagem e de providência possibilitando a sobrevivência do indivíduo e, quem sabe, o advento de um sujeito. Nesse sentido, o amor de mãe é único! Mas é único por que não há nada igual? É único por que não pode ser substituído? Ou é único por que, nessa experiência, o sujeito remanesce cativo desse amor e não pode fazer outros ensaios de amar e ser amado? Assim, visamos circunscrever essa interrogação aos efeitos que podem advir para o sujeito, caso ele remanesça na experiência do amor materno como único em sua vida, vinculado a uma mãe para qual o filho é tudo.

Em 1921, no texto *A Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*, Freud afirma que toda psicologia individual é também social. Essa afirmação, que acontece no momento da passagem da primeira para a segunda teoria do aparelho psíquico, retira seu fundamento no fato de a gênese da constituição psíquica derivar das vivências que ocorrem no âmbito das relações parentais. Então, segundo o pensamento freudiano exposto tanto no referido texto quanto em vários outros tais como, *Três Ensaio Sobre a Teoria da sexualidade* (1905), *O Eu e o Id* (1923) e *A Dissecção da Personalidade Psíquica* (1933), é no âmbito de suas primeiras relações, nas eleições primárias dos objetos de identificação e de amor que se pode pensar a constituição do sujeito. Ou seja, a base da constituição psíquica de cada indivíduo é fortemente tributária das

experiências que ocorrem em seus primeiros anos de vida, sobretudo em suas relações mais imediatas, tais como mãe, pai, irmãos e seus substitutos.

No citado estudo sobre A Psicologia de Grupo e a Análise do Ego (1921), no capítulo VII, a identificação é proposta por Freud como a primeira manifestação de ligação emocional com outra pessoa. Contudo, Freud diz que ao lado desse processo, ou um pouco depois, que se caracteriza, grosso modo, por tomar uma pessoa, por exemplo, o pai como ideal, ocorre também o investimento da libido em outra pessoa, por exemplo, a mãe. Como se pode notar, além de a identificação alinhar-se e preparar o caminho do complexo de Édipo, ela insere na gênese do psiquismo a dialética do *ser* e do *ter*.

Mas como se dá esse processo na relação da criança com seus objetos primários: pai, mãe ou seus substitutos? A identificação diz respeito a um processo inconsciente que se esforça no sentido de “moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (Freud, 1921, p. 134). Ao passo que a eleição de um objeto de amor diz respeito ao esforço por obter satisfação com o objeto investido pela pulsão, ou seja, *ter* o objeto. Enquanto na identificação o esforço é no sentido de *ser*, na relação objetal o que se pretende é *ter* o objeto.

O texto freudiano permite certa ambiguidade ao afirmar que a escolha objetal ocorre um pouco depois ou ao mesmo tempo em que ocorre a identificação. A expressão “ao mesmo tempo” deixa dúvida sobre qual processo estaria na origem. Do mesmo modo, em O Eu e o Isso (1923) Freud diz que “inicialmente, na fase oral primitiva do indivíduo, não há como distinguir o investimento objetal da identificação” (1923/2007, p. 40). O que vem primeiro o *ser* ou o *ter*? Uma leitura mais atenta do texto freudiano sobre a psicologia de grupo mostra que “o primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer escolha sexual de objeto tenha sido feita” (Freud, 1921, p.

134). Ainda que na sequência Freud admita a dificuldade para fornecer uma representação metapsicológica desse processo, ele fornece o seguinte resumo das idéias contidas no capítulo VII, dedicado ao problema da identificação:

[...] primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual (Freud, 1921/1976, p. 136).

Além disso, em um texto, com parágrafos soltos, escrito em 1938 e publicado postumamente em 1941, intitulado “Achados, Idéias e Problemas”, Freud volta a tratar do problema do *ser* e *ter*, ele é claro ao afirmar que o *ter* é o mais tardio nesse processo. Embora não possa deixar de ser pensado como um movimento dialético, no âmbito da constituição psíquica, o *ser* precede o *ter*. Trata, sobretudo, de pensar os desdobramentos, as falhas e as consequências para todo humano da passagem da condição de objeto amado a amante.

Mas antes de enveredar por esse caminho retomemos em Freud o que pode ser pensado como três momentos conceituais da teoria da identificação. A primeira identificação descrita por Freud em 1921 é a identificação ao pai primitivo. É uma identificação direta, imediata, mais precoce que todo investimento objetal. Foi a partir dos estudos desenvolvidos em Totem e Tabu (1913) que Freud apontou esse primeiro momento do processo de identificação como uma identificação primária com o pai. No entanto, é preciso considerar que o pai de quem se trata aqui é um pai aos moldes do mito da horda primeva, o pai que fora primitivamente substituto do totem. Para os povos primitivos a identificação com o totem era celebrada por meio do banquete totêmico, durante um festim canibal o totem era devorado. Ao introjetar oralmente o totem cada membro do clã adquire suas características, ou seja, identifica-se com ele.

Freud resume o mito de Totem e Tabu, do qual se serve para lançar luz sobre os primórdios do desenvolvimento do psiquismo, do seguinte modo:

Certo dia, os irmãos que tinham sido expulsos retornaram juntos, mataram e devoraram o pai, colocando assim um fim à horda patriarcal. Unidos, tiveram a coragem de fazê-lo e foram bem sucedidos no que lhes teria sido impossível fazer individualmente. (Algum avanço cultural, talvez o domínio de uma nova arma, proporcionou-lhes um senso de força superior.) Selvagens canibais como eram, não é preciso dizer que não apenas matavam, mas também devoravam a vítima. O violento pai primevo fora sem dúvida o temido e invejado modelo de cada um do grupo de irmãos: e, pelo ato de devorá-lo, realizavam a identificação com ele, cada um deles adquirindo uma parte de sua força. A refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato memorável e criminoso, que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião. (1913/1976, p. 170)

Para os povos primitivos, “incorporando partes do corpo de uma pessoa pelo ato de comer, adquire-se ao mesmo tempo as qualidades por ela possuídas” (Freud, 1913/1976, p. 104). A identificação primária é uma herança filogenética que se repete na ontogênese e marca os primórdios do desenvolvimento de cada humano. Trata-se de uma identificação ao pai onipotente e serve de base para a constituição do sujeito. Essa noção de identificação primária é retomada principalmente em *o Eu e o Id* (1923), momento em que Freud afirma que essas identificações do início da vida irão se generalizar e darão origem ao Ideal do Eu. Freud diz que por detrás desse ideal “esconde-se a primeira e mais significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai de sua própria pré-história pessoal. [...] ela é uma identificação direta e imediata, anterior a qualquer investimento de objeto” (1923/2007, p. 42).

Além dessa identificação ao pai primitivo pensada em 1913, Freud já havia apontado uma identificação a um traço unário do objeto pela via da formação sintomática. Em 1905 Freud publica *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria*, trata-se da análise de uma jovem que ocorreu em 1901 e que ficou conhecido como o caso Dora. Para Freud a tosse sintomática de Dora opera como um retorno do recalcado, manifestação fantasmática da sua identificação a seu pai. No texto freudiano o primeiro traço da identificação de Dora ao pai é fornecido pelo próprio pai da moça que segundo

Freud lhe dirige o seguinte pedido: “Dora, que herdou minha obstinácia, não pode ser dissuadida do ódio pelos K. Ela teve sua última crise após uma conversa em que ela novamente insistiu para que eu rompesse com eles. Por favor, tente devolver-lhe a razão” (Freud, 1905[1901]/1976, p. 24). Aqui Freud descreve a identificação de Dora a um traço da personalidade de seu pai. Pela via da identificação a esse traço paterno Dora *era*, portanto, como seu pai. Outro indício da identificação operando na base da formação sintomática de Dora é apresentado por Freud quando Dora queixa-se de ‘agudas dores gástricas’. Frente a essas queixas Freud diz que

as dores gástricas de Dora proclamavam o fato de que ela se identificara com a prima que, segundo ela, era uma simuladora. Seus fundamentos para esta identificação eram que ela também estava invejosa da felicidade da moça ou que ela via sua própria história refletida na irmã mais velha, que recentemente tivera um caso amoroso que terminara de forma infeliz (1905[1901]/1976, p. 36).

Ainda acerca de Dora, Freud observa que quando Dora queixa-se sintomaticamente de uma tosse severa “ela estava identificando-se com a mulher que seu pai uma vez amara e com a mulher que ele amava agora” (1905[1901]/ 1976, p. 53). Nesses fragmentos observa-se como Freud propõe uma identificação a um traço unário do objeto escolhido, identificação que revela, ao mesmo tempo em que esconde, o vínculo entre o desejo inconsciente e a substituição sintomática. Trata-se de perceber no sintoma, pela via da identificação, o pertencimento ao primitivo fantasma sexual. Desse modo, a face significativa do sintoma é colocada em jogo pelo mecanismo da identificação ao traço unário do objeto investido, ao mesmo tempo em que a identificação ao traço unário é revelada pelo sintoma.

Por fim pode-se ler em Freud um terceiro momento da identificação que se dá como um efeito da segunda identificação. Trata-se de uma identificação de Eu a Eu. Essa identificação encontra seu desenvolvimento teórico em a Psicologia de Grupos e a Análise do Ego (1921/1976), estudo no qual Freud demonstra que um objeto exterior é internalizado via processos identificatórios inconscientes e passa a ocupar o lugar do

Ideal do Eu para um grupo de pessoas. Esse momento do processo identificatório é, para Freud, o que opera na base dos processos grupais e que explica a psicologia das massas. Além disso, na construção da segunda teoria do aparelho psíquico Freud (1923/2007) propõe que a internalização de um objeto tomado como ideal é uma das vias estruturantes do supereu.

A identificação é um processo que está na base da constituição psíquica. Mas retomemos esse processo seguindo os passos de Freud. Em seus desenvolvimentos teóricos e clínicos sobre a sexualidade, em suas várias revisões, Freud demonstra com a clareza que tal matéria permite que o objeto é o que a pulsão tem de mais evanescente e de inapreensível. Em 1905, na primeira edição dos Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Freud já se depara com esse caráter variável do objeto da pulsão. Ele expressa seu desconcerto do seguinte modo:

Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste (1905/1976, p. 148/149).

Pode-se ler como Freud não chega a essa conclusão de uma só vez, ele foi levado pela experiência clínica a uma mudança de perspectiva. Ele foi praticamente obrigado a se deslocar do conhecimento estabelecido na sua época para concluir que não existe um objeto naturalmente adequado capaz de satisfazer o ser humano. Essa conclusão foi possível devido a sua sensibilidade clínica que foi capaz de perceber que não há uma distância substancial entre os sujeitos “normais e os anormais”. Ou seja, os sujeitos que procuravam a clínica de Freud e lhe apresentavam seus sofrimentos foram recebidos sem a carga de preconceitos que pairava sobre a cultura de seu tempo em relação à sexualidade.

Se em 1905 Freud mostra seu desconcerto frente a descolagem entre objeto e pulsão, dez anos mais tarde, ao escrever o artigo metapsicológico Pulsões e destinos da pulsão (1915/2004) ele é conclusivo acerca da inexistência de um objeto naturalmente adequado a satisfação da pulsão. Nesse estudo ele afirma que o objeto “é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar satisfação” (Freud 1915/2004, p. 149). Não só ele assume a inexistência de vínculo entre objeto e pulsão como admite que “o objeto poderá ser substituído por intermináveis outros objetos” (Freud 1915/2004, p. 149). Isso está completamente alinhado com a proposição já feita em 1905 de que “o encontro do objeto é na verdade um reencontro” (Freud, 1905/1976, p. 229), ou seja, a sexualidade humana consiste em uma constante busca de reencontrar o objeto ideal desde sempre e para sempre perdido.

A concepção de que o objeto é o que a pulsão tem de mais evanescente e inapreensível levou Lacan (1956-1957) a colocar em relevo a inexistência do objeto adequado para a apetência do humano. Não há para a realidade humana um objeto harmonioso, típico e plenamente satisfatório. No campo psicanalítico, quando se fala em objeto da pulsão, diz-se daquilo que somente pode ser apreendido pela busca de um objeto perdido, para sempre perdido. Então, o encontro do objeto é sempre um reencontro, uma nostalgia.

Uma vez que a noção de objeto não é da ordem da harmonia ou da satisfação, a matriz da noção de objeto da pulsão diz de um conflito profundo do sujeito com sua realidade. Esse sujeito em conflito que se esforça no sentido de obter prazer e satisfação depara-se com uma hiância entre o princípio de prazer e o princípio de realidade. A dinâmica desse furo é fundamentada na tensão entre o que é procurado, onde é procurado e o que é encontrado, onde é encontrado.

Lacan (1956-1957) diz que “[...] a satisfação do princípio de prazer, sempre latente, subjacente a todo exercício da criação do mundo, tende sempre, mais ou menos, a se realizar de forma alucinada” (p. 15). É nessa tendência ao encontro alucinado do objeto, localizada por Lacan no eixo imaginário da relação entre o Eu e o outro que se pode encontrar o fio da meada para essa discussão. Aí é possível pensar a questão da identificação, questionar seu papel na forja do objeto e na organização do Eu.

A reciprocidade, efeito da identificação, presente nessa relação entre sujeito e objeto permitiu a Lacan (1949) chamá-la de relação em espelho e a partir daí desenvolver a noção de estágio do espelho que, entre outras, realça o conflito presente na relação dual. A identificação aparece como fenômeno convocado a tentar minimizar o resíduo deixado pela distância entre o sujeito e o objeto. “O objeto é instrumento para mascarar, enfeitar o fundo fundamental de angústia que caracteriza, nas diferentes etapas do desenvolvimento do sujeito, sua relação com o mundo” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 21). Daí resulta que toda relação objetual é fundamentalmente imaginária e sustenta-se em um fundo identificatório.

Mas de que objeto se trata? Certamente não é do objeto natural fruto da maturidade biológica do indivíduo, disso a clínica e a vida cotidiana nos dão incontáveis provas. A idéia de um objeto harmônico, que por sua natureza possibilita a satisfação adequada, que se encaixa perfeitamente na relação sujeito-objeto, é ordinariamente contradita pela experiência comum das relações entre o homem e a mulher. A desmontagem da pulsão feita por Freud (1915) resulta de modo radical na existência de uma hiância na relação sujeito objeto, a presença dessa falta garante que o encontro do objeto se dá de modo falho, como algo que rateia e que é preñado de insatisfações. Em suma, no âmbito da pulsão o objeto é indiferente, a pulsão não tem um objeto próprio, ela é movida pela falta de objeto. Lacan nomeia a presença dessa falta por *objeto a*,

objeto causa de desejo, contribuição original de Lacan que retira sua criatividade da sua leitura do Banquete de Platão. É no diálogo com Alcibíades, presente no Banquete, que Lacan encontra a noção de *agálma*, objeto reluzente, da qual faz derivar a noção de objeto *a*: “[...] esse objeto, que de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo.” (Lacan, 1964/2008, p. 176). Essa falta de objeto inscrita por objeto *a*, propõe que qualquer objeto pode ser substituto daquele objeto mítico que se existisse obturaria a furo nomeado por objeto *a*.

Ao situar o complexo de Édipo no centro do psiquismo Freud põe em questão a constituição subjetiva, bem como as relações do sujeito com as figuras de pai e mãe e as implicações dessas relações com a normatização. É importante, então, pensar como se dão essas relações. O primeiro tempo do complexo de Édipo caracteriza-se pela marca de uma experiência mítica de completude, tempo no qual mãe e bebê permanecem como que satisfeitos. Nesse tempo mãe e bebê se bastam. Segundo Aulagnier “no momento em que a boca encontra o seio, ela encontra e absorve o primeiro gole do mundo. Afeto, sentido, cultura estão co-presentes e são responsáveis pelo gosto das primeiras gotas de leite que o *infans* toma” (1979, p. 40). Fenômeno no qual parece faltar nada e caber ninguém. Sobre esse tempo pode-se ouvir uma mãe dizer: meu filho é tudo para mim! E do filho a única coisa se pode ouvir é o grito de uma existência indiferenciada da mãe. O filho é imaginariamente colocado no lugar daquilo que torna a mãe completa. É a experiência do sou tudo, tenho tudo, portanto, nada falta! Nessa situação amor de mãe é único, pois é a única realidade que mãe e bebê experimentam. Ela somente ama enquanto mãe, somente existe enquanto mãe e ele, o bebê, é tudo para ela.

O que está em questão é a função da criança para mãe em relação ao falo. Trata-se de uma questão da maior importância. Primeiro porque é central no desenvolvimento

da subjetividade da criança. Segundo porque trata da subjetividade da mãe e dos modos como ela lida com a dialética da presença e da ausência do falo, enfim, trata-se do modo como a mãe lida com a falta. A importância dessa questão, do ponto de vista da criança, é maior e adquire tons de dramaticidade em função de que, quando se trata de ser ou não o falo para mãe, é da criança por inteiro que se trata. Não é apenas de uma parte do seu corpo, mas é a criança toda que está causa. A criança é capturada como objeto imaginário para a completude da mãe.

Esse primeiro tempo do complexo de Édipo é também o primeiro momento da identificação, uma vez que para Freud (1921) a identificação ajuda a preparar o caminho do Édipo. A identificação que ocorre no início da vida é chamada por Lacan (1957-1958/1999) de identificação imaginária, nela há uma experiência da onipotência que, contudo, não está no sujeito, mas na mãe, ou seja, no Outro primitivo. A criança, capturada no jogo do desejo da mãe, identifica-se imaginariamente ao falo que tornaria a mãe completa, isenta de falta. Nessa captura a criança é o falo da mãe, constituindo aquilo que completa a mãe. Este Outro é que é vivido como completo e onipotente. No entanto, desse lugar uma passagem se impõe à criança em desenvolvimento. Por vários motivos associados a sua existência enquanto sujeito a mãe acaba por dobrar-se às exigências da realidade. Ela reconhece em si a presença de desejos que não podem ser satisfeitos a partir da sua relação com filho, ou seja, o filho é tudo para a mãe, mas não é um *tudo* tão completo assim. Seu desejo encontra ancoragem em situações cotidianas ligadas a sua saúde, a atividades profissionais, a sua vida amorosa, etc.

O fato de que a criança não basta ao Outro deflagra um mistério, a saber, o mistério do desejo do Outro. O que o Outro deseja? Esse questionamento é feito ao custo da descoberta da falta no Outro e traz a consequência, para o sujeito, de descobrir-se também incompleto. De uma posição de completude, restando como aquilo que

bastava para completar a mãe, a criança descobre que o desejo da mãe não está todo investido nela, descobre que ela não basta à mãe. Em consequência descobre-se também incompleta. Acerca dessa passagem, Lacan diz que “desde que o sujeito percebe, no objeto de que espera a onipotência, esta falta que o faz, a ele mesmo impotente, a última instância da onipotência é referida para além, a saber, ali onde alguma coisa não existe ao máximo” (1956-1957/1995, p. 171). Então, pode-se pensar que o fundamento do amor está no fato de o sujeito se dirigir à falta que está no objeto, mas na condição de que para além do objeto vislumbra-se esse ser mágico, a mãe onipotente, ou seja, o Outro primitivo e todo-poderoso. Nesse sentido, amor de mãe pode ser experimentado como único. Enquanto resta capturado nesse lugar de ser tudo para a mãe e de ter na mãe o único amor o sujeito também vive a ilusão da completude e onipotência imaginária, ele é aquilo que pode completar a mãe, então ele pode tudo.

A mãe desse amor único talvez seja uma mãe aos moldes de Medéia, tragédia grega de 431 a. c., nela Eurípedes apresenta o conflito psíquico de uma mulher/mãe tomada de amor e ódio, que em seu desvario, em sua sede de completude, consome os filhos e não deixa a Jasão, o pai, sequer suas sobras, sequer seus corpos sem vida. Daí a exigência do pensamento de Lacan ao situar o desejo sempre como desejo do Outro. O objeto é interposto, em suas múltiplas composições da fantasia, ao sujeito e à falta que está no Outro. Por consequência o que se tenta velar é a falta no próprio sujeito. O sujeito faltoso, barrado, busca nessa operação um modo de tentar suspender a barra e negar sua incompletude constitucional.

Deparar-se com a realidade do Outro enquanto faltoso e, ao mesmo tempo, deparar-se com sua própria falta é um fato de tamanha violência psíquica que só pode ser experimentado se mediado por algum artifício de negação. Lacan (1956-1957) propõe que o objeto fetiche pode ser tomado como uma dessas miragens por meio das

quais se tenta velar a falta. Mas do mesmo modo que o objeto fetiche, o sadismo, o masoquismo, a fantasia e o delírio, por exemplo, também podem comparecer como efeitos de feitiço, miragens e construções frente ao enigma do desejo do Outro, frente ao fato que o falo está para além da mãe, o que equivale a dizer que o falo está para além da potência de amor da mãe. Dizer que o falo está para além da mãe implica assumir que o falo está também para além do sujeito, para além da sua capacidade de doar e receber, para além de sua capacidade de amar e ser amado, e finalmente, para além de sua possibilidade de satisfazer-se com os objetos que recebem seu investimento pulsional.

Daí a afirmação de que o desejo é de saída perverso, ou seja, é sempre desejo de outra coisa que teria por finalidade negar, desmentir, recalcar ou foracluir os efeitos da castração. O desejo é de saída efeito de uma operação metonímica caracterizada pelo deslizamento da cadeia significativa, deslizamento no qual, de palavra em palavra, produz-se a elisão do sentido e “instala a falta do ser na relação de objeto, servindo-se do valor de envio da significação para investi-la com o desejo visando essa falta que ele sustenta” (Lacan, 1957, p. 519). O desejo é sempre desejo do todo, travestido de tudo, está sempre referido ao falo como aquilo que lhe é subjacente, como algo que lhe corre por baixo definindo a impossibilidade da satisfação apesar de toda e qualquer série de objetos substitutos que se possa eleger e encontrar. O desejo percorre vias perversas exatamente em função da inexistência do objeto adequado à apetência do falante. O que não impede que se tente de todos os modos possíveis e impossíveis driblar o corte efetuado por aquilo que Lacan nomeou por *nom du père* – que em português pode-se escutar como: Não do Pai e Nome-do-Pai. Na língua francesa há homofonia entre as expressões *Le nom du père* e *Le non du père*.

Le nom du père	O nome do pai
----------------	---------------

Le non du père	O não do pai
----------------	--------------

Ora, se o encontro do objeto de amor é uma nostalgia ou um reencontro, como ensina Freud, o amor – ainda que seja o amor de mãe inscrito como único – não pode ser mais que uma metáfora! Mas por que metáfora? É metáfora porque apresenta uma estrutura na qual ocorre a substituição de um significante por outro significante produzindo um efeito de significação que não deixa espaço para a falta. É metáfora porque toma uma palavra no lugar de outra, toma um objeto no lugar do Outro e apresenta para o sujeito uma miragem de sentido, ou se preferirmos, uma miragem de completude. Na metáfora o significante recebe uma injeção de significação. No amor o amante se completa e se confunde com o amado, torna-se um com seu amor. É uma miragem linda! É uma miragem que *amor-tece* nosso encontro com o Real. É uma miragem que traz a marca da morte nesse encontro com o Real. O significante “amortecer” pode ser escandido em “amor”, “tecer”, “morte” e ainda pode ser escutado como “a morte ser”.



Nessa tessitura, nesse amortecimento o amor forja semblante de plenitude uma vez que de sua significação ninguém escapa ileso. Por outro lado, um artifício de completude como esse se assemelha à experiência de Narciso diante do reflexo que desvive no espelho d’água. No poema de Ovídio *A História de Eco e Narciso* mostra bem essa tragédia:

*Ele é encantador,
 Eu o vejo, mas seu encanto e seu olhar me escapam.
 Eu o amo e não sou capaz de encontra-lo!
 E, pior ainda, nem o mar, nem uma estrada, nem montanha,*

*Nem muralha, nem portão ou barreira nos separa,
Apenas uma fina camada de água. [...]
Narciso, consumido pelo fogo da paixão,
Aproxima-se lentamente do fim, perdendo aos poucos sua cor,
Sua força, sua audácia e graça
Esmaecendo, e até seu próprio corpo,
Que Eco tanto amara...*

Não é em vão que certas canções dizem que os apaixonados morrem de amor. Será que é necessariamente disso que se trata? De um encontro mortífero com o Outro, mediado pelo outro? Como disse o professor Francisco Martins em uma comunicação pessoal: “Narciso morre na própria imagem”!

Partindo do pressuposto da equivalência falo-criança pode-se pensar na estrutura que formata a onipotência imaginária da mãe à custa da significação da criança enquanto falo. Num primeiro momento é identificando-se com esse Outro primitivo que a criança inicia sua constituição subjetiva. Lemos em Freud, principalmente em *A Dissolução do Complexo de Édipo* (1924/1976), *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925/1976) e na *Conferência XXXIII: Feminilidade* (1933[1932]/1976), que frente à sua *inferioridade* a menina desiste de suas intenções edípicas ao construir a fantasia de ter para si um filho. É assim, por meio do filho, que a mãe almeja velar sua falta. Essa seria a função da criança-falo: velar a falta no Outro. Trata-se de esconder a falta, ter diante de si a mãe completa e onipotente. É disso que se trata, está em jogo a relação mãe-criança-falo. Jogo no qual a mãe almeja velar sua falta e no qual a criança, por sua vez, almeja responder ao enigma do desejo materno.

Correspondendo ao objeto do desejo da mãe, a criança seria plena em sua alienação fusionada à mãe. Esta seria a perfeição, uma relação sujeito-objeto na qual um sujeito completo e onipotente permanece satisfeito em um objeto suficiente. Ficaria negada a falta de um e de outro. Isso se fosse possível falar em “um” e “outro”, pois em tal alienação e sem a falta não emerge um sujeito de desejo. Lacan diz que “[...] o amor

está fundado no fato de que o sujeito se dirige à falta que está no objeto” (1956-1957/1995, p. 167). A falta é condição para a emergência do desejo! Mas a equivalência criança-falo pode resultar ao longo da vida na manutenção do sujeito no lugar de uma atribuição fálica e isso não pode ser sem consequências.

4.1 – Da mãe onipotente ao pai potente

A noção de Lei proposta por Freud é inaugurada miticamente em Totem e Tabu (1913). Valendo-se do mito Freud propõe que o assassinato do pai inaugura a Lei e funda o pacto entre os irmãos. O pai é morto pela horda, enciumados e excluídos do gozo pela tirania paterna, os irmãos se unem no crime. Sua intenção, por um lado, era a de interromper os excessos do pai, barrar seu gozo. Mas, por outro lado, cada um deles queria tomar seu lugar para fazer como ele, gozar. Após a morte do pai eles logo percebem que isso é da ordem do impossível: morto o pai resta a culpa. Emerge a necessidade de um pacto capaz de regular e distribuir entre eles as possibilidades e os limites do gozo. É em torno desse pacto que interdita o incesto e proíbe o parricídio que a civilização se desenvolve. A função da Lei é regular o gozo individual e ao mesmo tempo possibilitar a organização social.

A construção freudiana do mito do Totem e Tabu (1913) aponta para os processos psíquicos que tiveram sua origem na filogênese e se repetem na ontogênese. É importante ver como isso se dá. O ponto de partida do que é chamado processo identificatório é a equivalência falo-criança que estabelece, então, uma configuração triangular inicial mãe-criança-falo. Como já foi dito, para a formação mãe-criança o que está em jogo é a dialética *ser e ter* o falo.

Em 1923, Freud diz que a principal característica da organização genital infantil é sua diferença da organização genital do adulto. A marca dessa diferença é o fato de que para ambos os sexos entrar consideração apenas o órgão genital masculino. Daí Freud concluir que o que está presente não é a primazia dos órgãos genitais e, sim, a primazia do falo. A fase fálica, etapa terminal da primeira época da sexualidade infantil, é típica tanto para o menino quanto para a menina e seu elemento diferencial é ter ou não ter o falo. “Não existe, portanto, a realização do macho e da fêmea, existe aquele que é provido do atributo fálico e aquele que é desprovido” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 96), o que equivale a ser castrado.

Essa dialética está presente desde as primeiras formulações de Freud de onde pode se afirmar que é impossível de se apreender a noção da relação de objeto se o falo não for considerado como um elemento terceiro. O falo como significante da falta no Outro, lugar primitivamente ocupado pela mãe. Isso é da ordem da linguagem, enquanto significante o falo é o que funda a relação imaginária mãe-criança. Contudo, tal compreensão exige que se considere o falo como o objeto imaginário, como um terceiro elemento na díade mãe-criança. Mas trata-se de tomar o falo como um elemento imaginário e não como um dado real.

A isso Lacan (1956-1957/1995) acrescenta que tanto a dialética da análise quanto a dialética do desenvolvimento individual gira em torno do falo. Mas não se trata de confundir o falo em sua função imaginária com o pênis enquanto órgão real. Se o falo, por um lado, só é concebível no plano imaginário, por outro lado, uma vez que está no limite de nossa experiência, “só podemos no referir ao real teorizando” (Lacan 1956-1957/1995, p. 31).

O querer ser o falo é comum para meninos e meninas. É necessário um deslocamento no sentido de deixar de ser o falo para tê-lo. Contudo, esse ter o falo é

algo evanescente, pois o falo circula. O falo, por definição, uma vez que submetidos à ordem simbólica, não pode ser propriedade de alguém, não é disso que se trata. Dito de outro modo, meninos e meninas terão que se desprender de ser o objeto de desejo da mãe, submeter-se à castração, para aos poucos, processualmente, fazer sua entrada na ordem simbólica e, também processualmente, constituir-se enquanto sujeitos de desejo.

Se num primeiro momento ocorre a identificação imaginária com o falo da mãe, num segundo momento o pai é convocado pela palavra e pelo desejo da mãe a interferir nessa relação. A interferência do pai ocorre inicialmente em termos de uma interdição que incide sobre a mãe privando-a da satisfação com o filho colocado no lugar do seu falo. Aí podemos entrever o movimento pelo qual a criança é colocada no lugar de objeto do desejo da mãe de onde, a seguir, desliza para um lugar entre o desejo da mãe e o falo enquanto objeto imaginário. Interessa pensar como essas coisas se dão e para quais desenvolvimentos apontam. Antes é importante notar que é pelo desejo e pela palavra da mãe que alguém pode realizar essa função de interdição.

Nesse sentido Lacan (1957-1958/1999) diz que o pai enquanto homem deve dar provas de possuir aquilo do qual todo humano é desprovido. O pai deve dar provas de ser possuidor daquilo que a mãe deseja. E só com essa condição o filho pode passar da identificação imaginária para a identificação simbólica com o pai enquanto aquele que é portador da Lei. A castração operada pela entrada em cena do nome do pai é condição para tal passagem. Somente se o pai foi apontado pela mãe como aquele que tem o que ela deseja é que o filho pode engendrar-se numa promessa de que depois ele receberá do pai esse título de propriedade.

É desse modo que o complexo de castração opera como elemento pivotante da constelação subjetiva, nele gira, por meio da identificação, o movimento de instauração e de resolução do complexo de Édipo. Trata-se de outra forma de admitir o que Freud já

afirmara, por exemplo, ao escrever o texto *A Dissolução do Complexo de Édipo* em 1924. Nestes termos a castração é pensada como uma operação que instaura a falta na relação mãe-criança-falo. É importante destacar que ao ser colocada no lugar daquilo que a mãe deseja, ou seja, ao ser alçada como falo imaginário da mãe, é toda a criança que o é, não se trata apenas de uma parte sua. Isso é importante para se pensar as consequências que derivam da castração para a criança.

Essa operação é realizada por um agente, o pai enquanto representante da Lei, que recebe da mãe a condição para intervir. Essa condição para intervir concedida ao pai, não é efeito de uma intenção consciente da mãe, antes ela é efeito do desejo da mãe que, na experiência de desejar, reconhece em si uma falta, ou seja, se reconhece faltosa, isso não é pouca coisa. Não basta que a mãe queira dar lugar ao pai. É necessário que ela tenha condições para isso! É preciso que, em sua história, a mãe, enquanto criança tenha passado pela experiência de ser deslocada desse lugar imaginário alienada ao Outro para deparar-se com os efeitos do nome do pai.

Acerca da castração Lacan (1956-1957/1995) ensina tratar-se de uma operação simbólica cujo agente é o pai real e incide sobre um objeto imaginário, por meio dela o sujeito renuncia aquilo que ele tem de mais precioso, a mãe, para poder ter acesso a todas as mulheres. Ou seja, ele renuncia a ilusão do gozo absoluto para emergir como iniciar o processo de emergir como sujeito de desejo. Contudo, essa operação só será possível se o pai operar como metáfora da Lei.

Mas Lacan (1956-1957/1995) questiona o que parece inquestionável: O que é ser um pai? Onde está o pai? A potência desse questionamento exige deter-se no pai simbólico enquanto um significante impassível de representação e somente acessível como uma construção mítica. Como já foi apontado, foi por meio do mito do Totem e Tabu que Freud (1913) pôde forjar a ficção do pai morto enquanto ser e, em função

disso, preservado enquanto significante. “Totem e Tabu é feito para nos dizer que, para que os pais subsistam, é preciso que o verdadeiro pai, o pai singular, o pai único, esteja antes do surgimento da história, e que seja o pai morto” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 215). Do mito forjado por Freud tira-se a conclusão que o pai, tal como formulado por Freud, não existe, ele é. Ele somente pode ser enquanto pai morto. A dinâmica de Totem e Tabu mostra que é pelo seu assassinato que os filhos o eternizam. O pai é morto pela horda que, culpada, o introjeta por meio do ritual canibalístico e, desse modo, identifica-se com ele. Esse fantasma do pai é, desde antes da história, onipresente e onipotente apesar de existir em lugar nenhum.

É desse modo que o pai é morto e ao mesmo tempo conservado. Lacan chama atenção “para o fato de que em francês, e em algumas outras línguas, entre as quais o alemão, *tuer*, em português matar, vem do latim *tutare*, que quer dizer conservar” (1956-1957/1995, p. 215). Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o verbo matar tem uma origem controversa. Existem indicações de que matar venha do latim *mattāre*, que significa golpear, abater. *Mattāre* também é considerado uma evolução vulgar do verbo latino *mactāre* que pode significar prover, recompensar com, aumentar, engrandecer; imolar, sacrificar, oferecer aos deuses, votar, consagrar, dedicar, matar.

Voltando ao problema do que é um pai, pode-se, então, pensar que o pai simbólico é uma construção mítica que não intervém nos desenvolvimentos da estrutura central da subjetividade a não ser por meio do pai real. Vemos aí do que se trata, é de alguém, o pai ou coisa que o valha, que em algum momento preenche o papel e a função de edipianizar o sujeito, ou seja, fazer com que a criança renuncie ao que ela tem de mais precioso, a mãe, para poder ter acesso a todas as mulheres. O pai real é aquele para quem a mãe aponta seu desejo, em função do que admite sua constituição faltosa. O pai

imaginário é o pai todo-poderoso, temível. “É aquele com que lidamos o tempo todo” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 225). É o pai da identificação, da idealização e da rivalidade fraterna. Na relação com o pai imaginário incide a agressividade ao mesmo tempo em que comporta o suporte para as relações com o outro. “É o pai assustador que conhecemos no fundo de tantas experiências neuróticas, e que não tem de forma alguma, obrigatoriamente, relação com o pai real da criança” (p. 225). Podemos até dizer que se trata de uma figura caricata do pai.

A experiência clínica cotidiana corrobora a descoberta de Freud acerca do fato de que no inconsciente não existe inscrição sobre a diferença sexual. Em outras palavras, não há no inconsciente uma inscrição para o feminino e outra para o masculino. O sujeito do inconsciente não reconhece a diferença sexual. Embora este seja um tema da maior importância, nesse momento o objetivo não é deter-se diretamente na questão da identidade sexual. Por ora, interessa interrogar acerca da incidência do problema da identidade sexual na questão da função paterna. A reflexão gira em torno da pergunta: o que é um pai e qual é sua função do ponto de vista psicanalítico?

Interessa interrogar como essa proposição estonteante, a inexistência da inscrição sexual no inconsciente, relaciona-se com a questão do pai? Ser homem é condição para ser pai? É necessário que haja um homem para que haja um pai? Lacan diz que não, ele diz que é de outra coisa que se trata, além do homem presente, além do pai da realidade.

Isso porque a função paterna é identificada à função fálica. É em Freud, no mito da horda primeva, que vamos encontrar a lógica que fundamenta essa identificação. Em Totem e Tabu Freud ilustra como o pai primitivo, déspota e tirano é morto pela horda, demonstra que, em função da ambivalência emocional, após o assassinato a horda

experimenta sentimentos de culpa e uma dívida impagável. Dívida que a horda tenta pagar com votos de honra e de obediência ao pai morto. Como diz Freud, é desse modo que o pai morto torna-se mais poderoso do que o fora em vida. Por esse caminho Freud explica a instituição do pai simbólico a partir do pai morto. Entendemos, então, o pai simbólico como uma noção que deriva sua essência conceitual do mito do pai da horda primitiva.

Uma vez que o motor daquilo que Freud ao longo de toda sua obra chamou de *Seelischer Apparat* – que em português traduziu-se por aparelho psíquico, que segundo Hanns (1996) também pode ser traduzido por aparelho de alma ou aparelho anímico – é a castração, pode-se ressaltar a centralidade que a função paterna ocupa. Daí vale o seguinte questionamento: como a criança reage a essa operação que a desaloja por inteiro? Tanto Lacan (1956-1957) quanto Freud (1909) apontam um inevitável mergulho na angústia, nomeada por Freud de angústia de castração. Desse momento em diante, quando o sujeito se depara com a angústia de castração, a armadilha cumpre sua finalidade e lança sua presa num jogo em que ela inevitavelmente acabará se descobrindo, mais cedo ou mais tarde, muito ou minimamente, diferente daquilo que comparece no desejo da mãe. Jogo no qual a criança é imaginariamente rejeitada do lugar que ocupava para a mãe. Momento em que a angústia emerge e “a criança concebe então que pode não mais preencher de maneira nenhuma sua função, nada mais ser, não ser nada mais que este algo que parece ser alguma coisa, mas que ao mesmo tempo não é nada, e que se chama uma metonímia” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 251).

Mas o que a criança faz com essa angústia? Lacan (1957-1958/1999) se vale dos estudos de Freud (1909) em “Análise de uma fobia em menino de cinco anos”, que ficou conhecido como o caso do pequeno Hans para apontar que da relação de Hans com a mãe sobrevém a angústia e que Hans desliza da angústia para a fobia. Então é

possível pensar que outras manifestações podem sobrevir da angústia derivada da experiência da castração. Interessa perguntar se a violência pode emergir como um derivado da angústia de castração. Isso merece mais desdobramentos. Se o falo é imaginário, é necessário que ocorra uma simbolização, é necessário que o falo seja experimentado como algo que pode ser presente e ausente, como algo que circula. Trata-se de uma passagem do imaginário para o simbólico, operação na qual a criança deixa de identificar-se com o falo da mãe para identificar-se com o pai enquanto portador da Lei simbólica. Trata-se de uma passagem que desloca o sujeito da onipotência para a Lei.

No desdobramento desse processo identificatório, à medida que o pai ou coisa que o valha surge como semblante da interdição e suporte da lei, a criança experimenta, em condições mais ou menos ideais, outro momento da identificação. Agora ela identifica-se com o pai enquanto representante da Lei, nome que dá lugar a Lei e estabelece condições para a entrada no mundo dos que simbolizam e fazem laço social. Desse lugar de sua incompletude o pequeno sujeito buscará constantemente reencontrar lampejos daquela satisfação mítica lançando mão de uma série de objetos substitutivos. Tentativa de reencontrar o objeto, tentativa que segundo Freud (1905 e 1915), fracassará sempre e deixará o sujeito em uma repetição do impossível.

O molde do laço social contemporâneo responde a esse impossível com tentativas de forjar um super objeto em torno de quinquilharias que operam como “objetinhos”, ou seja, operam como os objetos substitutivos almejados. Mas quem diz almejar, diz depositar a alma, diz desejar com ânsia, também diz agonizar, diz d’alma que agoniza em torno de objetos ilusórios construídos imaginariamente. De um lado, almejar diz respeito ao movimento da pulsão erótica com seus anseios, anelo pela satisfação obtida em objetos sempre fugidios. De outro lado, na vertente da agonia,

almejar diz respeito à pulsão de morte com seu silêncio, pois só o morto está satisfeito! É assim que o sujeito flerta com a angústia e remanesce apreendido em uma busca do impossível.

Em suma, tomamos a identificação como fundamento de uma resolução edipiana normativa. Isso aponta para o fato de que pelo Édipo o sujeito é inserido, via processos identificatórios, no plano da Lei. “É no plano simbólico, isto é, no plano de uma espécie de pacto, de direito ao falo, que se estabelece essa identificação viril que está no fundamento de uma saída edipiana normativa” (Lacan, 1956-1957/1995, p. 82). O papel da identificação aí é fundamental. Mas do que se trata? Lacan fala de uma identificação viril que, em termos ideais, trata-se da identificação não com o falo imaginário da mãe, nem com o pai imaginário, castrador, onipotente, advindo dos extratos míticos da horda primeva, mas do pai em sua potência simbólica, suporte da Lei, apontado como objeto de desejo da mãe. Por outro lado, a identificação à mãe fálica resultaria na construção de um padrão anaclítico nas relações de um sujeito com seus objetos de amor, padrão que, seguindo a escrita freudiana, possui os traços de uma dependência primitiva da mãe.

4.2 – Identificação, angústia e violência

Nossa tese é que a violência surge em função da configuração imaginária: meu filho é tudo pra mim! O amor de mãe é único! Dessa captura imaginária que prescinde do pai emerge a violência como uma passagem ao ato frente a angústia. A violência compõe a defesa contra a angústia que sobrevém da equivalência fálica. Sem a intervenção do pai a criança acabaria em uma relação exclusiva com a mãe. “Essa relação exclusiva não é uma pura e simples dependência, mas se manifesta em toda sorte de perversões por uma certa relação essencial com o falo, quer o sujeito o assuma

sob diversas formas, quer faça dele seu fetiche, quer, ainda, encontremo-nos, nesse ponto, no nível que podemos chamar de raiz primitiva da relação perversa com a mãe” (Lacan, 1957-1958/1999, p. 236).

É por o pai não ser suficientemente presente, é pela insuficiência simbólica da relação terceira, com o pai, que a criança remanesce na identificação imaginária como um modo de defesa contra a angústia aniquiladora que resultaria da sua incompletude fundamental. Como a criança poderia sair de seu estado de perfeição narcísica fusionada ao corpo da mãe e permanecer na experiência de despedaçamento sem vislumbrar a possibilidade da identificação simbólica com aquele que porta legitimamente o falo e, por isso, constitui o objeto do enigmático desejo da mãe?

Na nossa cultura o valor fálico incidiu sobre o pênis. O menino tem o pênis, isso lhe dá uma idéia de completude, ele vive sob a ameaça imaginária de castração. Freud demonstra que no caso do pequeno Hans o sintoma fóbico surge como uma caricatura da lei, uma vez que seu pai parece não ter exercido o interdito na relação entre ele e a mãe sedutora. Do mesmo modo, propomos que, no caso dos adolescentes sujeitos desse estudo, a violência surja também como tentativa de não se haver com a angústia que emerge da figura devoradora da mãe e da figura ausente ou esmaecida do pai.

A violência surge como uma passagem ao ato frente a angústia. Em condições ideais o processo identificatório viabiliza uma saída normativa para os investimentos pulsionais que o sujeito realiza em direção aos objetos parentais, uma vez que se trata de um processo que atravessa o início, a duração e a dissolução do complexo de Édipo. Além disso, é no encontro de referenciais identificatórios que o sujeito pode se apoiar para lidar com a angústia de castração. Então, quando esse processo não vai bem, quando o sujeito não encontra referências frente às quais possa experimentar a identificação simbólica, a angústia surge como sinal dessa falta.

Aulagnier (1961-1962/2003) diz que para compreender esse processo é preciso considerar a angústia como resultante do impasse advindo do obstáculo entre a castração e a identificação que são duas linhas paralelas fundamentais e cuja relação forma o eixo essencial de toda a estrutura humana. Então, o aparecimento da angústia é sinal do desaparecimento momentâneo do referencial identificatório. A identificação não prescinde do desejo do Outro, mesmo que se trate do que se imagina ser o desejo do Outro. Trata-se sempre de identificar-se, em função ou contra o que se imagina ser o desejo Outro. “Enquanto esse desejo puder ser imaginado, fantasiado, o sujeito vai encontrar nele as referências necessárias para o definir como objeto do desejo do Outro, ou como objeto que se recusa à sê-lo” (Aulagnier, 1961-1962/2003, p. 290).

Contudo, identificar-se com o objeto do desejo do Outro só é suportável quando se pode nomear esse desejo. Pois, o desejo do Outro serve de espelho frente ao qual o sujeito encontra suas próprias referências. Quando a imagem que advém desse espelho não é nomeável, se o desejo do Outro não pode ser imaginado ou fantasiado, se a imagem que o espelho devolve ao sujeito não é decifrável em uma significação identificável o sujeito é tomado pela angústia. O questionamento do sujeito: “o que queres?” não pode retornar vazio de imagens. Em outras palavras, o sujeito depende do encontro com Outro materno que, em função de sua lida com a própria castração, reconheça-se e possa ser reconhecido como desejante. Se nesse jogo a mãe, ou quem o valha, não se apresentar como sujeito desejante a criança não encontrará as vias para o processo identificatório. Logo, como diz Aulagnier “na angústia, não é apenas o eu que está dissolvido, é também o Outro, enquanto suporte identificatório. Nesse mesmo sentido, vou me situar dizendo que o gozo e a angústia são as duas posições extremas em que se pode situar o eu” (Aulagnier, 1961-1962/2003, p. 291).

Por um lado, o processo de identificação segue seu curso e constitui o sujeito de desejo capaz de lidar com a falta e capaz de eleger objetos de amor. Por outro lado, a precariedade na produção de ideais identificatórios capazes de propiciar uma saída normativa para o Édipo resulta na emergência da angústia. Frente à angústia o indivíduo desliza não para o desejo decorrente da falta, mas para o gozo mortífero propiciado pela violência e pela ilusão da onipotência que, no final das contas, emerge como um modo de lidar com a angústia que resulta da falta da falta.

5 – Adolescentes autores de homicídio: do vazio constitutivo à violência?

Na teoria freudiana a identificação é um processo nuclear para as tramas do complexo de Édipo e para a castração, logo, é um processo central na estruturação do psiquismo. Por isso o processo identificatório decorre e participa decisivamente nas relações do sujeito com as figuras de pai e mãe, e com o estabelecimento ou com a falência da Lei simbólica. É nos desdobramentos das relações com as figuras primitivas que pode ser pensada a constituição subjetiva desses adolescentes autores de homicídio. Então, para estudar a questão do adolescente em conflito com a Lei é nesse campo que devem debruçar-se os esforços reflexivos.

Depois de explicitar a gênese e o desenvolvimento do processo identificatório na teoria freudiana, depois de discutir o papel da função materna e paterna e sua ligação com a constituição psíquica, o presente estudo dedica-se, então, ao fenômeno contemporâneo dos adolescentes autores de homicídio. Por meio dos discursos desses sujeitos busca-se estabelecer tanto sua história de vida quanto a descrição dos atos infracionais de sua autoria. O esforço descritivo é acompanhado de uma atitude reflexiva que pretende apreender, numa investigação que se aproxima da escuta clínica de orientação psicanalítica, os nexos que possibilitem a compreensão de tais atos e uma produção de sentido acerca deles que ultrapasse o aparente e imediato e seja capaz de produzir esclarecimentos sobre o psiquismo desses sujeitos.

Para tanto, nas páginas que se seguem, deter-se-á sobre a história de vida de cada um dos sujeitos estudados, os pontos considerados mais significativos serão destacados e discutidos a luz da teoria e da prática psicanalítica. Uma vez que a tese sustentada é de que a violência emerge a partir de certa fixidez e de certa insuficiência dos vínculos primários, serão privilegiados nos discursos dos sujeitos os aspectos que

dizem respeito às suas relações com a presença e com a ausência – com a presença da ausência – das figuras materna e paterna. Além desse enfoque nas relações primárias é fundamental destacar a partir do deslizamento da cadeia significativa os efeitos da Lei, em seus aspectos objetivos e subjetivos na vida de cada um dos sujeitos. Tomemos, então, a fala dos adolescentes buscando o que se pode apreender entre o dizer e o dito.

5.1.1 – O bom menino e sua mãe

BM tem 16 anos de idade e é do sexo masculino, é proveniente da comarca de Goiânia-GO, responde a processo por latrocínio. Foi internado em julho de 2012, não cumpriu qualquer medida socioeducativa anteriormente. BM não conheceu o pai biológico, foi criado pela mãe e pelo padrasto a quem na maioria das vezes chama de pai. Cursa o 2º ano do ensino médio e tem uma situação escolar acima da média dos adolescentes internados no CIA. A renda da sua família é de aproximadamente dois salários mínimos. Já fez uso de drogas, com vício declarado em maconha, diz que nunca usou crack ou cocaína e que já experimentou as “drogas de festa” – lóóló, LSD, lança perfume, etc. –, não faz uso de bebida alcoólica e não fuma cigarro comum.

Antes de refletirmos sobre a fala de BM, observemos brevemente parte da história da sua mãe. Durante a entrevista com a mãe de BM ela contou que tem um irmão e que sua mãe não era casada com seu pai que tinha outra família. A mãe de BM não era registrada pelo pai, em seu registro de nascimento havia somente o nome da sua mãe.

Mãe de BM – Meu pai era muito agressivo, dava tiro dentro de casa nos pés da minha mãe. Ele não era um pai que ficava em casa, tinha dia que ele estava em casa, tinha dia que ele não estava. Com o tempo eu e meu irmão olhava assim... Achava estranho porque meus tios ficavam em casa todos os dias. Por que meu pai não ficava?

Ela conta que a sua mãe fugiu da casa do seu pai levando ela e seu irmão e foi morar com outro homem que passou a ser seu padrasto. Ela não aceitava o padrasto. Depois de grande entendeu que seu pai tinha outra família e que ela e seu irmão nunca foram assumidos pelo pai. Até os dez anos de idade ela tinha no pai uma referência de autoridade e de carinho, diz que apesar do pai ser agressivo, ele era também muito carinhoso. Depois que sua mãe foi morar com seu padrasto ela não teve mais referência de carinho nem de autoridade. Ela era mais apegada ao pai e não aceitou o padrasto, mesmo o padrasto sendo “bom e respeitoso”, ela diz que não aceitava nada que ele dizia.

Mãe de BM – Depois que eu fiquei afastada do meu pai eu fiquei muito rebelde com minha mãe.

Já na adolescência, rebelde com a mãe com o padrasto, ela saía para festas e acabou ficando grávida de BM após ter relações sexuais com um rapaz que ela não conhecia. Foi nessas condições que BM foi concebido.

A equipe técnica do CIA diz que BM é um “bom menino”, que tem boas relações com a equipe e com os demais internos, dizem que BM sairá logo do CIA, pois se mostra comprometido com seu processo de reeducação, consciente e arrependido do erro que cometeu. Além disso, ele participa de todas as atividades propostas, frequenta regularmente as aulas e é um bom aluno. Certa vez um policial militar que trabalha no CIA disse ao pesquisador que se ele quisesse conhecer os adolescentes infratores deveria entrevistar outros adolescentes, pois BM não é “barra pesada”.

Durante as entrevistas BM é cordial e participativo, fala com clareza, usa frases bem articuladas e não parece fazer restrição consciente ao que fala. Suas entrevistas duram mais de uma hora e só terminam por iniciativa do entrevistador. Quando acaba uma entrevista, ele logo aceita marcar a próxima.

Mãe de BM – Quando eu conheci meu marido, pra falar a verdade, a gente nem namorava e fomos morar juntos... Ele foi um seguro pra mim... O BM tinha uns três anos de idade... Com o tempo ele ensinou o BM a chamar ele de pai.

5.1.2 – Meu pai... Meu pai mesmo eu não conheço!

BM nasceu e cresceu em uma das regiões mais pobres do município de Goiânia-Go. Sobre as circunstâncias do seu nascimento ele diz o seguinte:

BM – Meu pai... Meu pai mesmo eu não conheço! Minha mãe fala que conheceu ele numa festa e aí rolou as coisas entre eles e ela teve eu.

Sua mãe teve duas outras filhas com homens diferentes, nas mesmas condições em que teve BM, até casar-se com o padrasto de BM com quem tivera mais uma filha.

BM chama o padrasto de pai e no início sua fala parece indicar que este ocupara mesmo o lugar de pai, como o trecho seguinte mostra:

BM – Aí, minha mãe conheceu meu padrasto que pra mim... É um pai pra mim, cuidou de mim desde pequeno.

Quando sua mãe se casou com o padrasto BM tinha aproximadamente três anos de idade, ele diz que pensava que o padrasto era o pai legítimo até o dia em que ele e a irmã ouviram acidentalmente uma conversa da mãe com uma amiga, depois eles questionaram a mãe que lhes revelou a história do seu nascimento e que seu genitor é outro homem. É importante observar que BM diz ter sempre pensado que o padrasto era o seu pai, mas o padrasto somente surge na cena familiar quando BM já tinha aproximadamente três anos de idade, BM recalcou a ausência do pai nos primeiros anos de sua vida e construiu uma fantasia acerca da presença do pai. Contudo, sua mãe conta que desde o momento em BM descobriu o padrasto não era seu pai ele ficou rebelde e não aceitava mais nada que o padrasto lhe dizia.

A amnésia infantil como pensada por Freud parece operar e BM reconhece o tempo em que viveu só com a mãe dizendo que no início eram só ele, a mãe e a avó, mas desconhece a ausência do pai. Ele passa a primeira parte da sua infância nessa vinculação exclusiva com a figura materna que constitui maciçamente o objeto primordial para ele. BM fala com gravidade dos sacrifícios que a mãe tivera que fazer durante sua gravidez para que ele pudesse nascer:

BM – Aí minha mãe pegou e explicou pra nós, falou que ela era jovem e conheceu um rapaz na festa, os dois ficaram, foi só uma noite só, ele sumiu, passou uns quatro dias ela descobriu que estava grávida. Ela pegou e ficou comigo, assu..., ela cuidou de mim. Passou uns tempos ela parou de fumar por causa de mim, parou de beber pra cuidar de mim.

BM diz que no começo eram só ele, a mãe e a avó a quem ele considera como uma segunda mãe.

BM – No começo era eu, minha mãe e minha avó. Depois minha mãe teve minhas irmãs. Aí fomos morar com meu pai e teve minha outra irmã.

Os relatos de BM sobre a primeira fase de sua infância apontam para um tempo em que ele e a mãe eram próximos, tempo em que a mãe cuidava dele e que a mãe ainda não era casada. Eram só ele, as duas primeiras irmãs, a avó e a mãe. Avalia que era um tempo bom, que teve uma boa infância.

BM – Minha infância era boa, né? Brincava, soltava raia, nós íamos para casa da minha avó direto quando eu era mais novo.

Era um tempo de brincadeiras, de liberdade e de presença da mãe que “cuidava dele”. O relato sobre essa fase parece apresentar um caráter de idealização típico. BM não aponta problemas nessa fase, sua lembrança é da presença da mãe e da avó, ou seja, de suas “duas mães” e das brincadeiras que fazia. Contudo, ele fala das dificuldades financeiras de sua mãe que não tinha profissão definida e tinha que sustentar três filhos sem a participação dos pais. A ausência da figura paterna era de tal modo acentuada que

nem o avô de BM aparece em seus relatos sobre essa fase. BM relata apenas lembranças positivas sobre sua infância e fala delas com certa nostalgia, com certo ar de quem lamenta o tempo que passou:

BM – Eu e meus irmãos brincávamos de casinha e era muito bom. Essa época era muito bom e eu acho que nunca vai voltar atrás.

Segundo as palavras de BM sua mãe é a pessoa mais importante da sua vida, é em quem ele confiava. A única referência ao sentimento de amor feita por ele durante as entrevistas é em relação à mãe. Quando perguntado sobre quem era a pessoa mais importante em sua vida ele diz:

BM – Era minha mãe. Porque ela sempre cuidou de mim bem, me deu educação, quis meu bem, nunca quis meu mal.

A mãe de BM não só era a pessoa mais importante em sua vida como era a única referência afetiva e figura de autoridade ainda que precária. A figura do pai aparece esmaecida nos discurso de BM, o trecho seguinte é bastante revelador dessa situação:

BM – Foi a minha mãe e meu pai que sempre cuidou de mim... Ah... Eu sempre gostei muito do meu pai, né? Mas quando eu era pequeno se eu precisasse eu corria pra minha mãe. Com certeza!

Embora o padrasto fosse o provedor material, também precário, da casa de BM, ele diz enfaticamente que quem mandava na casa era mãe.

BM – Minha mãe! Toda vida foi ela. Meu pai tinha vez que ele tomava umas e os dois brigavam. Até que teve uma vez que ele parou de beber porque minha mãe chamou a polícia pra ele. Foi ruim, foi a maior bagunça lá, foi ruim. Minha mãe jogou uma lata bem na testa dele tem um caroço até hoje.

Em entrevista feita com o padrasto de BM ele se mostrou uma pessoa cabisbaixa, a voz era quase inaudível, falava pouco, aparentava humildade. Sobre a participação de BM na pesquisa ele disse que BM é quem decidia se participaria ou não,

o padrasto de BM não manifestou opinião, ele não deu sua voz nem sua autoridade de pai. O padrasto de BM não emerge como referencial simbólico capaz de dar suporte para a constituição do sujeito em sua divisão subjetiva. Não há no discurso de BM qualquer referência ao suporte da Lei. Assim como Édipo que desconhecia sua origem, BM vai em direção a sua tragédia, tenta escapar da posição de quem é tudo para a mãe, mas não encontra suporte para tal interdição.

5.1.3 – Meu pai ganhava pouco, até hoje ele ganha pouco

Sobre seu padrasto BM diz que era um homem trabalhador, mas ganhava pouco, mesmo assim BM diz que seu “pai” cuidou dele e lhe deu tudo o que pode.

BM – Meu pai ganhava pouco, até hoje ele ganha pouco... Aí minha mãe tinha que trabalhar pra ajudar porque eram quatro filhos que ela tinha e só o salário do meu pai não dava, minha mãe bordava pra ajudar.

A figura de pai na vida de BM é a de um homem de bem e trabalhador, mas que ganha pouco, não ganha o suficiente para sustentar a família, por isso a mãe de BM teve que ir trabalhar. Os discursos de BM e de sua mãe indicam que seu padrasto, além de ganhar pouco, não tinha voz ativa na família nem ocupava um lugar no desejo materno. Como diz a mãe de BM, o padrasto apenas significava *um seguro* para ela. Desse lugar de uma potência esmaecida, a figura paterna parece não ter condições para exercer a função de interdição como pensada por Freud no desenvolvimento da sexualidade infantil. Segundo a teoria freudiana é em função da interdição paterna que os desejos edípicos são substituídos por identificações. Isso se dá através de um processo pelo qual “a autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai” (Freud, 1976/1924, p. 221). Autoridade que ao longo da infância e adolescência é exercida também por avós, tios, padrinhos, padres,

pastores, professores, médicos, etc. Pois bem, se a castração assinala pela via da identificação com o agente paterno a constituição, como diz Freud, do núcleo do supereu, ou seja, do fundamento da Lei em sua dimensão simbólica, a história de BM não apresenta traços do reconhecimento de qualquer autoridade ou de Lei. Para BM a lei é externa e somente funciona como coerção ou punição.

Além disso, as entrevistas permitem pensar que BM permanece como a única figura masculina que sua mãe desejou e com a qual ela tentou permanecer. Tomado nesse lugar de objeto do desejo materno, abandonado por um pai que parece não saber da sua existência e frente ao outro pai (padrasto) impotente para se interpor na relação mãe-filho-falo BM chega a dizer que sua irmã mais nova, filha de sua mãe com seu padrasto, é como uma filha para ele, ainda que BM tenha hoje dezesseis anos e que a época do nascimento da irmã ele tivesse não mais que sete anos.

BM – Eu sou mais apegado com ela porque desde pequeninha eu cuidava dela, eu vi ela crescendo, eu gosto muito dela, praticamente é igual a uma filha pra mim, se eu estivesse lá fora eu iria buscar ela na escola e cuidar dela.

Em sua fantasia, ele tem uma filha com sua mãe. É desse modo, sem a possibilidade de uma identificação simbólica, que BM acaba tendo que constituir-se a partir de suas próprias referências.

5.1.4 – Eu chorava de saudade da minha mãe... Amor de mãe é único, né?

Um momento na história de BM que merece destaque é o momento em que ele entra na idade escolar. Não tinha escola perto de sua casa e a mãe trabalhava para ajudar nas despesas da casa. Então BM foi morar com a avó para estudar em uma escola perto da casa desta.

BM – Aí minha mãe apertada, arrumou um serviço numa escola pra ajudar meu padrasto, e eu tive que ir morar com minha avó. Eu já estudava e não tinha creche pra mim.

Observamos nessa passagem novamente a questão da insuficiência do pai. Uma vez que o pai não ganha o suficiente, a mãe teve que ir trabalhar. BM associa a essa situação o fato de ir morar com a avó, enquanto as irmãs permanecem morando com a mãe. De qualquer modo, a entrada na escola, enquanto ampliação do círculo social, foi repleta de conflitos. BM diz que a mãe o visitava todas as noite e que ele chorava todas as noites quando a mãe ia embora e o deixava na casa da avó.

BM – Ela saía do serviço e ia a pé pra me ver, eu morava com minha avó. Toda vez que minha mãe ia lá eu começava a chorar, dava birra, queria ir com ela, fiquei um ano assim, minha mãe parou de trabalhar eu fui morar com ela de novo. Eu chorava de saudade da minha mãe... amor de mãe é único, né?

Essa é a primeira situação de separação da mãe experimentada por BM. Chama atenção a afirmação que amor de mãe é único, parece indicar que BM permanece ligado a esse amor, não faz outros laços amorosos, não elege outros objetos de amor, permanece nesse lugar ambivalente, experimentando intensidades de amor e ódio na relação exclusiva com a mãe. Ligado a essa mãe “batalhadora” BM vai aos poucos se identificando com o desejo desse Outro, em sua fantasia ele tem o poder e o dever de, ao contrário do padrasto, satisfazer essa mãe, ganhar o suficiente, ser o suficiente para a mãe.

BM – Minha mãe é uma pessoa muito boa pra mim. Eu gosto muito dela. Se eu perder ela eu acho que minha vida vai... Amor de mãe é único.

E – Amor de mãe é único?!

BM – É. Eu não troco ninguém por minha mãe.

Como o trecho acima mostra, BM reafirma as características boas da mãe, destaca os cuidados da mãe para com ele ao mesmo tempo em que lembra, ou em que é lembrado, de que a mãe brigava com ele. Sua mãe ‘sempre foi de boa’. Eis aí um elemento da ambivalência presente no discurso de BM sobre ele e sua mãe. Contudo, como se o sentido da frase fosse crescendo em sua intenção de re-velar – jogo de esconde-esconde, mostrar escondendo, esconder mostrando – de repente BM se depara com algo que o deixa como que paralisado, sua voz torna-se muda e o que se segue é um semi-dizer que aponta para o terror do saber sobre a incompletude da mãe, saber que, nesse momento, se assenta na idéia da mortalidade da mãe: *Se eu perder ela eu acho que minha vida vai...* BM não consegue completar a frase, ele não pode dizer o que seria da sua vida se ele perdesse a mãe. Ele fica um pouco em silêncio e depois sentencia: *Amor de mãe é único!* BM não pode dizer o que sente frente à idéia da morte da mãe, o que se segue ao seu silêncio é a reafirmação de que o amor de mãe é o único que ele tem. Além disso, o tom de promessa ao dizer que ele não troca ninguém pela mãe. Aqui uma palavra é negada, quase uma meia palavra é dita por algo como que um quarto de giro na mordada do recalque. BM diz que “não troca *ninguém* por sua mãe”. O ato falho, tal qual ensinado por Freud, porta uma verdade. Por um lado, BM permanece ligado visceralmente à mãe, sua vida e a vida da mãe estão ligadas com tal intimidade que um pensa não sobreviver sem o outro. Por outro lado, ele diz que não troca ninguém por sua mãe. ‘Ninguém’ é tomado em uma positividade que BM diz guardar para si e não troca essa positividade nem mesmo pela mãe. Por outro lado, ‘ninguém’, tomado enquanto negatividade, não pode ser alguém que ocuparia o vazio que BM tenta tamponar. ‘Ninguém’ porta o vazio tanto quanto garante a impossibilidade de que a mãe, ou quem quer que seja, o preencha.

5.1.5 – Ele foi um grande homem pode se dizer

BM aponta que no início de sua infância o padrasto chegara a ocupar certo lugar de importância, refere-se a lampejos de traços identificatórios. Mas segundo sua mãe BM não respeita o padrasto como pai.

Mãe de BM – Acho que ele não respeita o pai não, como pai não. Ele respeita pelo convívio que teve, mas como pai não. Acho que quando a gente respeita um pai a gente tenta ser o espelho, né?

BM – Como meu pai! Eu queria ser como ele! Eu vejo assim, ele sempre nos ajudou, nessa época eu nem sabia que ele é meu padrasto eu só fiquei sabendo depois. Ele sempre ajudou, ia trabalhar de bicicleta, era longe e ele ia todo dia, até hoje ele vai trabalhar de bicicleta. Sempre ajudou, ele foi um grande homem pode-se dizer.

‘Pode-se dizer’ que o padrasto foi um grande homem! Mas não é o que BM diz, o padrasto era pedreiro, ganhava pouco. BM queria ter uma moto e ganhar muito. Antes de eleger uma moto como objeto almejado, ele começou a roubar e queria “torar” uma bicicleta com freio a disco, até queria ter uma bicicleta, mas não era como a do padrasto. Um dos primeiros roubos a mão armada foi uma tentativa de roubar uma bicicleta que tivesse freio a disco, ele e o amigo conseguiram roubar uma bicicleta comum, essa bicicleta comum como a do padrasto BM não quis deixou-a com o amigo.

BM lembra de uma vez em que apanhou do padrasto. Esse é o primeiro momento no qual ele refere-se ao padrasto chamando-o de padrasto e não de pai, como fazia. Essa mudança foi apontada a BM que parece não ter se importado com a confusão pai/padrasto. Ele diz que chamou de padrasto porque não gostou da surra que levou. O incidente na escola foi presenciado pela mãe que solicitou a participação do padrasto, este parece ser o único momento em que a mãe de BM atribui ao padrasto o lugar de autoridade, mas de uma autoridade que pune, que aplica dor, não há palavras aí. A voz do pai continua muda e é a voz da mãe que solicita o castigo.

E – Quando você fala dele (padrasto) você sempre diz pai, mas quando você falou da surra que ele te deu você falou padrasto. Você percebeu?

BM – Percebi. É que ninguém gosta de apanhar, né? Eu estava merecendo, na escola eu fazia muita bagunça. [...] Na hora que eu vi ela (mãe) eu parei na hora, porque eu tinha medo dela. Minha mãe falou que eu tinha corrido da professora, eu era... sei lá, birrento, custoso, fazia muita bagunça quando eu era muito novo. Quando chegou em casa, meu padrasto chegou do serviço. Nossa casa era um quarto com sala e cozinha. Eu lembro que eu apanhei na sala, ele me colocou de joelho e me deu umas três cintadas, assim, foram só três, mas foram três que até hoje eu não me esqueci da surra que eu levei dele.

Ainda sobre a relação com o padrasto, BM relata um importante momento que parece ser de ruptura com o que restava da imagem do lugar do pai para ele.

BM – Teve uma vez que estávamos brigando (BM e as irmãs) e meu pai foi separar e sem querer ele meteu a mão na minha cara, sem intenção, assim, sabe? Aí eu peguei e, sei lá... Raiva... Eu peguei uma faca pra ele. Ele entrou pra dentro do banheiro e falou pra eu não fazer nada pra ele que ele gostava de mim, que foi sem querer, mas eu fiquei lá fora. Aí ele falou que ia chamar a polícia, minha mãe estava trabalhando, estávamos só eu, minhas irmãs lá em casa e ele, minha mãe estava trabalhando. Aí eu peguei e saí. Nós ficamos uns dias sem conversar, eu e meu padrasto, por causa de bobeira, né?

BM ficou com raiva e pegou uma faca para o padrasto que, para evitar uma possível tragédia, correu e se trancou no banheiro. A faca não cortou a carne do padrasto, mas cortou mais que isso. A faca cortou o que restava da autoridade do padrasto. Corte profundo que incidiu no lugar do pai e deixou BM à deriva, entregue ao fantasma daquilo que era para ele o desejo da mãe. O desejo insaciável da mãe em sua saga pela completude. Como vemos na entrevista com a mãe de BM, na história da infância da mãe de BM também estão presentes o desamparo e a busca por algum tipo de pai que pudesse lhe apresentar mais que os rudimentos da Lei.

5.1.6 – A minha mãe é que nem eu

Ao falar sobre sua mãe BM aponta os indícios primitivos de sua identificação primária.

BM – A minha mãe é que nem eu, ela é esquentada, qualquer coisinha eu esquento. Qualquer coisinha, uma brincadeira se eu não gostar, eu saio de perto ou brigo. Minha mãe é que nem eu, esquentada. Minha mãe é que nem eu, não dá de mole pra ninguém!

A primeira idéia a se destacar nesse fragmento do discurso de BM é que à primeira vista BM é igual à mãe, mas de onde parte a referência identificatória? BM não diz que ele é igual à mãe. Exatamente ao contrário disso, ele diz que é a mãe que é igual a ele. Que confusão é essa? Podemos propor que não é da mãe que parte a possibilidade identificatória de BM, ele reconhece que há semelhanças entre ele e mãe. Mas ele não aponta a mãe como modelo a ser seguido. Sua mãe, assim como BM, busca um pai que lhe ofereça ancoragem na vida.

Mãe batalhadora! Mãe que partia pra cima do padrasto para defender os filhos. Também mãe que não fez laço com nenhum dos pais de seus filhos, que engravidou de quatro homens diferentes e que não apresentou um pai ao filho. Que se vinculou a um homem a quem ela não dava o lugar de pai na dinâmica da família. Voltamos à questão de que BM parece ter sido o único homem a permanecer na vida dessa mãe. Como poderia BM escapar dessa armadilha? Durante a infância tudo foi bem. Ele diz que sua infância foi um tempo bom que não volta mais. Quando chega a adolescência com sua intensidade pulsional BM não tem quem o defenda dos encontros e dos desencontros com a mãe, mas ele não pode mais permanecer nesse lugar. Ele diz que amor de mãe é único! Ele está nesse lugar do objeto de amor dessa mãe. Nossa hipótese é que ele procura onde se apoiar para sair desse lugar que o angustia, mas diante dessa angústia o único caminho que encontra é a transgressão e a violência. Talvez possamos pensar que

as grades do Centro de Internação sejam a única realidade a colocar algum ordenamento na relação fusional entre BM e sua mãe.

5.1.7 – Comecei a usar maconha com 12 anos

A experiência transgressora de BM ganha corpo em sua relação com a escola e é denunciada logo de saída pela mãe. Seus desentendimentos com mãe começam na fase escolar. Primeiro quando a mãe o deixa morando na casa da avó, aí BM chora de saudades, quer voltar para mãe. Depois, BM começa a experimentar outro mundo fora de casa e fora da fusão com a mãe. Descoberta que começa a ser feita por meio do futebol e da brincadeira de soltar pipa. Eis o caminho pelo qual iniciaram os desentendimentos entre ele e sua mãe.

BM – Por causa de raia e de bola, eu gostava de futebol, treinava com um vizinho, minha mãe não gostava dele, estava chegando o final do ano, minhas notas eram boas, eu nunca fui reprovado na escola, aí eu parei de estudar no final do ano, faltavam dois meses para acabar o ano. As professoras todas gostavam de mim, só que futebol, eu gostava muito de futebol e de raia, minha mãe trabalhava, minhas irmãs saiam cedo pra escola ou pra creche e eu ficava em casa sozinho, ficava a manhã inteira soltando raia.

BM se envolve com outras pessoas, joga futebol e brinca com elas. Tinha notas boas e nunca tinha sido reprovado na escola. Mas não quer estudar, quer ficar livre, solto na diversão enquanto a mãe vai para o trabalho. Em sua casa tinha uma regra, ele deveria estudar. Mas BM não toma para si essa regra, ele não obedece e para de estudar, só não foi reprovado nesse ano porque tinha bom comportamento e as professoras gostavam dele. Sua mãe sai para trabalhar, as irmãs vão para a creche e BM fica o dia todo sozinho. Nesta experiência de abandono BM encontra amparo na rua, faz outras relações e os amigos com os quais solta pipa e joga futebol tornam-se presença

importante. Nessa mesma escola e nessa mesma época, por volta dos doze anos de idade, BM depara-se com outro mundo que desconhece as regras que sua mãe tentava anunciar.

BM – Também nessa escola eu fui conhecendo a malandragem, comecei a fazer coisa errada.

Como na maioria dos casos dos adolescentes brasileiros que cometem atos infracionais, BM encontrou uma porta que teve um duplo sentido: por um lado o sentido de porta de saída pela qual ele buscava sair do enlace dual com a mãe; por outro lado, o sentido de porta de entrada, pela qual ele fez sua entrada no mundo da transgressão. No caso de BM, como na maioria dos casos, a porta de entrada marginal foi a maconha.

BM – Comecei a usar maconha com 12 anos. Quem me mostrou maconha a primeira vez foi um menino mais velho que tinha apelido de “gordinho”, ele era mais velho e falava que eu era ‘corró’, que eu não usava, né? ‘Corró’ quer dizer um comédia! Um merda! Aí eu peguei e comecei usar, usei a primeira vez e não deu graça. Eu ia pra escola e todo dia ele começou tipo me ‘aplicar’ todo dia, né?

BM foi desafiado pelo colega de escola que era um menino mais velho. Ele caiu nessa cilada. Ao ser chamado de ‘corró’ BM quis provar que não era o menininho da mamãe. BM diz que não dá de mole pra ninguém, mas não percebeu que foi exatamente o que fez com o gordinho. Apesar disso, ele tentou escapar dessa armadilha, buscou no futebol e na brincadeira de soltar pipa o meio pra isso.

BM – Eu peguei e parei de ir pra escola e fiquei uns tempos sem mexer com maconha. Eu não era viciado todo dia, né? Não tinha nem tempo, Eu comecei a gostar só de jogar bola, fui jogar bola todo dia. Todo dia, de manhã e a tarde! De manhã e a tarde!

Mas BM deixou igualmente de cumprir a regra que sua mãe tentava sustentar. Ele deveria estudar, mas acabou parando de estudar novamente. Ele estava entre a maconha que encontrava na escola e o futebol em tempo integral. Estudar não fazia parte de seus planos. Alguma coisa não ia bem com BM, sua mãe percebia isso, mas

não tinha condições para entender que não ir a escola era um modo de BM escapar de fazer ‘coisa errada’. A pequena escola pública, em sua precariedade, também não tinha condições para refletir acerca do que poderia estar acontecendo à BM. Atribuir isoladamente o problema ao indivíduo foi e continua sendo o único modo que instituições como família e escola encontram para lidar com situações de conflito.

BM – Aí minha mãe sentou comigo na mesa da cozinha lá de casa, pegou e falou pra mim: “olha as notas suas aqui!” Eu vi as minhas notas e era tudo ruim. Ela falou: “não tem condições, eu ficar trabalhando pra comprar materiais pra você”.

O esforço da mãe é importante para BM, mas o aproximava em demasia dela. Nossa hipótese é que BM precisa conseguir uma via para se afastar da intensidade da relação com a mãe.

Desse momento em diante inicia-se uma ruptura com a regra e com casa da mãe. BM mudou de escola e começou a fazer “trem errado”. Em suma, começou com o uso de maconha e de pequenos furtos, passou a usar maconha diariamente e a fazer roubos maiores, inclusive assaltos à mão armada.

BM – Nessa época eu já mexia com droga, fumava maconha escondido. Aí eu passei de ano. Fui, pra estudar de novo, no primeiro bimestre minha mãe veio reclamar das minhas notas de novo, falou um monte de trem, só que eu não lembro direito o que ela falou. Eu sei que eu fiquei de grilo, sei que eu empurrei a mesa e quis sair.

Nesse tempo BM não encontrava em casa, na mãe ou no pai qualquer figura de autoridade. Sua relação com a mãe era ambivalente ele amava e se preocupava com ela, ao mesmo tempo em que queria sair de perto dela. As brigas entre os dois eram constantes, o padrasto permanece silenciado.

BM – Aí depois disso eu acostumei, toda vez que ela ia me bater eu empurrava ela, tinha vez que... Eu me arrependo disso até hoje... Tinha vez que eu agredia ela, isso foi por causa da droga... Sei lá.

Se por um lado BM cuidava da mãe, por outro lado ele a agredia, xingava, se escondia e fugia dela. Parece que BM estava preso a uma teia bastante pegajosa para a qual ele não podia pegar uma faca como fizera para o padrasto. As brigas entre ele e sua mãe tinham com mote consciente as notas e a questão da escola, mas estavam permeadas pela dinâmica libidinal. BM demandava um encontro com a Lei do pai, mas ao invés disso deparava-se com o investimento da mãe, com o amor da mãe.

5.1.8 – Conheci gente que era pior que eu... Sei lá... Queria ser igual a eles.

Desse ponto em diante a história apresenta importante mudança. Nesta fase, BM não apresenta qualquer traço identificatório, ele não diz mais que quer *ser* isso ou aquilo, não quer ser como alguém, ele apenas quer *ter*. Ele quer ter dinheiro e comprar uma moto. Ele começou a trabalhar em uma marcenaria com um primo. Chama atenção o fato de que ele ia trabalhar de bicicleta, assim como o padrasto.

BM – Depois que eu briguei com minha mãe a única coisa que vinha na minha cabeça era só trabalhar e comprar minha moto.

BM fumava maconha com primo, ficava na casa do primo, almoçava na casa primo, mas ele logo ‘descrençou’, fez trabalhos informais e depois reencontrou parceiros de drogas e assaltos. O padrasto continuava sem voz, ‘ficava de boa’. A mãe era batalhadora, ia atrás de BM, queria ele de volta, entrava nas casas dos colegas e tentava tirá-lo de lá, mas ele reagia com violência.

BM – Xingava, mandava ela ir tomar no cú, mandava ela ir pro inferno, falava altos palavrões mesmo. Falava pra ela sair do meu pé. [...] Ela ficava no meu pé, mas acho que é porque queria bem mesmo, né?

Mas BM encontrou outras parcerias, colegas mais velhos, mas experientes que ganhavam mais dinheiro.

BM – Eu tinha um colega meu que os irmãos dele ganhavam bem com o tráfico, eu comecei a envolver com eles também, eles me chamaram pra roubar com eles e eu comecei a roubar com eles também.

Quando tinha treze anos BM passou a fazer somente assalto a mão armada, ganhava mais dinheiro, dava um pouco de dinheiro para a avó e foi fazendo novas parcerias. Foi também nessa época que ele foi apreendido pela primeira vez. Relata as experiências já conhecidas desse encontro com a polícia: violência física, troca de tiros e abusos. Ele banaliza as apreensões dizendo que ganhou uns “BOsinhos” (Boletins de Ocorrência). Essa experiência repetiu-se várias vezes, em todas elas ele foi solto. Disse que o delegado queria mais era ver ele solto na rua para ser morto pela polícia.

Surgem no discurso de BM novos objetos de identificação, ele explicita que queria ser como as pessoas que estava conhecendo.

BM – Conheci gente que era pior que eu, tinha gente que tinha era pacto com o demônio, tinha uns demônios tatuados na perna. Aí eu só fui querendo ser igual a eles, andava de motinha 150c, sei lá... Queria ser igual a eles.

Agora BM queria ganhar dinheiro e ter poder. Ele queria ser como os bandidos que conhecia. Quando perguntado se tinha algum sonho nessa época, ele responde o seguinte:

BM – Nessa época era ser bandido. Só se fosse bandido, né? Tinha um cara lá que eu pensava em si envolver. Ele andava de colete, de twistão, tinha uma pistola grandona, um oitão. Eu pegava revólver dele direto pra eu roubar. Ele tinha a mulherzinha dele também, a mulher dele aceitava que ele fazia os trem errado também.

Esse “cara” parece ser o modelo identificatório de BM no momento. Foi essa pessoa que emprestou as armas para BM cometer os homicídios.

BM – Se fosse pra eu matar ou fazer alguma coisa ele me emprestava. Ele via um pouco o meu lado... Se eu rodasse com um revólver dele ele ficava de boa e esperava um pouco pra eu pagar.

BM via ‘nesse cara’ uma imagem empoderada, ele tinha os objetos de consumo com os quais BM sonhava, tinha a ‘mulherzinha’ dele e acima de tudo, tinha respeito, ou seja, as pessoas tinham medo dele. Para BM tratava-se de alguém que podia gozar a vontade, que não precisava submeter-se as regras sociais e que fazia suas próprias regras. De um lado era um homem, forte temido e admirado, de outro lado, era ainda uma criança que ao lado da violência entregava-se a experiências lúdicas como soltar pipa e andar em bicicletas incrementadas.

E – Você me falou sobre um cara que andava num twistão, que tinha a mulherzinha dele, que te emprestava as armas quando você precisava. Fala um pouco dele?

BM – Era o N. Quando eu era menor, morava na casa da minha avó, ele era bem mais velho que eu, eu via ele andando de bicicleta, ele tinha umas bicicletas doidas, antigamente a moda era só bicicleta, né? Essa mulherzinha dele, eu via os dois brigarem, ele xingando ela. Aí sei lá né? Passou um tempo eu comecei a fumar maconha com ele, comecei pegar drogas com ele pra vender. Ele já foi preso, ele está na CPP ainda. Depois que eu fui preso, passou uns três meses e ele foi preso. Aí, sei lá. Eu queria ficar que nem ele. Porque todo mundo tinha medo dele. Ele trocava tiro com todo mundo.

E – Você foi querendo ficar como ele?

BM – Foi. É, todo mundo lá no setor tem medo dele. Ele trocou tiro com os policiais... Sei lá. Até os meus quinze anos eu fiquei... Aí depois eu fui crescendo mais, fui desenvolvendo mais e fui criando minha cabeça.

E – O que ele tinha pra você querer ser como ele?

BM – Sei lá... Mulher. Porque ele não ficava só com a mulher dele. Tinha um monte de mulher que dava moral pra ele. E ele não teve só uma moto, ele teve altas motos, ele teve 150cc, twister, ele já teve altas motos. Quando era época de raia assim, ele era fera.

E – Então você só queria ser igual ao N.?

BM – Era. Ele tinha altos coletes, ficava sempre com um revólver, uma pistola. Até que eu fui crescendo mais, comprei um revólver e comecei a vender droga.

Como esse trecho acima mostra N. era a imagem do poder fálico e da completude, podia gozar de várias mulheres, ter motos, armas de fogo e ainda era fera em soltar pipa. BM queria isso pra ele, queria ser igual, era marcado pela presença da bicicleta que o remetia a seu pai, mas queira superar o pai, queria ‘altas bicicletas’, queria ter motos, queira ter várias mulheres, queria ser temido, ao mesmo tempo em que gostava muito de soltar pipa.

5.1.9 – Eu respondo por um latrocínio, o tanto de mortes eu não sei

BM está internado e responde por um latrocínio, mas durante a entrevista ele foi perguntado sobre “as mortes”, se já tinha matado várias vezes.

BM – Foi... O tanto, tanto, eu não sei claramente não, mas foi uns seis ou sete vezes. eu respondo por um latrocínio. Eu preferia estar respondendo por um homicídio. Mas porque o delegado lá do CIOPS prendia eu e liberava. Ele falava que queria ver era solto, que não queria ver preso não. Falava: eu gosto de bichão é solto![...] A ROTAN, a GIRO e a CHOQUE era tudo doida pra pegar nós, era tudo seca pra matar nós. [...] O delegado queria mais era me matar.

BM fala sem constrangimentos sobre os homicídios que cometeu e sobre sua rivalidade com a polícia. Não apresenta sinais de que reconheça no delegado, nas forças policiais, no promotor, no juizado, padraço e na mãe qualquer presença de autoridade. Também, não parece haver em BM uma experiência de culpa. Há clara noção do que é certo e do que é errado, mas essa noção não lhe serve orientação.

BM – Tipo assim. Eu envolvi com o J, ele era da minha idade, mas ele tocava o terror lá no setor, todo mundo tinha medo dele. O povo já tinha um pouco de medo de mim também porque eu já estava fazendo os trens lá. Aí o J.... Esse Mc deu um pisada lá... Esse Mc conversava comigo, eu passava droga pra ele. Ele perguntou se eu tinha droga pra passar pra ele, eu falei que tinha porque já queríamos pegar ele, marquei com ele dentro da mata. Aí chegou lá o J. matou ele, o J. deu uns dez tiros nele.

Essa parece ter sido a primeira experiência de BM com a morte, ele ajudou o amigo a preparar a armadilha para matar outro adolescente que deixara de pagar dívida de tráfico de drogas. BM não relata qualquer experiência emocional em função do assassinato que ajudara a planejar e a executar. Segundo ele o Mc merecia morrer porque tinha pisado na bola com o amigo, ou seja, não pagou a droga que pegou.

Depois disso, aos 13 anos de idade, BM deixa de ser coadjuvante e passa a cometer ele mesmo os assassinatos. Sua primeira vítima foi um adolescente que comprou droga de BM e por falta de dinheiro acabou pagando com a própria vida. Os amigos de BM começaram a caçoar dele dizendo que ele, logo ele, estava ‘dando de mole’ para aquele moleque. Diante de tal provocação BM funcionou como que um autômato, um dos traços identificatórios de BM com a mãe é que nem ele nem a mãe dão de mole pra ninguém. Em seus relatos BM não reconhece planejamento prévio, as palavras dos amigos ressoam nele durante todo o dia, quando chega a noite ele apenas pega uma faca na cozinha de sua casa e vai à casa do devedor que estava ‘folgando’ com ele.

BM – Eu sei que eu fui na casa dele, eu estava com uma faca, ele chegou perto de mim e eu dei uma facada no pescoço dele bem aqui ó. Ele caiu no chão e começou a espirar sangue, foi um trem... Sei lá. Sei que eu fiquei a madrugada toda na rua.

E – Você tinha usado alguma droga?

BM – Não naquela época eu já usava maconha, mas eu não tinha usado não. Eu sei que no outro dia ninguém ficou sabendo. Não deu nada não. Aí os caras falaram comigo dizendo: “foi você que matou o fulano!” Eu falei: “Não, não fui eu não.” Eles falaram: “Foi, foi você sim.” Sei que depois disso foi aumentando... Meu nome começou a espalhar pelo setor, eu fui crescendo... O povo começou a ter mais medo de mim.

O respeito advindo do medo era importante para BM, ele queria ser reconhecido como alguém, queria ter um nome. Não só ter um nome grande espalhado pelo setor, BM queria ter um nome que fosse reconhecido e que, por isso mesmo, daria

reconhecimento a BM. O nome que BM recebera de sua mãe não servia, com esse primeiro assassinato BM vive outro batismo, recebe dos amigos um apelido, um significante que passa a marcar sua vida. Segundo Martins (1991) o nome próprio, mais que um significante, além de uma marca identificatória, é um texto que o sujeito recebe do Outro e que é experimentado como o núcleo daquilo que o sujeito vive como o Eu. Nesse sentido relembramos que o eu é efeito do outro. O nome recebido é também aquilo que inscreve o sujeito na ordem simbólica. Desde o primeiro assassinato BM recebe um nome das ruas e o ordenamento que esse nome engendra é de uma busca pela totalidade, pelo gozo fálico, pelo prazer que advém do simples exercício do poder.

Nessa ordem não há o reconhecimento da Lei, o não matarás parece não fazer efeito na subjetividade de BM que durante as entrevistas mostra-se por um lado, siderado entre o amor pela mãe e a vida bandida. Por outro lado, é no exercício da vida bandida que BM vai ao encontro do desejo inconsciente que atravessa filho e mãe, desejo de ser tudo para a mãe, de ser aquilo que, por não reconhecer limites, pode ser a completude para sua mãe, ou seja, ser o falo em uma relação que tenta desconhecer a castração.

Falando mais livremente BM diz não se importar com o fato de matar, então quando foi perguntado diretamente sobre o que sentia em relação ao fato de ter matado várias pessoas ele mostra certa indiferença e uma dose de prazer que revela que muitas vezes BM matava por matar, nem sempre era por dívida de drogas.

BM – (Silêncio). Foi uma sensação boa e outra ruim. Boa porque eu ganhei moral lá no setor. A ruim é que... Sei lá... Eu matei o cara! (Silêncio) Matar não é bom não. Mas só que é igual o N. me falava. É melhor você matar do que você morrer! Ele me dava altas idéias. Ele falava que era melhor eu ir preso com um revólver do que morrer cagando.

E – As ideias do N. eram boas pra você?

BM – Eu achava!

E – Hoje você ainda acha?

BM – Não. Se eu tivesse ido pelas ideias da minha mãe, pela minha família eu não estava aqui. Pra mim era melhor.

Quando fala sobre os assassinatos BM lembra diretamente de N. os traços identificatórios aparecem e dão suporte para o que BM estava se tornando. Há um conflito mais ou menos latente entre o nome que BM recebera de sua mãe e o nome que recebera das ruas ao tentar ser como o N.

É muito importante notar que BM começa a matar quando se torna adolescente, ou seja, quando acontece o final daquilo que Freud (1905) nomeou como período de latência. Frente a intensificação de vida pulsional BM sai de casa, vai para rua e encontra nos amigos da rua, principalmente em N. novos ideais identificatórios. Com esse movimento ele escapa do reencontro com a mãe, reencontro que, agora que seu corpo amadureceu, torna-se fonte de imensa angústia.

BM – Tinha uns treze ou uns quatorze anos, eu não lembro direito. Eu ficava só vendendo droga... Ainda eu soltava raia na época. Só que raia eu solto até hoje.

E – Como foram as outras mortes?

BM – Ah... As outras foram mais de tiro, mas depois teve outra que foi na facada. Nós fizemos uma sacanagem com um cara que estava dando banho nas bicicletas dos meninos lá tudo. Aí teve uma vez que estava eu, o cunhado do N. e tinha outro menino que eu não lembro o nome dele. Sei que nós pegamos ele, levamos ele pra mata, amarramos ele assim na árvore, começamos a bater nele e falamos pra ele parar de fazer esses trens. Sei que o cunhado do N. estava com uma faca e começou a dar umas facadas nele. Aí eu peguei dei uma facada no pescoço dele de cada lado, a cabeça dele quase caiu no chão. Foi... Assim... Uma cena de filme.

E – Como assim, cena de filme?

BM – Sei lá o cara amarrado todo esfaqueado, sem poder se defender...

E – Na primeira morte você disse que foi uma sensação boa e uma ruim. E nessa aí, como foi a sensação?

BM – Ah, nessa aí eu já não senti nada não, né? Por que eu quase não fiz nada com ele, quando eu dei a facada nele ele praticamente já estava morto. Aí nós pegamos e saímos e deixamos ele lá. Passou uns quatros dias o povo achou ele lá.

E – Então, nessa você não sentiu nada.

BM – Não senti nada não.

E – Nem bom, nem ruim ou nada?

BM – Senti nada.

A indiferença de BM frente às mortes é justificada pelo fato de que quando ele deu duas facadas no pescoço do outro adolescente ele já estava quase morto. BM diz que não sentiu nada, nem remorso, nem culpa. Dessa vez BM deixou-se levar pelo grupo de modo irracional, ele não ficou pensando simplesmente deixou-se levar pelo líder do grupo, tal como Freud (1921) descreve em a Psicologia de grupo e a análise do eu. Além disso, é importante notar que BM nega qualquer sentimento, nessa negação, nesse “senti nada”, BM nega também o prazer que sente ao matar, prazer que vaza quando ele diz: Foi... Assim... Uma cena de filme. Seus olhos brilham ao lembrar da cena digna dos sanguinolentos filmes de hollywood.

E – Nessa o pessoal já tinha mais medo de você, você já tinha mais moral?

BM – Já. Eu já tinha pego um outro cara lá que brigou... Tipo assim... Ele estava me devendo cem reais, ele era sobrinho do pastor e o pastor falou que ia dar o dinheiro pra nós. Sei que eu tinha uma Bisinha, eu encontrei o L., estava ele e namorada dele, eu falei: eu vou matar aquele bicho lá, ele não quer pagar e está só me enrolando. Aí o L. falou pra deixar isso de banda que o cara ia pagar a gente na segunda-feira. Aí peguei e falei vou deixar ele de boa então. Passou um tempinho nós fomos pra dentro da mata pra fumar maconha. Quando chegou lá esse cara estava lá dentro. Aí o L. falou: “empresta a chave da sua moto aí”. Emprestei pra ele e ele foi pra casa dele. Ficamos lá na mata eu uns meninos e esse Noiado. O L. voltou e já foi logo batendo no Noiado, bateu com pau. Eu falei pra ele: moço, você falou pra eu não matar o cara não que ele ia pagar agora você quebra o cara?” Aí o L. disse que o Noiado tinha ido lá na casa da avó dele e falou pra avó dele que o ele vendia droga. Eu peguei e falei pro Noiado ir lá pra fora, tentei acalmar o L., mas ele não quis acalmar. Saí lá fora o L. deu uma

enxadada na barriga do noiado deu uma tijolada na cara dele, batemos nele com pau, a cabeça dele estava rachada...

A frieza e a violência permanecem uma constante. Nesse dia o ‘noiado’ não morreu porque apareceu um guarda municipal que impediu o assassinato. Mas sua sorte não durou muito, ele não tinha como pagar a dívida e BM não ‘dava de mole’ pra ninguém.

BM – Um dia eu subi lá dentro da mata, fui eu e o J. Na hora que nós entramos estava lá dentro o Noiado e um cara lá. Na hora que eu cheguei eu falei: cadê meu dinheiro? Aí ele falou que ia me pagar amanhã. Aí eu peguei e dei um tiro no peito dele e ele caiu. O outro que estava com ele foi tentar correr e o J. deu três tiros nas pernas dele. Aí ele não conseguiu correr né, e eu matei o Noiado. Aí deu um boró lascado lá, eu fui parar no CIOPS, mas não deu nada não, não tinha provas, o delegado soltou eu.

Esse parece ter sido o terceiro assassinato do qual BM participara diretamente. Durante as entrevistas, desse ponto em diante, ele não manifestava qualquer juízo acerca do fato de matar, parecia que para ele era normal. No seu mundo matar e morrer é normal, BM não mostra crise de consciência ou dúvida quanto ao que se deve ou ao que não se deve fazer.

BM – Depois do primeiro eu só andava armado. Aí firmei mais, fiquei vendendo droga. E roubava quase todo dia. Roubava pra caramba.

E – O que você fazia com a grana?

BM – Uai! Gastava. Tinha vez que eu gastava setenta reais só de lanche, só à noite só, Pitdog, ia pra festa, pagava pras mulheres. Sei lá... Dava um dinheiro pra minha mãe também. Aí fui só piorando, piorando, piorando.

O dinheiro que BM obtinha com os assaltos e com o tráfico de drogas era usado para o lazer em geral, para comidas e diversão com as mulheres. Ele exercia certo poder quando, usando o dinheiro do crime, podia pagar lanches para todos os amigos.

Após falar sobre essas três primeiras mortes BM continua responder com a mesma naturalidade sobre as demais.

E – Então, essas foram as três primeiras mortes e as outras como foram?

BM – Foi só de tiro só. Eu dava tiro e os outros não morriam e eu ia parar no CIOPS. Teve outro também que deu banho nas peças da moto do J. Ele chegou lá na casa dele. O J. falou cadê as peças da minha moto? Ele tinha vendido as peças pra comprar as BA. Esse bicho era tão safado que ele queria que nós roubássemos o apartamento da mãe dele. Ele tinha roubado o botijão da sogra dele. Ele era bem safado. Aí o J. falou que queria o dinheiro, ele falou que não tinha dinheiro e que teria que esperar uns dias. Aí nós já estávamos meio secos nele, né? Sei que eu e o J. subimos na motinha dele, pegamos os revólveres e voltamos. Aí o noiado começou a rir, desafiando o J., aí eu peguei e dei dois tiros no peito dele e ele já caiu, tinha uns bichos que estavam com ele lá, o J. acertou um tiro na perna dele, eu acertei um tiro no ombro dele, só que ele sobreviveu. Nós fomos parar no CIOPS e depois fugimos do CIOPS. Sei que depois disso nunca mais ninguém pegou a gente não. Eu e o J. andávamos juntos pra caramba, ele era de boa, nós íamos pra altas festas juntos.

Na parceria com o J. BM encontrou certa vivência fraterna, um matava para o outro, eles roubavam e traficavam juntos. Diferente da relação com o N. com quem BM também se identificara. Com o J. o laço de BM era mais de um igual, não havia entre eles um líder. Os dois estavam juntos e viviam do mesmo jeito, eram iguais.

5.1.10 – Se eu não estivesse preso eu já estava morto

BM – Se eu não estivesse preso eu estava morto já. Tem esse lado bom de estar preso.

E – Pelo que entendi você participou de vários homicídios e agora está respondendo por um latrocínio que você não fez?

BM – Como se diz estou pagando pelo meu pecado, né? Fiz trem errado agora estou pagando.

E – Sim. Mas está pagando por um pecado que você não fez?

BM – Mas praticamente eu fiz também, né? Eu que liguei pro cara e armei. Pior é o X que tá lá na CPP, porque a cadeia de maior é mais encasquerado que essa, eu sou de menor, né? Estou aqui. Só que o advogado dele conseguiu tirar o latrocínio dele e eu estou aqui, puxando latrocínio e latrocínio é mais pesado.

BM parece apresentar certa consciência dos graves erros que cometeu, mas essa consciência está ligada a proteção que a internação lhe oferece. Seus parceiros de crime estão mortos ou presos, nesse sentido ele acha que estar internado acaba sendo uma medida protetiva. O Irônico é que BM não teme ser morto por outros traficantes e sim pela polícia.

BM – Eu, se contar assim... Todas as vezes que eu já fui preso deve dar umas treze, só no juizado eu fui umas sete vezes. Eu tenho no juizado três passagens: latrocínio, tráfico e formação de quadrilha. Mas eu estive lá umas sete vezes. Já me pegaram com droga também. Mas eu não me arrependo de estar preso não!

E – Como assim?

BM – Porque eu fiz trem errado e estou pagando, agora se eu estivesse na rua eu estava morto. (O clima fica mais grave, a voz de BM fica mais séria nesse momento).

E – Provavelmente sim, né?

BM – Certeza! Certeza! O J. morreu e eu ia estar do lado na hora, certeza que eu ia estar do lado dele na hora se eu estivesse na rua eu ia morrer junto com ele.

E – Vocês eram parceirão, né?

BM – Até igreja nós já roubamos juntos.

5.1.11 - Dava vontade mesmo, matava só... Só pra ver ele cair mesmo

O prazer que BM experimenta ao matar é assumido aos poucos durante as entrevistas. Pouco a pouco BM vai se aproximando de um lado seu que talvez ele desconhecesse. O exercício da violência contra o outro é vivido como fonte de gozo sádico.

E – Se não foi droga, o que te levou a fazer trem errado? Você sabe, tem gente que cai na vida errada por causa da droga. No seu caso não foi isso.

BM – Sei lá... Foi mais pela revolta... (Fica pensativo).

E – Revolta?

BM – Uhum!

E – Revolta com o que?

BM – Sei lá... Quando eu era pequeno... Também sei lá... Eu gostava de fazer isso também...

E – Você gostava de fazer? Como assim?

BM – Eu gostava, eu achava bom roubar, matar. Eu gostava!

E – Fala pra mim um pouco sobre isso, de gostar.

BM – Sei lá... Sentia prazer... Não sei explicar como é não...

E – Quando você matava você sentia prazer?

BM – Não, quando matava não, mas quando roubava sim. Achava bom chegar lá com dinheiro, não precisava trabalhar, chegava final de semana curtia com as mulheres, ficava com os colegas... Sei lá... Mais por causa da curtição mesmo... Ter fama.

E – Deixa eu entender. Hoje eu estou sendo mais direto, né? Estou fazendo mais perguntas e às vezes nem deixo você falar. Né?

BM – Uhum.

E – Então, se eu te incomodar você me avisa. Tá?

BM – Não, de boa!

E – Naquela época, antes de passar por aqui, quando você matava, você não pensava que tirar a vida era ruim? Ou pensava?

BM – Não, tinha vez que pensava, tinha vez que o cara era tão... Assim... Eu tinha tanta vontade de matar o cara que nem... Dava vontade mesmo, matava só... Só pra ver ele cair mesmo.

E – Você acha que eu posso dizer sem exagero que, das mortes que você fez, você tinha algum prazer em matar? Alguma satisfação?

BM – Tem uns que sim. Mas tem uns que só porque tinha que ter matado mesmo. Tinha um até que nós matamos lá, que deu vontade de matar porque ele falava assim: eu só não como minha mãe porque minha mãe não me dá. Aí deu vontade, ele já tinha comido as irmãs dele. Esse foi o que mais me deu vontade de matar.

Ao assumir o prazer em matar BM dá notícias de um modo de funcionamento mental que, apesar de não desconhecer lei em seu aspecto jurídico com sua interdição de matar, desconhece a Lei simbólica advinda dos desdobramentos edipianos. Diante da sua agressividade BM vacila entre duas posições: por um lado diz que matou por revolta e por dívidas ligadas ao tráfico de drogas; de outro lado, BM admite que gostava de matar, que tinha prazer em matar. Suas palavras dão notícias da sua entrega a um gozo

mortífero. Matar tinha uma função útil: cobrar a dívida. Mas BM matava também porque gostava, em suas palavras, ‘matava para ver o outro cair’. Ou seja, por vezes BM matava como puro exercício da sua agressividade.

Em suma, a configuração da dinâmica familiar de BM parece apontar para a figura de um pai impotente ao lado de uma mãe onipotente e de um filho em completude narcísica. Não parece haver vestígios da castração suficiente para operar a passagem do narcisismo primário para a constituição de um Ideal de Eu capaz de oferecer suporte para a Lei em sua dimensão simbólica. Além disso, há o deslizamento da identificação imaginária, da fusão com a mãe, para tentativas de pertencer ao grupo dos iguais. BM busca pertencer a um grupo no qual ele tenta encontrar várias figuras identificatórias. Em todos os casos o *ter* e o *fazer* se sobrepõem ao *ser*, nesse jogo o que se perde é a visada de tornar-se sujeito, ou seja, BM parece estar incapaz de reconhecer-se fora da relação especular fornecida pelo olhar materno.

A negação da falta comparece na desconsideração da Lei. Na ausência de um referencial simbólico que lhe seja constitutivo, BM vai de identificação em identificação tentando advir naquilo que seria sua própria referência. Ilusão de onipotência que se materializa no sonho do consumo, no gozo das drogas e na violência. Se por um lado BM acredita ser livre e não “dar de mole pra ninguém”, por outro lado, sua realidade parece se caracterizar mais pelo abandono que pela liberdade.

5.2.1 – MULEQUIM

MULEQUIM tem 16 anos de idade, é do sexo masculino e responde a processo por latrocínio. Ele é filho único, nasceu de uma gravidez não planejada quando sua mãe tratava de um nódulo no cérebro e já não esperava mais poder ter filhos. Sua mãe diz que ficar grávida foi, para ela, a melhor coisa do mundo. Foi uma gravidez preocupada e

de risco. Logo no início da gravidez ela descobriu que seu marido tinha uma amante, traição que levou ao fim do casamento. Ela e o marido decidiram continuar morando juntos em quartos separados. Ambos tiveram outros parceiros. A mãe de MULEQUIM chegou a ter outro namorado, mas diz que não deu certo e que ela resolveu dedicar sua vida ao trabalho e aos cuidados com o filho. Desde o início da gravidez sua mãe diz ter se dedicado inteiramente ao filho.

Mãe de MULEQUIM – Fiz tudo por ele, ele sempre foi tudo para mim. Tudo o que eu podia eu dava pra ele. Ele era lindo, elogiado por todo mundo. As pessoas pensavam até que era filho de rico (Risos).

O que se observa nas palavras de sua mãe é que ela realizara três descobertas mais ou menos ao mesmo tempo: tinha uma doença grave e talvez aos 31 anos de idade não poderia mais ter filhos; mesmo com pouquíssima probabilidade ficou grávida; descobriu que o marido com quem se relacionava há 17 anos tinha uma amante. O casamento não superou a traição do marido, assim, o filho tornou-se tudo para ela.

Mãe de MULEQUIM – Eu grávida era a melhor coisa do mundo. A necessidade da mulher é ter um filho. É muito bom você ter um filho, porque se você olhar e falar: pô, eu não tenho ninguém... Porque um dia as pessoas vão, se você pensar a pessoa mais próxima de você é sua mãe e se você perder sua mãe a única coisa que você tem é um filho. É muito bom você trocar essa troca de amor sabe? Você olhar no olho e falar: nossa, eu posso cuidar! É muito bom!

A mãe de MULEQUIM diz que depois da traição do marido ela não quis ficar com ele mais, diz que eles estavam juntos e ao mesmo tempo não estavam.

Mãe de MULEQUIM – Decidimos, em prol do MULEQUIM, morar juntos, mas não como marido e mulher, nós somos muito amigos. Eu faço pra ele um papel assim, meio que de mãe dele, eu puxo ele pra cima. Eu sou muito resolvida, gosto das coisas muito certas e ele é mais tranquilo.

A psicanálise ensina que frente à castração, enquanto corte que incide na relação mãe-filho-falo, o filho pode simbolizar para a mulher um modo de negar a falta e de tentar garantir sua completude narcísica. Segundo Jean Laplanche “a angústia de castração é um verdadeiro ponto de perspectiva que é o único a partir do qual, a maioria das vezes retrospectivamente, mas também prospectivamente, é possível obter uma visão complexa, exata, bem situada, dos outros tipos de angústia” (1988, p. 03). Nesse caso, a mãe de MULEQUIM depara-se com a doença que lhe ameaçava a vida e descobre a infidelidade do marido. Duas descobertas que funcionam como marcas inegáveis da sua incompletude. Mesmo sendo uma gravidez de risco ela decidira enfrentar e se apega ao filho como tudo o que lhe resta. O filho torna-se ao mesmo tempo fonte e alvo de todo seu amor insaciável. Como diz Lacan: “essa mãe insaciável, insatisfeita, em torno de quem se constrói toda a escalada da criança no caminho do narcisismo, é alguém real, ela está ali e, como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar” (1985/1957, p. 199). A mãe de MULEQUIM dedica sua vida e todo seu amor ao filho, estabelece com o filho uma relação única na qual os dois mergulham na completude narcísica.

Mãe de MULEQUIM – Ele não tem noção da imensidão do meu amor por ele. Eu deixo de viver eu, o ser humano eu, para viver o MULEQUIM! Durante esses dois anos que ele está aqui preso eu também estou presa aqui. Tudo o que um ser humano podia fazer pra outro ser humano, pra mudar a história, eu fiz pra ele.

Antes de ser internado no CIA em 14/09/2012, MULEQUIM foi detido várias vezes por tráfico de drogas, posse de armas, furto, roubo à mão armada e tentativas de homicídio. Já cumpriu medida socioeducativa de internação provisória no CIP – Centro de Internação Provisória. MULEQUIM é filho único, foi criado pela mãe, pelo pai e pela avó que ele diz ser sua segunda mãe. Ele já fez uso de drogas, tem vício declarado

em maconha, diz que nunca usou crack e que usou cocaína apenas uma vez, faz uso aleatório de álcool e de cigarro comum.

Durante as entrevistas MULEQUIM é cordial, porém pouco participativo, responde as perguntas com desconfiança, fala baixo e com pouca clareza. No início parecia tentar controlar bem o que falava e por isso suas respostas eram mais lacônicas. Depois foi se soltando e tornou-se mais participativo. Porém, ao ser chamado para a terceira entrevista em dia e horário previamente combinado ele pediu para os técnicos do CIA avisarem que ele não daria mais entrevistas.

5.2.2 - A minha infância foi muito boa... Eu fui muito mimado, eu tive tudo

MULEQUIM se refere ao tempo da infância com certo ar nostálgico e com certa ostentação. Como se estivesse dizendo que sua mãe tinha mais condições financeiras que as mães dos seus colegas de internação. Há um ar de reconhecimento que ele não precisava fazer o que fez, uma vez que ele tinha tudo. Mas a experiência de ter tudo também aponta para um não reconhecimento da falta. Diante dele e para ele sua mãe podia tudo. Nessa perspectiva de onipotência pode-se apreender o repúdio da castração característico da identificação imaginária com o falo da mãe. Pois, se a estrutura da identificação se apoia na dinâmica que vai da renúncia do *ser* para, então, *ter* o falo ela pode ser definida em termos do duplo movimento de aceitação e de repúdio da castração.

MULEQUIM – A minha infância foi muito boa. Foi um tempo muito bom. Eu fui muito mimado, eu tive tudo.

MULEQUIM – Minha infância foi muito boa. Minha casa era muito boa, era grande e tinha tudo lá em casa. Minha mãe sempre trabalhou bastante. Tinha de tudo lá em casa. Graças a Deus nunca faltou nada, era uma casa muito boa. (Silêncio).

5.2.3 - Sempre foi a minha mãe. Ela me deu muito amor, fazia tudo pra mim.

MULEQUIM – Sempre foi a minha mãe. Ela me deu muito amor, fazia tudo pra mim. Eu sou muito apegado a ela. Ela me dava tudo o que eu pedia. Sempre gostei mais dela.

E – Ela te dava tudo o que você pedia?

MULEQUIM – Tudo. Brinquedos, carrinhos, roupas, tudo. Ela é a pessoa mais importante pra mim.

E – A pessoa mais importante da sua vida é sua mãe?

MULEQUIM – Minha mãe!

Sua brincadeira predileta era soltar pipa, o pai era quem fazia e soltava pipa com ele, no entanto, quando perguntado sobre quem seria sua reserva afetiva, ele responde de modo enfático que sempre foi sua mãe, que sua mãe lhe dava tudo, portanto, sua mãe era a pessoa mais importante do mundo para ele.

E – Está certo. Bom... Eu vou voltar um pouquinho no tempo, tá? Quando você era criança menor tinha alguém que você admirava, alguém que você conhecia e pensava assim: eu quero ser como essa pessoa? Antes de começar a ter esses problemas que fizeram você parar aqui. Tinha alguém?

MULEQUIM – Tinha meus tios, meus tios...

E – É? Por que?

MULEQUIM – Porque eles eram pessoas muito boas, né? Trabalhavam muito. Tinham altos trens...lojas...Um monte de coisas.

E – E seu pai?

MULEQUIM – Meu pai estava lá, né?

E – Seu pai estava lá...

MULEQUIM – É, estava presente. Meu pai... Uma vez ele largou a oficina pra ir atrás de mim e eu escondia dele.

E – Então seu pai estava lá sempre presente, mas você admirava e queria ser igual ao seu tio?

MULEQUIM – Era. Meus tios, meus primos também. Eles eram crentes, tinham uma situação muito boa de vida, têm até hoje.

E – Eles tinham mais dinheiro que seu pai?

MULEQUIM – Tinham. Eles eram donos de loja...

E – Aí você foi crescendo, se envolvendo, aprendendo a fazer coisas que davam mais dinheiro, mas que não eram coisas boas?

MULEQUIM – É, não eram coisas boas. Era só pelo dinheiro. Eu estava só se envolvendo e nem percebia, eu era mulequin na época, né? Achava que nem ficava preso, achava que não dava nada esses trens.

Em seu discurso, seu pai não aparece nem como reserva afetiva, nem como figura de autoridade e muito menos como objeto de identificação.

Mãe de MULEQUIM – Às vezes eu falo pra ele do pai dele, sabe... Eu vejo que ele tem respeito pelo pai, mas ele fala que não está nem aí. Porque ele vê que é eeeu (coloca ênfase na pronúncia do eu) que faço tudo! Eeeu que corro atrás! Tudo o que ele precisa é eeeu que faço! Eeeu que mantenho ele no que ele precisa! Quem toma a frente sou eu! Tudo o que precisa resolver na vida dele sou eu!!!

Em um primeiro olhar o esmaecimento da figura paterna fica diretamente ligado ao poder aquisitivo que o pai não tinha. Além do aparente o que se apreende no discurso de MULEQUIM e de sua mãe é que seu pai não ocupa um lugar no desejo materno. Por trás da presença sensível do pai jaz, em estado opaco, a função do pai claudicando no efeito de estruturação do Ideal do Eu e no estabelecimento da Lei simbólica. Para gozar com objetos que lhe dariam alguma satisfação MULEQUIM admira seus tios e primos e depois identifica-se com os parceiros da rua. Quando perguntado sobre alguém que lhe serviria de modelo durante a primeira infância ele aponta um primo mais velho e faz uma referência ao poder aquisitivo do primo. O pai em momento algum é apontado como objeto identificatório, MULEQUIM apenas diz que gostava muito do pai. Mas seus olhos brilhavam, no início da sua infância, pelos presentes que ganhava e, depois, pelos objetos e dinheiro que roubava. Por outro lado, MULEQUIM experimentava a presença maciça da mãe agindo diretamente em tudo que dizia respeito a ele. O pai ficava lá, de lado, às vezes parece até ser mais uma figura decorativa.

MULEQUIM – Eu gostava muito do meu primo. Eu gostava de ser igual ele. Ele trabalhava muito, estudava. Hoje ele é administrador de um hospital.

A mãe de MULEQUIM é apontada como reserva afetiva exclusiva. O pai não comparece como uma figura a quem ele recorreria em busca de consolo e de carinho. Ele reconhece o carinho da mãe e na falta da mãe reconhece o carinho da avó materna que era uma segunda mãe para ele.

MULEQUIM – Pra minha mãe, minha mãe e minha avó, são minhas duas mães. Minha avó que me olhava enquanto minha mãe ia trabalhar, minha avó que cuidava de mim. Minha avó cuidou mais de mim, porque minha mãe tinha um salão lá no centro, ela ficava lá o tempo todo e minha avó cuidava de mim pra ela ir trabalhar.

Seu pai estava presente, mas sua presença não parece fazer efeito na subjetividade de MULEQUIM. Nem como reserva afetiva, nem como figura de autoridade. Tudo era sua mãe e, na falta dela, havia sua segunda mãe, ou seja, a avó. Parece não haver lugar para o pai nessa dinâmica libidinal. Durante a entrevista com a mãe de MULEQUIM esse não investimento no pai fica bem claro. Na tríade mãe-filho-falo o pai não ocupa lugar no desejo da mãe, desse modo, o pai não reúne as condições suficientes para realizar a interdição necessária capaz de barrar o gozo mortífero da relação mãe-filho-falo.

E – Quem mandava na sua casa?

MULEQUIM – Minha mãe!

E – Era ela que dizia o que era certo ou errado, dizia o que podia e o que não podia?

MULEQUIM – Era.

E – Como eles te educavam? O que eles faziam pra te educar?

MULEQUIM – Muitas vezes batiam, educavam. De vez enquanto eu levava uma peia.

E – Você era custoso?

MULEQUIM – Era. Fazia coisa de menino. Era custoso. Eu apanhava muito por causa de escola.

MULEQUIM – Eu sempre estudei em escola particular toda vida, eu fazia muita bagunça. Minha professora era uma morena de cabelos cacheados. Minha mãe sempre pagou escola pra mim, eu fui crescendo e fui dando trabalho na escola.

É curioso notar que a descrição que MULEQUIM faz da professora do início da sua vida escolar corresponde à aparência da sua mãe. MULEQUIM reconhece que nunca se interessou muito pela vida escolar, que fazia muita bagunça e, por isso, mesmo sempre apanhava da sua mãe e, às vezes, da sua avó, nunca apanhava do seu pai.

5.2.4 – Mandava... Meu pai era um pai muito bom. Isso foi só um tempo.

E – O que você acha do seu pai?

MULEQUIM – Meu pai é muito bom. Me acompanhou toda a vida, até hoje. Meu pai sempre foi presente, nunca deixou faltar nada não.

E – E o casamento deles o que você acha?

MULEQUIM – O casamento deles foi tranquilo. Nunca teve problema não, até um certo tempo.

E – Até um certo tempo?

MULEQUIM – Foi. Depois eles tiveram uns probleminhas lá. Meu pai bebendo muito, não sei o que? Mas só foi um tempo mesmo.

E – O que ele fazia?

MULEQUIM – Ficava lá bebendo com os amigos dele. Minha mãe ficava discutindo com ele, ela não gostava que ele bebia, enchia muito o saco dele e eles discutiam um pouco, mas ele sempre escuta ela.

E – Sua mãe mandava em todo mundo?

MULEQUIM – Mandava. Meu pai era um pai muito bom. Isso foi só um tempo.

E – Dessa época você se lembra de mais alguma coisa que você queria falar?

MULEQUIM – Não, só que minha infância foi muito boa.

Em suma, sua mãe era a referência, ela trabalhava fora de casa o dia todo e ganhava o suficiente para dar ao filho ‘tudo’ o que ele queria, era a mãe quem mandava na casa, a Lei para MULEQUIM era a lei do amor da mãe, diante de quem o filho podia

tudo. O pai enquanto suporte da Lei não operava e o filho permanecia a deriva, náufrago no absoluto amor da mãe.

Mãe de MULEQUIM – Hoje eu amadureci muito em relação ao MULEQUIM na questão de limite. Antigamente ele dizia pra mim que queria uma coisa da marca tal. O pai dele dizia que eu não devia dar essa coisa pra ele. Aí, eu pensava assim: Ah, eu só tenho ele! Eu tenho que fazer isso pra ele, eu tenho que fazer! Eu me sentia na obrigação de fazer, o pai dele falava pra não fazer e eu fazia assim mesmo. Hoje eu acho que isso talvez possa ter contribuído para deixar ele sem limites.

A mãe de MULEQUIM sente que tem a posse dele. Ela diz: ah! Eu só tenho ele. Trata-se de uma mãe que não teve limites e tomava o filho como posse sua, o filho é colocado lugar daquilo que opera preenchendo sua falta, uma vez que a mãe não podia lidar com sua falta ela também não permitiu ao filho deparar-se com a castração. Lembremos que para operar, via identificação, na estruturação do Ideal do Eu é necessário que o pai seja em um primeiro tempo apreendido pelo filho como rival, como alvo do desejo da mãe. A fusão mãe-filho-falo não pôde ser perturbada pelo pai. Uma vez que a Lei simbólica não pôde operar, mãe e filho são obrigados a enfrentar lei em sua dimensão jurídica. Por isso a mãe diz que ela também está presa há dois anos. O pai tentou algum lampejo de autoridade, dizia que deviam colocar limites ao filho, mas a mãe assume que não queria saber dos limites.

Mãe de MULEQUIM – Mãe é tudo! Mãe é tudo!

A mãe de MULEQUIM diz que mãe tudo. Ela é filha de um pai ausente, que chegava em casa alcoolizado, que não participava da criação dos sete filhos. Sua mãe criou ela e os irmãos sozinha e ainda dava dinheiro para seu pai gastar no jogo de cartas, na bebida e com mulheres. Daí evidencia-se sua afirmação: mãe é tudo! Se mãe tudo, o pai é nada! Essa foi sua experiência. Do seu pai ela não recebeu nada, no filho ela encontrou tudo e tornou-se tudo ou, em sua ilusão imaginária, ela tornou-se toda. Dessa

onipotência MULEQUIM não pôde escapar! Dessa onipotência deriva a violência de MULEQUIM, ele sente que pode ter tudo o que quiser, nem que para isso ele tenha que roubar e matar. Eis a lei da sua busca de gozo ilimitado.

Além disso, MULEQUIM busca elogiar o pai e tenta minimizar os problemas que ocorreram entre o pai e a mãe. De acordo com sua mãe, nessa época os pais de MULEQUIM separaram-se por causa das traições do seu pai. Houve muitas brigas que culminaram com a saída temporária do pai de casa. É relevante considerar que foi logo após essas ocorrências que MULEQUIM começou a fumar maconha e a realizar os primeiros atos infracionais. Ele destaca com maior ênfase uma situação que, em conjunto com um vizinho, furtou pertences de uma casa, eles foram descobertos, a polícia foi à sua casa e seu pai lhe castigara com uma grande surra, a única que recebera do pai. MULEQUIM já praticava furtos e outras infrações há algum tempo, mas o pai e a mãe somente tomaram consciência disso por intermédio dessa ‘visita’ da polícia.

5.2.5 – Foi ruim. Eu já estava grande. Foi ruim.

MULEQUIM – Meu pai não me batia. Meu pai me bateu só uma vez.

E – Como foi?

MULEQUIM – Foi ruim. Eu já estava grande. Foi ruim.

E – Você topa falar disso agora?

MULEQUIM – Foi uma vez que eu estava envolvendo com gente errada. Nós furtamos uma casa lá no setor. A polícia foi lá em casa e meu pai me deu uma taca nesse dia. Ele me bateu e disse que não me criava pra eu fazer isso. Ele me bateu bastante. Queria me corrigir, ele ficou muito nervoso, ele não imaginava essas coisas de mim. Meu pai chegou do serviço e a polícia estava lá em casa. Eu estava pra escola, cheguei de noitão. A polícia achou os meninos e eles levaram a polícia lá em casa.

MULEQUIM – Nós tínhamos dividido, um pouco já tinha vendido e eu fiquei com um pouco de dinheiro. Eles acharam um pouco dos trens lá. Aí meu pai foi e me bateu bastante.

E – Você disse que foi a única vez que seu pai te bateu?

MULEQUIM – Foi. Nesse dia ele me bateu bastante. (Silêncio).

Dessa situação destacam-se três elementos que apesar de estarem interligados podem ser pensados um a um: os pais não imaginavam essas coisas do filho; o pai ficou muito nervoso e tentou corrigir o filho dizendo-lhe que não o tinha criado para isso; o pai bateu no filho que diz que isso foi ruim, que ele já estava grande e que foi ruim.

Primeiramente, tanto no discurso de MULEQUIM quanto nas palavras de sua mãe, seus pais não tinham idéia das coisas que ele fazia, ele tinha tudo o que queria, mas ele queria mais. Em sua tentativa de tamponar a falta constitutiva dele e da mãe, ele queria mais objetos de consumo dos quais ele procurava usufruir, procurava retirar uma cota de gozo que fosse suficiente para aplacar o fundo de angústia que emerge do fato de que tanto a mãe quanto ele são submetidos à Lei derivada da situação edipiana. MULEQUIM estava em uma encruzilhada de um lado tinha o amor, o colo devorador da mãe. De outro lado, uma vez que não encontrava no pai o suporte da Lei que o separaria da fusão com a mãe e lhe daria condições para sua individuação, tinha a transgressão que funcionava como um apelo à Lei, uma convocação à função paterna.

Além disso, ele diz que seu pai ficou muito nervoso dizendo-lhe que não o havia criado para isso. Para o quê seu pai não o havia criado? Para permanecer fusionado, entregue ao amor insaciável da mãe ou para a vida de transgressão? Naquela situação a polícia fez o papel que o pai ainda não havia conseguido fazer, a polícia apresentou a MULEQUIM a lei em sua dimensão jurídica, e ele deparou-se com a ameaça de castração na forma da força policial. Seus pais o haviam criado como sua *majestade o bebê*, como diz Freud, mas essa perfeição narcísica desfaz-se ao som das sirenes das viaturas policiais. Contudo, esse evento foi apenas mais uma ameaça que MULEQUIM não levou a sério. Ele diz que não acreditava que seus delitos pudessem resultar em

algum problema. Em seu mundo infantil tudo era como mais uma brincadeira de mau gosto de uma criança onipotente, mas ele não era mais criança e deveria submeter-se a lei, era isso que a visita da polícia anunciava para toda sua família.

Por fim, sobre o castigo que recebeu do pai por causa da invasão seguida de furto MULEQUIM somente consegue dizer que foi ruim. O que se segue é o silêncio de quem deparar-se com o indizível. Talvez o ódio pelo pai, que não era reconhecido como representante da Lei, que fazia sua mãe chorar por causa da traição, que não era alvo do desejo da mãe desde o nascimento do filho e que mesmo assim resolveu pela primeira vez tentar tomar uma atitude, bateu no filho que ‘já era grande’. MULEQUIM não pode falar sobre isso, não porque não queira, mas porque não havia na situação da entrevista o estabelecimento de uma situação transferencial capaz de amortecer esse encontro com o real que ainda lhe corta a carne. MULEQUIM diz: “Foi ruim. Eu já estava grande. Foi ruim”. Foi ruim porque ele fora descoberto, foi ruim porque lhe bateram muito, foi ruim porque ele já estava grande. Foi ruim porque seu corpo já era corpo de homem e lhe bateram como um menino. MULEQUIM não consegue dizer mais nada sobre isso. Depois dessa entrevista ele anuncia que não está mais disposto a conversar com o ‘psicólogo’.

Na situação da clínica quem ocupa o lugar da escuta depara-se com esse tipo de fenômeno cotidianamente, faz parte da rotina do clínico lidar com o surgimento de resistências poderosas como essa, mas na situação clínica espera-se que a transferência esteja suficientemente estabelecida e seja capaz de fornecer ao sujeito condições para fazer essa travessia. MULEQUIM realmente não podia continuar com as entrevistas e a decisão de interrompê-las foi o melhor para a manutenção da sua integridade psíquica.

5.2.6 – Aí, foi só envolvendo com esses trens errados... Comecei a usar droga... Só enrolando mais até ir preso.

A separação dos pais, a visita da polícia em sua casa e a surra dada pelo pai parece ter funcionado como uma porta de entrada. Até esse momento MULEQUIM apenas engatinhava no caminho da transgressão iluminado pela presença da ausência do colo da mãe e da voz claudicante do pai, que tentara dizer que não lhe havia criado para aquela vida.

Desse momento em diante ele inconscientemente faz um apelo ao pai. Contudo, não necessariamente ao pai que tem o nome em seu registro de nascimento, isso não basta. MULEQUIM convoca, e aqui o verbo convocar deve ser tomado no sentido que inclui o apelo vocal de pelo menos duas vozes, mãe e filho convocam um pai que pudesse funcionar como ancoragem para a passagem dessa captura narcísica na qual ele recebe tudo da mãe ao mesmo tempo em que é tudo para mãe. Dessa identificação imaginária ao falo da mãe MULEQUIM faz um apelo a alguém que ocupasse um lugar no desejo da mãe, que fosse apontado pela voz da mãe como sendo aquele a quem a mãe deseja e, portanto, com quem MULEQUIM pudesse realizar outra identificação, agora no plano simbólico que reconhece a Lei. Esse seria o movimento da normatização edipiana que incidiria na relação mãe–filho–falo.

Uma vez que não encontra outra referência identificatória, MULEQUIM apoia-se nos parceiros da rua para levar adiante sua constituição enquanto sujeito. Ele quer ser como os amigos da rua, age com eles e como eles. Desse momento em diante, ele entra cada vez mais na via da transgressão, é detido algumas vezes, sua mãe vai busca-lo na delegacia e no juizado da infância. Continua no caminho da transgressão, nem mesmo a medida socioeducativa de internação provisória é capaz de detê-lo, ele foge e continua a roubar e traficar.

MULEQUMN – Acho que começou por aí. Eu e um menino que morava perto da minha casa, começamos a tocar o terror lá no setor. Comecei a envolver com ele... Era eu e ele. Aí foi só envolvendo com esses trens errados... Começou por aí.

E – Fala um pouco mais sobre essa época.

MULEQUIM – Acho que eu tinha uns doze ou treze anos, eu estava estudando ainda, eu estudava lá no Colégio X, aí eu fui envolvendo com esse menino. Nós começamos a andar só juntos, começamos a furtar casa, os trens... Foi só piorando a situação. Comecei a usar droga, fumar maconha.

MULEQUIM – Eu fui envolvendo com esse menino, nós fomos roubando casa... Nós fomos gostando parece. A gente matava aula e eu sumia mais ele pra fazer coisa errada. Minha mãe ficava trabalhando no salão o dia inteiro e eu fui só piorando... Fui só piorando... Só enrolando mais e mais até ir preso. Uma vez eu fui preso, eu tinha uns quatorze anos, fui preso com um revólver na mão, foi a primeira vez que eu fui preso. Minha mãe foi e me tirou.

A transgressão parece ter sido o meio encontrado por MULEQUIM para escapar da relação dual com sua mãe, através da identificação com os meninos da rua ele produziu um modo de distanciar da casa materna e da afetuosidade da mãe. Por outro lado, ele mantém a mãe ligada nele, ele demanda os cuidados dela de modo quase exclusivo. A mãe deixava de trabalhar, de dormir, de ficar em casa para procurar MULEQUIM pelas ruas. Nessa procura ela acionava o pai, ela exigia que o pai fosse com ela pelas noites à procura do filho.

A essa altura os atos de MULEQUIM já eram marcados por violência e agressividade, os assaltos à mão armada, as disputas entre os rivais do tráfico eram sempre marcadas por tiros e outras formas de violência.

MULEQUIM – Comecei a roubar 157, começou a piorar a situação, eu nem ficava mais em casa. Minha mãe vivia atrás de mim, o salão cheio de gente lá, eu dando o maior trabalho pra ela que ficava preocupada comigo. Minha mãe chamava meu pai ia atrás de mim, eles iam atrás de mim e eu só fui envolvendo com o menino lá, só foi piorando cada dia mais. Eu estava só envolvendo mais e nem percebia, achava que era

tudo brincadeira, esses trem, não sabia que dava problema grande assim, eu nunca tinha envolvido em latada. Eu era envolvido demais, sem cabeça. Eu era mulequim nem tinha cabeça, não pensava em nada, só pensava no momento mesmo. Ficava naquela lá, cheio de droga, dinheiro lá, andando de moto lá, mulequim!

5.2.7 - Ele fazia os trem errado e eu fazia com ele

Quando a identificação imaginária torna-se perigosa em função do amadurecimento de seu corpo, quando tudo se torna perigoso – peri/gozo – quando aproxima-se de um gozo impossível e insuportável MULEQUIM fica como que em um vácuo. Ele precisa ampliar seus laços afetivos, eleger novos objetos de amor fora da dinâmica edipiana, mas não encontra na organização da família meios para fazer isso. Então, os amigos da rua, em particular o menino que era seu vizinho, surgem como referência identificatória. MULEQUIM deixa de ser somente como os pais pensavam que ele era e assume para si também os valores da rua. Ele tinha tudo da mãe, agora que seu corpo desenvolveu-se e tornou-se corpo de adulto, ele não podia mais permanecer no lugar de tudo para a mãe, a relação com a intensidade afetiva da mãe tornara-se insuportável. Ao lado dessa ampliação de seus laços sociais, a angústia que deriva da situação edipiana se intensifica e MULEQUIM passa ao ato, ou seja, ele põe em ato aquilo que não pode ser vivido no plano simbólico. Quando sua boca cala e não fala da angústia que o ronda suas atitudes tornam-se mais violentas, seja nos assaltos, seja nas brigas com as facções rivais na disputa pelo território do tráfico. O que não pode ser simbolizado é vivido no real do corpo que sofre violências, leva tiros, ao mesmo tempo em que é violento com os outros, dá tiros, espanca, etc.

E – Você acha que eu posso pensar... Se eu estiver errado você me corrige, tá bom? Você acha que eu posso pensar que quando você começou a crescer, porque antes você era menino, não sabia de nada ainda, não sabia que poderia dar problema. Depois você foi crescendo... Você colou em alguém com quem você passou a andar mais?

MULEQUIM – Eu andava junto com meu vizinho lá, né?

E – Então você colou nele?

MULEQUIM – Ele fazia os trem errado e eu fazia com ele.

5.2.8 – Eu já fui preso altas vezes.

MULEQUIM relata que foi preso muitas vezes, ele não sabe ao certo quantas vezes a polícia o levou preso, mas nem todas as vezes foi lavrada uma ocorrência na delegacia. Em sua ficha constam oito ocorrências. Somente na oitava ocorrência é que ele recebeu medida de internação provisória. Todas as outras vezes ‘não deu em nada não’. Nas demais vezes sua mãe interferiu e de algum modo conseguiu que ele não respondesse perante a lei por seus atos. Em sua casa, desde seu nascimento, MULEQUIM tinha tudo, sua mãe dava tudo para ele, quando ele, já adolescente, não podia mais receber tudo da mãe, ele procura meios fora da lei para a manutenção do seu gozo. A mãe diz que não entende como pode isso acontecer, ela deu tudo para o filho e mesmo assim não foi suficiente. O que ela não pode saber é que o que faltou para seu filho não é um produto de consumo comprável com o fruto do seu trabalho. Faltou para o filho e para a mãe a entrada em cena de alguém que reunisse as condições para realizar o corte no vínculo dos dois em torno do falo. Isso a mãe não pode dar, não se trata aqui de uma acusação, a mãe não pode dar o que não tem, não pode dar o que não recebeu. Seria necessário conhecer a história da vida dessa mãe e do pai de MULEQUIM para quem sabe produzir um entendimento mais aprofundado da sua subjetividade, mas esse não é o objetivo desse trabalho.

MULEQUIM – É. Eu já fui preso altas vezes de menor, era muleque, saía, esses trens.

E – Você já foi preso quantas vezes?

MULEQUIM – Eu fui puxar um CIP (Centro de Internação Provisória) foi na oitava passagem. Na oitava passagem eles desceram eu pra uma provisória...

E – Dessa vez que você foi parar no CIP o que você tinha feito?

MULEQUIM – Ah, eu fui preso em 2010 com dois carros roubados, revólver e droga. Era um Honda Civic e outro carro lá, eu peguei esse Civic e fui entregar umas drogas, aí eu fui preso.

5.2.9 – Aí, eu peguei e dei um tiro nele

Como MULEQUIM diz, ele foi só piorando, os atos de violência foram intensificados. Ele já fazia uso de arma de fogo nas atividades corriqueiras do tráfico e nos roubos. Já havia trocado tiros com outros traficantes e já fazia uso de muita agressividade quando cobrava dívida de tráfico de drogas. Enfim, os devedores e os rivais eram tratados com extrema agressividade, MULEQUIM fala do uso da violência sem qualquer pudor, há certo ar de orgulho em não deixar que traficantes rivais ou usuários de drogas que não pagam suas dívidas desconcertem a ordem do tráfico. Contudo, apesar de já ter praticado várias tentativas de homicídio ele ainda não tinha notícias de que alguém havia morrido por suas mãos. Até que em um assalto mal sucedido ele não vacila, as vítimas reagiram e ele torna-se autor de dois latrocínios. Em função desses latrocínios ele recebe medida socioeducativa de internação.

E – O que aconteceu pra você vir parar aqui?

MULEQUIM – Ah... Foi uns trem... Envolvido com uns trem errado lá. Eu estava roubando, arrumei um parceiro e fui roubar. Nois foi robá, o cara foi e reagiu, nois foi e matô os dois. Aí deu latrocínio... (silêncio).

E – Me conta essa história mais detalhada! Tenta lembrar o que aconteceu e me conta!

MULEQUIM – Foi... Chegô lá pra robá a padaria lá, sabe? Bem no setor ali, um setor nobre ali, eu e meu parceiro.

E – Aí você e esse outro parceiro foram roubar a padaria?

MULEQUIM – Foi. Nois foi rouba lá, né véi. Quando nois foi torá o rapaz... Desceu da moto e deu voz de assalto, pegou dinheiro, cigarro e uns trem lá. Quando nois foi saindo entrou um senhor lá, nois foi e abordô ele, tomô a correntinha de ouro e a carteira dele. Quando ia sair ele foi e voou no pescoço do menino, ele desviou e baleou ele no pescoço, o moço soltou e ele deu outro tiro na barriga dele e ele caiu no chão. O

outro veio correndo ele pegou e baleou o outro. Morreu dois senhor lá na padaria. Ele matou dois lá na padaria. Foi latrocínio né? Foi... Foi embora que o dinheiro tava tudo no bolso nosso. Ainda ficou um capacete lá, boné, chinelo. Nois saiu, foi embora... Nós foi embora... Nois foi embora... Chegou no nosso setor lá, chegou lá nois contou o dinheiro, tinha pouco dinheiro ainda, seiscentos reais e uma correntinha de ouro só, o cara tinha reagido também, morreu porque reagiram, igual pra nois se ele chegasse pegar o revólver ...

E – Aí vocês caíram. Quem estava com o revólver foi seu colega?

MULEQUIM – Foi eu.

E – Quem atirou foi você?

MULEQUIM – Foi eu.

E – Você atirou primeiro no pescoço do cara e ele não soltou?

MULEQUIM – Não. Apertou mais ainda.

E – Ele estava apertando você no pescoço?

MULEQUIM – Foi. Aí eu só afastei o revólver, ele tentou pegar o revólver. Aí o outro senhor puxou minha cabeça e já ia me deitando assim... Já ia me dominando assim... Aí eu peguei e dei um tiro nele, aí ele assustou e apertou mais ainda, aí eu dei outro tiro na barriga dele, aí ele soltou eu e caiu no chão, aí o outro veio correndo pra cima de mim e eu baleei ele nos peito pegou em cima do coração, ele caiu no chão e eu sai correndo de lá...

E – Os dois morreram?

MULEQUIM – Os dois morreram... latrocínio.

MULEQUIM – Eles reagiram, por conta de seiscentos reais e uma correntinha de ouro. Mixaria! Podiam ter ficado quietos, bem quietos. Certeza que eles ganham muito mais lá, né véi? Morreu por causa de vacilo, que um deles era advogado, né véi? Advogado aposentado achou que ia dominar nois. Eu sabia que se ele pegasse, ele ia me matar, né véi? Morreu... Aconteceu essa tragédia aí.

E – Você acha que se ele pegasse revólver ele ia te matar?

MULEQUIM – Certeza! Ele ia! Só esse da correntinha que reagiu, o outro do caixa nem reagiu, ele só foi reagir depois que viu o outro reagindo. Aí ele veio pra cima também. O outro pagou foi de herói... Não teve nem chance. Tive que matar mesmo senão eu ia morrer...

E – Você já correu o risco de morrer outras vezes?

MULEQUIM – Já. Eu já tomei um tiro já.

E – Como foi?

MULEQUIM – Foi uma guerra lá no setor lá.

E – Hum...

MULEQUIM – Aí eu tomei um tiro.

E – Como foi essa guerra lá no setor?

MULEQUIM – Guerra. Guerra lá.

E – É que eu não sei direito o que é.

MULEQUIM – Inimigos... Problema... Os moleques matou uns parceiros nosso lá, aí os meninos foi e matou outros meninos também... Guerra. Aí o muleque foi e me deu um tiro.

E – Nessas guerras você já atirou em alguém?

MULEQUIM – Ah! Foi lá. Uns noiados lá. Já dei uns tiros nuns noiados lá.

E – Se você vende drogas sempre tem aquele negócio do cara pegar a droga e depois não pagar. Aí você tem que reagir pra não perder o respeito...

MULEQUIM – É. Tinha. Direto nois pegava um e dava era um pau nele lá. Quebrava a cara deles na coronhada direto...

E – Quebrava a cara deles na coronhada...

MULEQUIM – É, dava altas revolvadas.

E – Mas não matava não?

MULEQUIM – Não. Uma vez eu dei um tiro num cara lá.

E – Como foi isso?

MULEQUIM – Ah... Ele tava devendo nois lá, tava caguetando nois lá... Eu peguei e dei um tiro nele lá, bem de pertinho...

E – E ele escapou...

MULEQUIM – É. Eu dei bem nos peito dele e ele não morreu. Foi desse jeito. Foi e ficou por isso mesmo. O outro foi lá uma vez que eu saí daqui, quando eu fugi eu dei uns tiros num menino lá. Eu dei quatro tiros nele e ele nem morreu. Foi de revólver.

E – Por que você deu os tiros nele? O que tinha acontecido?

MULEQUIM – Por causa de guerra. Ele tava falando que ia pegar eu lá, não sei o que. Aí peguei saí e dei uns tiros nele lá, só que ele não morreu não.

Como o trecho acima mostra, antes de admitir a autoria dos latrocínios, MULEQUIM coloca seu discurso na terceira pessoa, ele diz que foi ‘o menino’ que empunhou o revólver, deu voz de assalto para as vítimas, travou luta corporal com uma

vítima e atirou a queima roupa em outra. Só depois que o entrevistador pergunta diretamente se era ele quem estava com o revólver e quem atirou nas vítimas é que MULEQUIM muda seu discurso para a primeira pessoa e diz: fui eu que matei os dois. Desse momento em diante seu discurso tem um tom triunfal, ele parece satisfeito de ter sido mais ‘poderoso’ que os ‘dois senhores’ que tentaram dominá-lo. Sua violência não permite ser dominada, mesmo depois de internado, ou preso como ele diz, ele não se conforma e fugiu três vezes. Em uma dessas fugas deu vários tiros em um rival.

MULEQUIM dava tiros, quebrava a cara dos outros com coronhadas, dava altas revolvadas, dava tiros de pistola nos peitos, etc. Não há constrangimentos no discurso de MULEQUIM, o único sinal de constrangimentos diz respeito a estar ‘preso’, fora isso o tom de voz chega a ser um tanto orgulhoso da violência que comparece em seus atos. Diz que as vítimas do latrocínio morreram por causa de ‘vacilo’, por ‘mixaria’, por causa de ‘bobeira’, por bancar ‘herói’. Ele acusa as vítimas de terem reagido e por isso morreram. Não há em seu discurso uma reflexão que o responsabilize e que engendre um processo de mudança. Ele diz que aconteceu uma tragédia, mas não se implica na autoria dessa tragédia. De qualquer modo, é mesmo de uma tragédia que se trata. Sua vida é parte de uma tragédia que se desenrola em um modo de organização social que insufla cada vez o consumo e o direito ao gozo e apresenta cada vez menos ideais identificatórios que sejam suportes da Lei em sua dimensão simbólica. Por um lado, MULEQUIM escapa da trama edipiana, por outro lado, enquanto alguém que pode ter tudo ele é o poder encarnado, o falo ambulante e armado.

Além disso, fica uma questão: do ponto de vista da escuta clínica, a atitude de MULEQUIM de interromper as entrevistas pode ser escutada como sinal de que algo ainda o atinge, que em sua experiência subjetiva ainda há alguma condição para que ele

realize a travessia do colo da mãe para a constituição de uma subjetividade referida a Lei que deriva da situação edipiana?

5.2.10 – Só queria ficar de boa, ter carro, esses trens, dinheiro

O discurso de MULEQUIM não apresenta qualquer referência identificatória, o que estava em questão para ele não era *ser* e sim *ter*. Ele queria ter dinheiro, moto, carro e roupas de marca, ou seja, ele queria continuar a ter tudo, mas não podia mais permanecer como o filhinho da mamãe que tinha tudo o que a mãe dava. Em sua necessidade de individuação ele encontrou, em parceria com os colegas, um caminho que parecia mais fácil para permanecer no gozo. Seu pai tinha carro e algum dinheiro, mas não era objeto de desejo da mãe. Por isso mesmo seu pai não servia de referência e MULEQUIM não se deparou com alguém ou algo capaz de fazer suplência à insuficiência paterna.

E – Quando você estava na rua, antes de ser preso, fazendo as coisas que você queria fazer. Tinha alguém que você conhecia, que você admirava, que tinha respeito, que você queria ser igual?

MULEQUIM – Não. Nessas épocas aí eu já estava mais grande, só queria ficar de boa, ter carro, esses trens, dinheiro.

E – E você conhecia alguém que tinha essas coisas? Carro, dinheiro...

MULEQUIM – Tinha os caras lá, né véi. Só pensava em ter carro, dinheiro, respeito.

MULEQUIM – É, eu nem precisava, né? Minha mãe tem tudo lá em casa, né?

MULEQUIM – Minha mãe ficava era andando atrás de mim, de noite aí. Ela e meu pai ia atrás de mim na casa dos meninos, eu escondia dela... Todo dia ela ia atrás de mim quando ela fechava o salão, ia atrás de mim direto. Tava querendo ter as coisas mesmo antes do tempo. Querendo ser igual aos outros...

E – Igual aos outros quem?

MULEQUIM – Igual ao povo aí né? Andar de carro, ter dinheiro... Ir pra festas...

E – Qual povo?

MULEQUIM – O povo aí, do mundão aí. Querendo ter roupa de marca.

E – Me fala de alguém que você queria ser igual.

MULEQUIM – Ah... Os meninos aí. Esses malandros aí, né véi? Querendo ficar de boa. Carro, moto. Eu só pensava nisso só. Só mostrando pras muiés e ficar de boa.

E – Tinha mulherada também?

MULEQUIM – Altas. Altas muiés. Essas muiés pagam é o pau, né véi?

E – Como é que é?

MULEQUIM – Essas muiés aí pagam é o pau pros bandidos.

E – As mulheres gostam de bandido?

MULEQUIM – (Risos) Tem umas que gostam.

Por fim, MULEQUIM fala das mulheres, ele queria ter várias coisas antes da hora, dinheiro, carro, moto, festas, roupas de marca, mulheres... Ele diz que as mulheres “pagam é o pau” para os bandidos, ou seja, o bandido é objeto de desejo da mulher, coisa que seu pai não fora. Enquanto ele estava na vida bandida sua mãe estava atrás dele. Pode-se dizer que sua mãe “pagava pau” para ele bandido? De qualquer modo, MULEQUIM tinha tudo na casa de sua mãe, mas sua mãe saía para trabalhar e ficava o dia todo fora de casa. Quando ele torna-se ‘bandido’ sua mãe vai atrás dele, desse modo ele tem a mãe declarando seu amor. É um paradoxo, ele precisa separar-se da mãe e encontrar outros objetos de investimento libidinal, mas não consegue deixar o colo da mãe, pois nessa travessia ele somente pôde contar com a mãe. Não houve para ele outro suporte para o encontro com a Lei simbólica.

5.3.1 – Vida Boa

VB recebeu medida socioeducativa de internação e deu entrada no CIA em 01/08/2012. Antes da sua internação ele morava com sua mãe e com um irmão de um ano de idade, filho de um novo relacionamento da mãe. Durante a entrevista ele desviava o olhar e mostrava-se desconfortável. Inicialmente suas respostas eram lacônicas e ele não mostrava interesse no assunto. Porém, tão logo que começou a falar

sobre tudo o que tinha e sobre o que fazia quando ainda era criança pequena e morava com seu pai e sua mãe ele mostrou-se animado e falante. Falar sobre suas peripécias o animava tanto quanto gabar-se das coisas que seus pais lhe davam.

VB responde por homicídio, tráfico de drogas, formação de quadrilha e receptação. Nessa primeira entrevista ele não quis falar sobre seus atos infracionais, ele apenas disse que após a separação dos pais logo envolveu-se com o crime. Ao final da entrevista ele aceitou marcar a próxima e disse que seria bom poder “conversar um pouco”. Quando chegou dia e o horário combinado ele não quis sair do alojamento dizendo que naquele dia não queria conversar. Como sua mãe mora fora de Goiânia e não o visita regularmente não foi possível realizar entrevistas com ela. VB empreendeu fuga do CIA logo depois da primeira entrevista e até o final do período de realização das entrevistas não houve notícias dele.

VB nasceu no interior do estado de Goiás e quando tinha aproximadamente nove anos de idade seu pai sofreu um AVC que lhe deixou sequelas importantes no lado direito do corpo. Alguns meses depois do AVC seus pais se separaram e seu pai mudou-se para um estado do nordeste brasileiro. A partir de então sua vida sofreu sérias transformações, ele resume o que se sucedeu do seguinte modo:

VB – Eu fui criado pela minha mãe e meu pai. Ele sofreu AVC, aí passou uns tempos ele foi morar com a família dele, com outros parentes dele em outro estado. Aí fiquei só eu e minha mãe. Não tinha condições de sustentar a gente, eu e ela, né? Aí passou uns tempos e ela teve que trabalhar. Caçou serviço, trabalhou de empregada doméstica, de salão de beleza, até hoje está assim. Muito sofrido. Vai conseguindo aos pouquinhos, né? Aos poucos. Aí, logo eu envolvi com o crime também...

5.3.2 – Sempre era brinquedo, alegria, eu era feliz. Era assim, feliz!

Além do conforto da casa que era grande e da boa condição financeira, VB perdeu o contato com o pai que era, segundo ele, provedor material, reserva afetiva e figura de autoridade em sua vida. A ordem dos acontecimentos presente no trecho acima mostra como VB perdeu o pai, a casa e o modo de vida que tinha, acontecimentos que logo culminaram em seu envolvimento com crime. Mas antes de tudo isso acontecer VB fala de situações em que ele já parecia não reconhecer limites além daqueles impostos pela presença do pai. Primeiro ele fala de uma situação na qual ele tinha tudo e fazia tudo o que lhe desse vontade.

VB – A casa que eu morava era grande, tinha um quintal grande na frente outro à trás, era cheio de árvore. Quando eu morava com meu pai era bom viu. Tinha uma vida boa! Tinha muitos brinquedos. Eu pedia pra ele e ele me dava. Quando eu era pequeno ele bebia, tinha vez que ele bebia muito, mas nunca faltou nada dentro da minha casa. Sempre era brinquedo, alegria, eu era feliz, minha mãe também era feliz. Era assim, feliz!

O tempo da primeira infância de VB é lembrado como tudo de bom, segundo ele, era só brincadeira, o pai trabalhava e sustentava a família, eles se davam muito bem e ele tinha tudo. Ele, seu pai e sua mãe eram felizes.

5.3.3 – Tudo o que eu pedia ela fazia, minha mãe me mimava muito.

Enquanto seu pai trabalhava VB ficava o dia todo só com a mãe que fazia tudo o que ele pedia. Sua mãe o mimava muito, com ela VB podia tudo e sua mãe dava até o que ele não havia pedido. Com a mãe VB não encontrava limites, parece que sob os cuidados da mãe VB não conhecia Lei e ele ficava o dia inteiro com só com a mãe.

E – Você ficava só com sua mãe o dia inteiro?

VB – É, o dia inteiro. Minha mãe me mimava muito.

E – Como assim?

VB – Tudo o que eu pedia ela fazia pra mim. Tudo que eu pedia. Eu fazia uma besteira ela não brigava comigo. Nunca pôs a mão em mim. Nunca foi má de me bater assim. Nunca foi má!

E – Tudo o que você pedia ela fazia?

VB – Tudo o que eu pedia ela fazia. Tudo o que eu queria ela comprava. Tinha coisa que eu nem pedia e ela fazia. Quando ela ia no centro ela trazia coisas pra mim. Eu nem pedia e ela fazia.

Segundo VB, na presença da sua mãe ele podia tudo. Não houve durante a entrevista com ele qualquer referência à imposição de ordem e de limites por parte da mãe. Mesmo quando ele fazia bagunças e quebrava as coisas. Ele sabia diferenciar o ambiente de casa, no qual ele diz ter excessiva liberdade, com outros ambientes onde ele diz que era mais quieto e que tinha medo da figura de autoridade.

VB – Na escola eu era quieto, mas em casa eu fazia muita bagunça. Na escola eu não fazia nada porque eu tinha medo. Sei lá.

E – Tinha medo?

VB – É. Sei lá, de ir pra diretoria... Qualquer coisinha era ir pra diretoria e o povo ficava falando na sua cabeça, eu ficava mais quieto lá na escola. Agora em casa eu aprontava todas. Eu jogava videogame, eu fazia bagunça, jogava almofadas no chão. Tinha uns copos de vidro e eu quebrava também... Teve um dia eu estava brincando com um menino lá na porta e lá em casa tinha um negócio de farinha temperada, eu fui lá dentro de casa peguei a farinha e joguei na cabeça do menino. Só que ele era mais velho que eu. Ele foi lá e contou pra minha mãe e eu escondi lá no quintal.

E – Você fez isso por farrá ou porque estava com raiva?

VB – Não. Eu não pensava muito não.

5.3.4 – Ele quem mandava em mim

Apesar de dizer que era muito mimado pela mãe, VB também diz que era mais apegado ao pai, diz que não obedecia a mãe, ao passo que, se o pai falasse ele obedecia na hora. Além disso, segundo sua fala, seu pai era mais carinhoso, mesmo sendo a mãe que fazia tudo e o mimava ele gostava mais do pai. A questão é que ele ficava o dia todo

só com a mãe a quem ele diz que não obedecia. Então, sua frágil noção de limite parece ter se dado na escola.

E – Quem era mais carinhoso?

VB – Meu pai.

E – Quem você respeitava mais?

VB – Meu pai. Eu gostava mais do meu pai, gostava de ficar com ele, gostava de brincar com ele, eu gostava mais do meu pai que da minha mãe.

E – Você não obedecia muito sua mãe não, né?

VB – Não. Obedecia mais meu pai.

E – Mas seu pai ficava pouco em casa?

VB – Ficava pouco, mas era ele quem mandava em mim. Ele falava uma coisa e eu já fazia. Ele eu obedecia. Se minha mãe falasse eu ficava meio naquela pensando se ia fazer ou não.

5.3.5 - Eu sei o que é errado e o que não

Em sua entrevista VB não menciona qualquer pessoa que tenha servido de referência simbólica, ele não aponta figuras de referências além do pai. Aparentemente, seu pai era tudo para ele, quando ele perdeu o pai parece que perdeu toda e qualquer referência simbólica.

E – Quando você era criança pequena com quem você queria parecer, você queria ser como quem? Quem servia de modelo pra você?

VB – Ninguém. Eu não tinha esse pensamento não.

E – Seu pai...

VB – Meu pai... Eu não tinha esse pensamento não, era muito criança. Até hoje eu não sou um cara muito... Eu sei o que é errado e o que não.

E – Quem te ensinou o que é errado e o que não é?

VB – Eu aprendi mais sozinho. Eu via as coisas na televisão também. O povo fala que televisão não ensina nada, ensina sim, ensina muita coisa. Coisa que é errado, coisa que não é.

E – Tem gente que aprende o que é e o que não é errado com a mãe e com o pai. Você está dizendo que aprendeu sozinho e com a televisão?

VB – Eu aprendi sozinho e mais com a televisão também. Tinha umas coisas que minha mãe falava que estava fazendo errado. Aí sei lá... Eu não fazia pra ela não brigar comigo. Tinha vez que eu fazia, tinha vez que não.

5.3.5 - Passou um tempo ele ficou com dificuldade e foi embora

A reação de VB à situação da saúde do pai foi brusca. Ele diz que no início passou mal também, teve febre e dor de cabeça. Depois ele ficou na casa da avó enquanto a mãe ficava com o pai no hospital. Restava a esperança de que tudo voltasse ao que era. Na primeira infância o funcionamento mental tem o predomínio do princípio de prazer, os processos primários não concebem as inevitáveis transformações que ocorrem com o decorrer do tempo. VB apenas queria que tudo voltasse a ser o que era, queira permanecer não tempo bom daquela situação infantil.

VB – Aí eu comecei a passar mal também, tive febre, dor de cabeça. Aí, logo eu sarei e fiquei de boa. Aí meu pai veio, recebeu alta do hospital e voltou pra casa. Aí ficou de boa. Brincava do mesmo jeito, não era daquele jeito assim que ele brincava comigo. Né?

VB – Voltamos pra casa e foi diferente. Foi tudo diferente. Não era a mesma coisa. Ele tentava mostrar que não tinha mudado nada. Sorria pra mim... Tentava conversar comigo e não conseguia. Um dia ele tentou conversar comigo e não deu conta e começou a chorar. Aí que eu comecei mais... Envolver mais com minha mãe. Ela que cuidava mais de mim também.

VB – Passou um tempo ele ficou com dificuldade e foi embora.

Apesar do desejo de VB sua vida nunca mais foi a mesma coisa. Seu pai voltou diferente do hospital, não conseguia mais brincar do mesmo jeito, não podia mais trabalhar, não conseguia mais sustentar a família, tornou-se pensionista, o dinheiro da pensão mal dava para pagar os remédios e acabou voltando para sua cidade de origem.

VB nunca mais viu o pai, apenas falou com ele algumas vezes por telefone, mas em função de uma seqüela do AVC seu pai sequer consegue falar direito.

Parece não ser exagero pensar que naquelas circunstâncias VB perdeu quase tudo. Perdeu a casa, a família e os mimos. Seu pai que era sua referência afetiva e representante da Lei foi embora derrotado pelas sequelas da doença. Sua mãe que o mimava muito, que lhe dava tudo, teve que trabalhar fora e ele passou a ser cuidado por um primo de 17 anos. Como VB indica logo no início da sua entrevista seu envolvimento com o crime começa logo após a doença do pai, o abandono do pai e alteração nas condições de vida dele e da mãe. Sua situação de conflito com a Lei manifesta-se logo após a saída do pai da cena familiar. Obviamente não se pode dizer o que teria sido da vida de VB caso ele não enfrentasse tal situação de perda. O fato é que ele perdeu o pai e essa perda acarretou outras tantas.

Pode-se pensar que VB se envolveu com crime chegando a cometer homicídio aos 17 anos de idade em função da ruptura do laço com a figura paterna e da inexistência de qualquer figura que operasse enquanto suporte da Lei simbólica. As condições subjetivas de VB mostraram-se de tal modo precárias que seus atos infracionais, mesmo os homicídios, não chegam surpreender. Como poderia ele, nessa situação de desamparo lidar com a angústia que emerge da falta da mais precária referência identificatória?

VB viu-se sozinho, morando em condições precárias, tinha ao seu lado um primo de 17 anos e os amigos que pode fazer na rua. Nessa situação, sem a proteção dos laços familiares, os laços com a rua falaram mais alto. VB encontrou parceiros para o tráfico de drogas e logo mais para qualquer tipo coisa que lhe dessem na cabeça. Além da ausência da família, a ausência quase que completa do estado deixaram VB à deriva,

ao lado disso, a falta de referências identificatórias apresentaram a VB o mundo rua que, para ele, só conhecia a lei do mais forte.

5.4.1 – Neguim quatro olhos

Neguim quatro olhos nasceu em uma cidade no entorno de Goiânia-GO, iniciou o cumprimento da medida socioeducativa de internação no CIA no dia 27/06/2012, antes de ser internado no CIA ele permaneceu por cinco meses privado de liberdade na cadeia pública da cidade em que nasceu. Em sua vida pregressa, segundo ele, não houve envolvimento em atos infracionais nem uso de álcool, cigarro ou drogas. Não consta no processo de Neguim qualquer passagem por delegacias ou envolvimento em atos infracionais.

Neguim participou tranquilamente das entrevistas, respondeu a todas as perguntas sem qualquer restrição. Negou-se a participar de uma entrevista apenas no dia em que o grupo dos adolescentes do seu alojamento decidiu que ninguém sairia do alojamento. Nessas situações a lei do grupo é imperativa e quem desobedecer corre risco de morte. Segundo ele a decisão do grupo deveu-se a suspeita que havia entre eles um “cagete”. Nas demais entrevistas ele participou normalmente. Sua atitude nas entrevistas parecia ser de humildade, vergonha e arrependimento pelo homicídio que cometeu. Esperava ansioso por sua saída e dizia quer uma vida nova.

Segundo a equipe do CIA, Neguim foi inserido gradativamente nas atividades escolares, esportivas, informática e artesanais da unidade. Tem bom convívio com os outros adolescentes e tem apresentado bom comportamento, seguindo as normas e respeitando a equipe. Não apresenta histórico de medida disciplinar na unidade. Ainda segundo observações da psicóloga que o atende, durante seus atendimentos ele se apresenta cabisbaixo, relata sofrimento com as circunstâncias da sua internação e

tendência a depressão. Segundo o relatório da mesma psicóloga, um acompanhamento psicológico sistemático em meio aberto poderia proporcionar uma ressocialização mais eficaz e orientá-lo a estabelecer projetos de vida mais consistentes.

O histórico escolar de Neguim é bom, nunca foi reprovado e sempre estudou na mesma escola, suas notas eram de médias para ruins. Sempre viveu na companhia de seus pais e de seus dois irmãos mais velhos, 9 e 7 anos respectivamente, com os quais ele brincava muito. Sua diversão predileta era brincar de caminhãozinho. Atribui essa predileção à forte ligação que tem com o irmão mais velho que trabalha como motorista de caminhão.

E – Como foi sua vida nesse tempo em que você era criança pequena, antes de ir para a escola?

Neguim – Muito boa. Eu jogava vídeo game com meus irmãos, jogava bola. Foi muito bom nossa família. Jogava bola, brincava de carrinho. De carrinho era mais no quintal da nossa casa, que era grande. Nossa rua era tranquila, afastada, dava pra brincar na rua. Brincava de queimada, pique-pega, pique-esconde, muitas brincadeiras boas.

E – O que você acha desse tempo?

Neguim – Muito bom! Foi a melhor fase que eu já tive!

E – O que você lembra dessa fase da sua vida?

Neguim – Assim... Antes eu gostava de brincar muito de caminhãozinho. Sempre fui invocado em caminhão porque meu irmão mais velho é caminhoneiro. Ele não mora aqui mais, agora ele mora lá em Mato Grosso.

5.4.2 – Meu pai! Era ele que dizia o que era certo e o que era errado

O pai de Neguim trabalhava como pedreiro, sua mãe cuidava da casa e dos filhos. Assim como ele, seus dois irmãos ao tornarem-se adolescentes começaram a trabalhar para ajudar com as despesas da casa. Ele foi cuidado por sua mãe com a ajuda dos irmãos e dos vizinhos. Neguim aponta sua mãe como maior fonte de afeto e de

cuidados, do mesmo modo que aponta o pai como o provedor material da casa e a representante da Lei para ele. O discurso de Neguim destaca sempre a união da família, atribui igual importância ao pai e a mãe. A única diferenciação que faz é ao colocar a mãe mais próxima do afeto e o pai mais como provedor e como aquele que porta a normatização.

E – Em quem você confiava nessa época?

Neguim – Minha mãe e meu pai!

E – Se você tivesse que escolher só um?

Neguim – Minha mãe! Mas meu pai sempre foi muito importante para mim.

E – Por quê?

Neguim – Porque tudo o que eu pedia ele dava, nunca deixou faltar comida. Minha família, graças a Deus, sempre foi muito unida.

E – Seu pai, tudo o que você pedia para ele, ele te dava?

Neguim – Dava. Ainda mais quando era pequeno, eu pedia muito brinquedo e ele sempre dava, balinhas... Sempre que sobrava um dinheiro, que podia ele comprava pra mim.

E – Quem pagava as contas na sua casa?

Neguim – Meu pai!

E – Quem mandava na sua casa? Quem dava a última palavra?

Neguim – Meu pai! Era ele que dizia o que era certo e errado, o que podia e o que não podia.

E – Por quê?

Neguim – Era ele quem trabalhava, é coisa do homem mesmo. Normalmente quem manda mais assim é o homem.

E – Nessa fase, quando você era criança pequena, quem era a pessoa mais importante da sua vida?

Neguim – Minha mãe e meu pai. Se tiver que escolher, é a minha mãe a principal.

E – Por que sua mãe?

Neguim – Porque a mãe é... Tem mais apego com ela, né? Ela que criou a gente, né? Mãe é tudo!

Inicialmente, para Neguim sua mãe era tudo, mas essa onipotência depara-se com um pai potente e capaz de fazer frente ao amor absoluto da mãe. Sua mãe era tudo, como dizia ele, mas seu pai não ficava como um nada. Seu pai era potente em prover as necessidades materiais da casa e em dizer o que era certo e errado. Ou seja, seu pai ocupava um lugar no desejo da mãe e, desse modo, pôde cumprir a função de apresentar à mãe e ao filho a normatização edípiana. O pai de Neguim operou como suporte da Lei barrando o gozo irrestrito da díade mãe-filho e estabelecendo falta como condição para emergência do sujeito de desejo.

5.4.3 - Eu queira ser como meu irmão e ser caminhoneiro

Neguim era muito apegado a sua família, no início da sua infância era mais apegado à mãe. Depois ficou mais apegado ao irmão mais velho. Ele admirava e respeitava o irmão, queira ser como o irmão, queria ter a mesma profissão que o irmão. Ele vinculava-se afetivamente a toda a família, mas tinha um apego especial ao irmão mais velho. Pode-se pensar que o irmão nove anos mais velho, de certo modo, dividiu com o pai a função paterna. Neguim olhava para ele com admiração e respeito de tal modo que se pode supor que Neguim identificava-se com o irmão. Sua identificação com o irmão facilitava sua passagem da identificação imaginária com o falo da mãe, identificação que ocorre no início da sua infância e constitui a tríade mãe-filho-falo, para a identificação simbólica com o pai enquanto suporte da Lei.

Neguim – Meu irmão mais velho sempre gostou de mim. Quando eu tinha uns 12 anos, ele já tinha tirado carteira e ele me levou pra viajar com ele no caminhão, eu achei muito bom. Agora o outro era mais distante.

E – Você tinha sonhos nessa época? Quais?

Neguim – Tinha. Ser caminhoneiro. Por causa do meu irmão, né?

E – Com quem você queria se parecer?

Neguim – Com meu irmão. Eu queira ser como meu irmão e ser caminhoneiro.

O sonho de Neguim não era voltar à experiência da primeira infância, ele não falou que queria voltar ao paraíso infantil no qual ele e sua família eram felizes. Seu sonho é ser como o irmão mais velho. Por aí se pode ver a importância desse irmão na constituição subjetiva de Neguim. Ele não diz que quer ser pedreiro como o pai, seu sonho é ser caminhoneiro como o irmão que lhe proporcionava lazer e lhe dava muitos conselhos. Conselhos que se tivessem sido ouvidos, segundo Neguim, ele não teria feito o homicídio que fez e, portanto, não estaria no CIA.

5.4.4 – O erro foi meu!

Neguim relata que teve uma ótima infância, que foi muito bem cuidado por sua família e que ele e sua família eram unidos e felizes. Conta como teve algumas dificuldades quando iniciou a vida escolar porque era muito tímido e era alvo das gozações dos colegas em função da cor da sua pele e porque usava óculos. Ele era chamado pelos colegas de “neguim quatro olhos”. Disse que era ruim, mas com o tempo ele foi fazendo amizades e esse problema do preconceito deixou de incomodá-lo. Ele foi uma criança ordeira e bem comportada, convivia mais com a família, principalmente com o irmão mais velho. Conta que queria ter amigos como todo mundo. Quando entrou na adolescência começou a namorar com uma garota por quem ele era apaixonado, criou coragem falou com a mãe da garota, aceitou as condições que ela impôs e o namoro ficou oficializado.

Neguim começou a trabalhar e no trabalho ele conheceu outro adolescente com o qual fez amizade, ele queria fazer amigos e ser pelo menos um pouco popular. Ele pensava assim: “todo mundo tem amigo, por que eu não posso ter?”

É importante notar que três coisas ocorrem ao mesmo tempo na vida de Neguim: seu irmão mais velho arruma emprego em outra cidade; Neguim começa a trabalhar e a ganhar seu próprio dinheiro; ele começa uma amizade com um colega do trabalho.

Seu irmão mais velho era a referência para ele, era quem lhe dava conselhos e quem o levava para os momentos de lazer. Uma vez que Neguim era muito apegado ao irmão é importante notar que ele sentiu sua falta. Neguim não sabe dizer o que sentiu, só consegue dizer que era ruim. Aquilo que não emerge por meio do simbólico, aquilo que não se expressa com palavras, emerge como angústia. Quando a fala cala o sujeito deve encontrar outros modos de elaborar a angústia que o acossa. Diante da palavra que não acontece o corpo fala por meio de formações sintomáticas; o sujeito coloca em atos o que não pode simbolizar, atos que envolvem algum tipo de transgressão a Lei simbólica, que podem ser agressivos e violentos.

O primeiro passo de Neguim no sentido de ampliar seus laços afetivos e sociais, além das relações primárias que se davam no círculo familiar, foi em direção a namorada e à família da namorada. Depois Neguim começou a trabalhar, ele usava o dinheiro que ganhava com coisas que eram do seu interesse, entre elas, passear com a namorada e a manutenção da mini moto Garelli que tinha, segundo ele Garelli dava muita manutenção. A mini moto Garelli era um facilitador da vida social de Neguim, com ela ele sentia-se mais seguro de si e tinha algum status.

Quando Neguim chegou no ambiente do trabalho o colega já trabalhava lá, eles ficarão amigos, Neguim finalmente tinha um amigo. Eles começaram a ficar juntos, andavam quase o tempo todo juntos. Neguim foi se distanciando da família e até da namorada pra ficar andando por aí com sua Garelli e em companhia do amigo. Deixava de ficar em casa para andar com o amigo, deixava até de ir à casa da namorada pra ficar com o amigo. Mesmo quando seu pai dizia pra ele não sair e pra não chegar tarde,

Neguim escutava mais o desejo de ficar na rua com o amigo. Ele diz que seu erro foi não valorizar a palavra do pai para dar atenção ao amigo. Na situação em que ocorreu o homicídio Neguim estava com esse amigo, foi o amigo quem lhe entregou a faca e chamou Neguim para reagir às provocações do adolescente que acabou morto. Enfim, o irmão de Neguim foi morar em outra cidade, Neguim distancia-se da família e acaba se metendo em uma grande enrascada.

Neguim – Como eu estava te dizendo, no começo foi muito bom. Aí o tempo foi passando e foi tendo uns amigos e vai distanciando. Aí eu distanciei né, errei na vida.

E – Distanciando como?

Neguim – Vai deixando de ficar em casa pra ficar com amigos. Vai deixando muitas coisas pra fazer com amigos, essas coisas.

E – o que Você foi deixando?

Neguim – Igual eu... Eu deixava de ir na casa da minha namorada pra sair com amigo, deixava de ficar em casa pra sair com amigo, essas coisas.

E – O que você e os amigos faziam?

Neguim – Eu saía mais com o N., eu conheci ele num lavajato onde eu trabalhava. Quando meu patrão me chamou pra trabalhar lá ele já estava trabalhando lá, fomos criando amizade lá no trabalho. Nós íamos pra praça, íamos para os colégios, para as portas dos colégios.

E – Você falou que começou a distanciar da namorada e da família. Como foi que sua família reagiu?

Neguim – Eles quase sempre falavam pra eu não sair, né? Sempre... Assim, não sair, não demorar, votar logo. Falavam assim. (Silêncio... Abaixa cabeça e demora a falar... Nesse momento o entrevistador aguardou o tempo de Neguim, esperou ele retomar a fala). O erro foi meu né? Eles foram muito bons pra mim. Puderam dar tudo o que eu precisei. O erro foi meu! Hoje eu sei o tanto que ele é importante pra mim. O tanto que eu vou dar valor nele. Daqui para frente é outra vida... Saber quem que é amigo mesmo... Pensar melhor nas amizades e saber me cuidar. Minha mãe nunca... Minha mãe e meu pai nunca faltou uma visita, sempre eles vêm. Acompanham, são presentes. Espero eu sair logo para continuar nova vida. Vai mudar pra longe, vai mudar aqui pra perto.

Neguim – Eu acho que fui distanciando de Deus, né? Eu tinha tudo. Eu tinha uma namorada que dava valor em mim, meu pai dava muito valor em mim, meus irmãos gostavam de mim... Eu não sei o que foi que aconteceu que de uns tempos pra cá nada estava dando mais certo. Eu não sei o que aconteceu. Mas graças a Deus usar droga... Eu nunca tive vontade de usar droga, eu nunca usei.

E – Você nunca usou nenhuma droga?

Neguim – Nunca! Eu sempre fui contra. Não gosto nem do cheiro. Essas coisas só acabam com a saúde... Igual bebida, acaba com o fígado. Fumar acaba com o pulmão. Esses trens só levam a morte. Eu nunca fui chegado a usar essas coisas.

Neguim diz não saber o que aconteceu, dez que tudo começou a dar errado em sua vida, ele distanciou-se da família e de Deus, ou seja, distanciou-se da Lei do pai. Por isso ele aceitou pegar a faca das mãos do amigo e foi enfrentar seu provocador. Antes disso Neguim ficava mais humilde, abaixava a cabeça e saía de perto. Agora ele não queria mais ser o “neguim quatro olhos”, ele queria ser respeitado, queria emergir enquanto sujeito. Ao mesmo tempo sentia a falta do irmão talvez vivida como um abandono. Nessa situação de desamparo Neguim encontrou o amigo N. e nas ruas, andando à deriva por aí encontrou, fora dos conselhos do pai e dos cuidados da mãe, as circunstâncias para cometer homicídio.

5.4.5 - Eu nunca pensei que ia ser capaz de fazer um trem desses

Neguim fala com constrangimento sobre as circunstâncias em que cometeu homicídio. Ele diz que seu erro foi não te evitado. Mas seu discurso mostra que ele vivia envolvido com o amigo, ficava pouco tempo em casa e estava distante da família. É importante observar que o próprio Neguim admite a relação entre a mudança do seu irmão mais velho e o seu distanciamento da família. Neguim se mostra sofrido, arrependido dos erros que cometeu. Para ele matar alguém continua sendo algo proibido. Ele diz que usou a faca entregue pelo amigo N. para se defender. Ele estava

sendo atacado, já havia recebido um golpe com a chave de fenda quando, então, faz uso da faca. Diz que ante os ataques que recebia ficou desesperado, não conseguiu pensar, apenas agiu em própria defesa. Ele não teve a intenção de matar, apesar de aceitar a provocação e pegar a faca do amigo.

E – O que aconteceu para você ser preso? Você topa falar sobre isso agora?

Neguim – Quando eu fui preso, foi falta de evitar... Assim... Eu fui preso por causa de homicídio.

E – Foi um só?

Neguim – Só. Eu não tinha passagem de nada. De roubo, de nada!

Neguim – É. Só um e o último, né?

E – O que aconteceu?

Neguim – Eu estava com amigo meu, o N. Ele estava numa bicicleta e eu na minha Garelli. Aí nós passamos na porta da casa de um menino. Estava esse menino, o nome dele é Mateus, o irmão dele e mais duas meninas. Quando nós passamos esse menino, o Mateus, me chamou. Eu descii da Garelli e na hora que eu olhei pra trás ele estava falando pra eu não passar na porta da casa dele mais. Disse que se eu passasse mais uma vez ele ia pegar eu e ia me bater. Aí eu nem dei moral, eu abaixei a cabeça e fui com meu colega lá para a praça. Na hora que eu estava voltando, meu colega falou, ficou insistindo, falou: vamos passar lá pra ver ele e ver o que ele faz, ver se ele vai ser essa machão todo e não sei o que lá. Ele estava com uma faca, ele já passou a faca pra mim, eu já ia subindo de Garelli. Na hora que eu passei na porta o irmão dele já saiu catou um tijolo e tacou nas minhas costas, na hora que eu senti aquela pedra nas minhas costas eu já assustei. Eu descii da Garelli e olhei pra trás, ele já estava em cima de mim com uma chave de fenda. Na hora que ele tentou uma vez e foi tentar a segunda eu já apavorei. Aí eu tirei a faca e subi assim (faz o movimento com a mão de baixo para cima). Eu subi a faca, eu virei as costas, o irmão dele começou a correr atrás de mim, eu saí correndo, larguei a Garelli, larguei tudo e saí correndo. O irmão dele saiu correndo atrás de mim até uma esquina. Aí eu rodeei o quarteirão e fiquei lá em cima. Meu colega já tinha vazando, já tinha ido embora, acho que ele nem desceu da bicicleta. Quando eu senti a pedrada, olhei pra trás ele já estava em cima de mim, aí eu apavorei. Eu tenho sinal até hoje da chave de fenda (mostras as cicatrizes no peito próximo ao pescoço). Nas costas também eu tenho as marcas da pedrada que eu levei.

Aí eu lá na pracinha ficava pensando, pra mim eu nem tinha acertado a faca nele, eu ficava pensando o que eu ia fazer para pegar minha Garelli. Depois eu liguei para o N. (amigo que estava com ele na hora do homicídio) e perguntei se tinha como ele ir pegar a Garelli pra mim. Ele falou que não tinha jeito e que ele já estava em casa. Aí eu desliguei o celular coloquei no bolso, na hora que eu pensei: eu vou é embora. Na hora que eu virei as costas a viatura já passou e já pegou eu e levou eu lá pro hospital pra fazer corpo de delito. Eles me levaram lá em casa e pediram pra minha mãe me acompanhar porque eu sou de menor. Aí eles me levaram lá pra cadeia. Desde esse dia eu estou preso. Eu tive audiência, era pra eu já ter saído, não sei o que deu. Acho que foi até falta de advogado porque nós não temos condições de pagar advogado.

E – Quando você acertou a faca no Mateus você percebeu que tinha acertado?

Neguim – Foi. (silêncio).

E – Tinha sangue dele em você?

Neguim – Não, eu não fiquei sujo de sangue não. Quando eu subi a faca, eu nem pensei, eu já virei as costas e saí.

E – E a faca ficou lá?

Neguim – Não.

E – Você levou?

Neguim – (Em silêncio, balança a cabeça afirmativamente). Nem socorro teve pra socorrer ele.

E – Como foi pra você quando você soube que ele tinha morrido?

Neguim – Ah! Foi bem ruim, viu? Eu nunca pensei que ia ser capaz de fazer um trem desse. Sei que o único erro que eu tive foi não ter evitado. Não foi eu que fui pra cima dele, foi ele que veio pra cima de mim. Dava pra eu evitar... Assim... Não ter passado lá mais. Mas meu amigo insistiu, ficou falando. Eu acabei caindo na dele. Também não deu pra pensar, né? Se ele tivesse com a faca eu é que tinha morrido. Dei sorte que ele só tinha a chave de fenda. Ele tentou uma vez, na hora que ele foi pra segunda eu já apavorei.

5.4.6 - Pra mim foi a coisa mais ruim que tive

Diante do ato que levou o outro adolescente à morte Neguim fica como que horrorizado, ele não sabe o que dizer, chora arrependido de tudo e se cala diante do

indizível. Seu sentimento de culpa é a única coisa que consegue expressar, mas sabe que o que fez não tem volta. Garante que essa foi e será a única vida que tirou. Diz que não consegue parar de pensar no rapaz que matou, na vida que ele não teve, pensa nos filhos que ele não terá e no sofrimento dos pais diante da morte de um filho. Neguim pede perdão a Deus e acredita receber o perdão de Deus. A questão é saber se Neguim receberá seu próprio perdão.

Diferente dos demais adolescentes entrevistados durante a pesquisa Neguim se acusa e se condena, quer pagar pelo erro que cometeu. Ele recebeu do juizado da infância o benefício de poder sair do CIA aos domingos sem escolta, ou seja, todos os domingos Neguim pode sair do CIA na companhia de um dos seus pais as 8:00 horas da manhã e deve voltar até as 17:00 horas. A grande maioria dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa de internação e recebem esse benefício empreendem fuga. Neguim não quer fugir, não quer viver como foragido, ele mesmo se condena e exige que cumpra sua pena.

Como todo indivíduo que tem para si o estabelecimento da Lei simbólica, Neguim é seu próprio sensor, sua consciência o acusa, condena e exige o cumprimento do castigo. Somente assim Neguim poderá prosseguir com sua vida. O discurso de Neguim não mostra alguém para quem a Lei seja inoperante, ao contrário ele reconhece-se submetido à Lei e aos seus efeitos. Ele reconhece que errou ao pegar a faca das mãos do amigo e ao aceitar a provocação que resultou na briga e na morte do adolescente. Parece encontrar algum consolo para o sentimento de culpa na idéia de que não foi ele que iniciou a briga partindo para cima da sua vítima.

Neguim – Pra mim foi a coisa mais ruim que tive. Eu nunca pensei que eu iria fazer um trem desse. Nem sei como te dizer.

E – Você lembra e pensa nesse assunto?

Neguim – Lembro. Não tem como esquecer, né? Ficou marcado. Eu fico pensando na família dele. Ele era novo. Pra família dele deve ser difícil. Ele não pôde ter filho. Eu fico pensando na mãe e no pai dele. Fico pensando se fosse eu no lugar dele, minha mãe não iria achar bom perder um filho, meu pai, meu irmão. Ninguém iria achar bom perder um filho. Deus sabe o que aconteceu. Deus sabe que eu não fui errado. (Abaixa a cabeça e escorrem lágrimas).

E – Você não teve a intenção?

Neguim – Foi tudo muito rápido. Foi tudo... Não dava tempo pra pensar. A única coisa que dava pra pensar é que ou era ele ou era eu.

E – Você chegou a pensar isso?

Neguim – Só depois. Na hora não dava pra pensar nada.

E – Quando você pensa nisso que ou era ele ou era você, isso serve pra você se conformar um pouco?

Neguim – Desde o tempo que eu fui preso eu sempre leio muito a bíblia, eu peço sempre a Deus pra perdoar eu, eu já li a bíblia e fala que todos os filhos tem a salvação. Fala que todos merecem perdão de Deus. Eu peço muito perdão à Ele.

E – Como foi pra você quando a polícia chegou com você na sua casa pedindo para sua mãe ir junto com você?

Neguim – Meu pai... Meu pai estava chorando... Minha mãe... Porque todo mundo na minha família nunca pensou que isso fosse acontecer.

5.4.7 – Acho que eu sofri calado, né?

Segundo Neguim sua infância foi boa, ele e sua família eram unidos e ele tinha um maior apego ao irmão mais velho que acabou por se mudar para outra cidade. Na adolescência, mesma época da mudança de seu irmão, Neguim foi se distanciando da família e acabou-se apegando ao amigo N. que, segundo ele, foi quem o incentivou a aceitar a provocação para a briga que resultou no homicídio. Ao ser questionado acerca de como ele teria se sentido em relação à mudança do irmão Neguim somente consegue dizer que foi ruim, diz que não sabe expressar com palavras o que sentiu. Ele próprio ainda não havia feito uma relação entre a mudança do irmão e o ser distanciamento da casa dos pais. Ele ficou surpreso com a “coincidência”.

A primeira e mais importante referência a Lei para Neguim foi seu pai, mas seu irmão foi e continua sendo uma importante referência identificatória. A mudança do irmão deixa um vazio na casa e na vida de Neguim, ele sofreu com a distância do irmão, mas como ele diz: “sofreu calado”. Até o momento da entrevista ainda não tinha colocado em palavras o sentimento de perda resultante da mudança do irmão. Parece não haver uma relação direta entre o sofrimento com a distância do irmão e o homicídio cometido por Neguim. Mas há uma relação direta expressa em suas palavras entre o sofrimento silencioso que ele viveu e o apego ao amigo N., relação que pode ser pensada também acerca dos hábitos que Neguim desenvolveu de ficar andando pelas ruas até tarde, de sempre sair de casa, de deixar de ir para a casa da namorada para andar por aí com o amigo.

Neguim expressa grande satisfação ao receber a visita do irmão. Ao saber que assim que sair do CIA vai morar na mesma cidade em que mora o irmão Neguim fica esperançoso e mais animado com a vida nova que deseja ter.

E – Você me falou que tudo foi muito bom na sua vida até o momento em que você começou a distanciar. Lembra que você me falou isso?

Neguim – Lembro.

E – Estou te perguntando isso, mas sei que não dá pra ter certeza de nada, é só uma pergunta? Será que se seu irmão não tivesse ido morar em outra cidade você teria vindo parar aqui no CIA? Você teria se distanciado e se envolvido com amigos do tanto que você se envolveu?

Neguim – (Fica pensativo e em silêncio, depois de um tempo tenta responder). Não sei nem o que dizer.

E – Mas o que você acha?

Neguim – Hum... É, talvez sim, né?

E – Se ele era alguém tão importante pra você, quando ele distanciou, você de algum modo sofreu com esse distanciamento?

Neguim – Sim.

E – Como foi esse sofrimento?

Neguim – Ah... Acho que eu sofri calado, né? Eu não sou muito de expressar sentimento assim... Não sou de desabafar... Foi ruim.

E – Foi ruim?!

Neguim – Foi.

E – O que você sentiu?

Neguim – Falta dele!

E – Será que isso pode ter te levado a apegar-se um pouco mais aquele amigo que te levou lá para a briga em que o outro adolescente morreu?

Neguim – Eu creio que sim.

E – Sabe assim... Uma tentativa de preencher a falta dele o vazio?

Neguim – É... Assim... Todo mundo tinha amigo, né? Eu também fui querer ter amigo, mas o amigo que eu tive... Me levou ao pior mundo...

E – Se seu irmão tivesse dentro de casa isso poderia ter sido diferente?

Neguim – É se ele soubesse que eu estava com amigos ruins ele iria me dar conselho.

Neguim parece ancorar sua esperança na notícia que vai morar perto do irmão, sua identificação como irmão pode ser tomada signo de que ele busca aproveitar a nova chance que a vida lhe dá.

O alvará de soltura de Neguim foi assinado pelo juizado da infância e juventude e permaneceu na seção de protocolo por trinta e um dias até chegar nas mãos do promotor que providenciou sua soltura. O tempo a mais que Neguim permaneceu internado após a assinatura do seu alvará de soltura é um sinal de como o estado lida com a questão do adolescente em conflito com a lei.

5.5 – Considerações Finais

Frente às observações feitas a partir do dizer e do dito dos sujeitos participantes da pesquisa, salienta-se que o processo identificatório desenvolve-se de modo particular na história de cada um. Contudo, para os três primeiros sujeitos destaca-se a ausência ou

a insuficiência da função paterna em sua condição de normatização. Além disso, é patente a presença maciça da função materna numa alienação que aprisiona os sujeitos na posição fálica. Desse lugar, na ilusão da completude narcísica, cada um vive a experiência da onipotência, assim, sentindo que podem tudo, esses sujeitos atravessam o período da infância e vão em direção ao seu destino trágico. Quando chegam à adolescência, frente à ausência de uma figura identificatória que interdite os desejos edipianos e lhes ofereça a regulação para o modo de lidar com o empuxo pulsional, cada um ao seu modo, mergulha numa experiência que é da ordem da angústia.

Nossa tese é que a violência é um modo de defesa contra a angústia. Esses sujeitos passaram toda sua vida frente à ilusão que podiam tudo e que não precisavam deter-se diante de coisa alguma, agora são obrigados, por conta própria, a erigir uma proteção contra os impulsos edipianos. Até então eles existiram presos à noção de *ser* tudo para suas mães. Agora, uma vez que não fizeram, via identificação simbólica, a passagem do *ser* para o *ter* o falo, frente a experiência da castração que vem da realidade concreta de sua condição de vida, cada um reage violentamente em tentativas contínuas de negar a castração. Por isso, eles seguem errando rumo à tragédia na qual suas vidas são desenhadas.

6 – Conclusão

Ao final desse estudo, fica evidente que de modo geral a violência é uma característica humana irreduzível. De modo específico, a violência praticada e sofrida pelos adolescentes autores de homicídios coloca em relevo que a constituição subjetiva comporta modos de satisfação que podem, sem limites, fazer uso da violência e do homicídio.

Ao longo de toda sua obra Freud demonstra que a civilização baseia-se no recalçamento das pulsões e que a agressividade é uma característica da humanidade que desde os seus primórdios faz uso da violência para manter sua vida, seu território, sua comida, etc. O pacto civilizatório, algo que rateia, somente é possível mediante a renúncia das satisfações pessoais em prol do bem coletivo. Mas o recalçado sempre encontra um modo de retornar. Como diz Julia Kristeva “O recalque zomba um bocado de nós! Pensamos tê-lo desmantelado mas ele está apenas se deslocando perfidamente, mais abaixo, nas fronteiras entre o soma e a psiquê, ali onde as comportas do gozo se entravam e onde o erotismo abandonado encontra-se obrigado a recorrer a novos limites, os dos órgãos que, então, falham” (1994, p.38). O recalçado não permanece resignado à inexistência, a agressividade recalçada para que o laço social adquira forma retorna, por um lado, no interior mesmo da relação indivíduo-sociedade, por outro lado, incide na vida cotidiana de cada indivíduo.

O que aprendemos com Freud e que confirmamos no presente estudo é que cada humano traz em si uma radical inclinação para a destrutividade. Além disso, o funcionamento mental humano orienta-se pela busca do prazer e pela redução da tensão intrapsíquica. Ou seja, os homens também fazem uso da violência e da agressividade como modo de obtenção de prazer. Como diz o relato de um adolescente autor de

vários homicídios: “Não, tinha vez que pensava, tinha vez que o cara era tão... Assim... Eu tinha tanta vontade de matar o cara que nem... Dava vontade mesmo, matava só... Só pra ver ele cair mesmo”. Nesse relato estão presentes a denegação da irracionalidade e o prazer advindo do ato feroz e mortífero. Ao final desse estudo, diante de relatos como esse, não restam dúvidas sobre a ferocidade humana. Ferocidade que não pode ser reduzida ao nível do indivíduo, pois se alastra e se desenvolve no tecido social, no modo de organização de cada sociedade.

A esse respeito, na segunda dissertação da sua *Genealogia da Moral* escrita em 1887, Nietzsche já chamava a atenção para o fato de que causar dor no outro era usado como fonte de prazer. Ele argumenta que há desde sempre um enlaçamento talvez indissolúvel entre culpa e sofrimento. Quando um homem era considerado culpado, por exemplo, se ele devia alguma quantia para outro e não podia pagar, o credor exercia o direito de chicotear o devedor em praça pública. Era assim que o saldo devido era pago pela satisfação advinda do ato de fazer o outro sofrer. No cotidiano de nossa sociedade encontramos o ato de punir o culpado existindo lado a lado com os ideais mais elevados. Por exemplo, na educação dos filhos pelos pais ou no modo como lidamos com os adolescentes infratores. Mas “em que medida pode o sofrimento ser compensação para a ‘dívida’? Na medida em que fazer sofrer era altamente gratificante, na medida em que o prejudicado trocava o dano, e o desprazer pelo dano, por um extraordinário contraprazer: *causar* o sofrer: uma verdadeira festa” (Nietzsche, 1998, p. 55). Nietzsche argumenta que a crueldade humana constituía o grande prazer festivo da humanidade.

Freud se serve de uma abordagem mítica e propõe o caráter universal do crime para demonstrar como o desejo parricida e incestuoso esta na base da formulação da Lei simbólica. Foi assim que ele mergulhou no mito do rei Édipo e forjou o mito do Totem

e Tabu para mostrar que, ante o pai morto, o pacto dos irmãos tem a função de barrar sua busca pelo gozo irrestrito. O mito marca a inauguração de um campo simbólico que se estrutura nas leis da linguagem e que fundamenta o pacto civilizatório. Ao tornarem-se falantes os homens inauguram um sistema de regulação de suas relações com o outro e consigo mesmo. Contudo, esse sistema não é perfeito, ele apresenta furos, uma vez que os primitivos impulsos recalçados nunca deixam de fazer suas exigências.

É importante considerar que a violência somente pode receber um sentido na subjetividade, portanto, trata-se de uma manifestação que ocorre entre dois ou mais. Uma vez que não há subjetividade que se produza fora do laço social é preciso considerar que a violência desses sujeitos adolescentes emana de sua inserção no tecido social, é produto de uma cultura e sinal de uma época na qual os referenciais identificatórios são roídos pela cultura do quanto mais gozo melhor.

Dentre os adolescentes estudados observou-se que BM, VB e MULEQUIM, ou seja, aqueles que cometeram vários atos infracionais violentos e agressivos principalmente tráfico de drogas, formação de quadrilha, roubos, assaltos à mão armada, homicídios e latrocínios apresentam, em seu discurso, peculiaridades em sua constituição subjetiva. Esses adolescentes destacam-se por uma relação intensa com a mãe, na qual um é tudo para o outro, e destacam-se também pela presença da ausência da função paterna. O pai ou seu substituto não é apontado como objeto de desejo pela mãe, ele aparece como uma figura coadjuvante na cena formada pela tríade mãe-filho-falo. Na discussão realizada no capítulo 5 encontramos os seguintes relatos da mãe de BM e da mãe de MULEQUIM:

Acho que ele não respeita o pai não, como pai não. Ele respeita pelo convívio que teve, mas como pai não. [...] Às vezes eu falo pra ele do pai dele, sabe... Eu vejo que ele tem respeito pelo pai, mas ele fala que não está nem aí. Porque ele vê que é eeu (coloca ênfase na pronúncia do eu) que faço tudo! Eeeu que corro atrás! Tudo o que ele precisa é eeu que faço! Eeeu que mantenho ele no que ele precisa! Quem toma a frente sou eu! Tudo o que precisa resolver na vida dele sou eu! [...] Hoje eu

amadureci muito em relação a ele na questão de limite. Antigamente ele dizia pra mim que queria uma coisa da marca tal. O pai dele dizia que eu não devia dar essa coisa pra ele. Aí, eu pensava assim: Ah, eu só tenho ele! Eu tenho que fazer isso pra ele, eu tenho que fazer! Eu me sentia na obrigação de fazer, o pai dele falava pra não fazer e eu fazia assim mesmo. Hoje eu acho que isso talvez possa ter contribuído para deixar ele sem limites. [...] Mãe é tudo! Mãe é tudo!

Nestes fragmentos dos discursos das mães observamos que os adolescentes acima citados mostraram-se sujeitos que não realizaram de modo suficientemente satisfatório a passagem da identificação imaginária formada pela tríade mãe-filho-falo para a identificação simbólica com aquele que ocupa o lugar da função paterna e é reconhecido como o suporte da Lei. Permanecem, o adolescente e sua mãe, como errantes para os quais a relação mãe-filho-falo é signo trágico de sua insistência quixotesca em negar a castração.

Ao final desse estudo considera-se que, na particularidade dos adolescentes estudados, são observadas diferenças localizadas na posição subjetiva de cada sujeito. A relação de cada sujeito com o ato assassino é diretamente ligada ao modo como cada um reage ao que Freud ao longo de toda sua obra nomeou por castração. A Lei em sua dimensão simbólica produz efeitos diferentes em cada sujeito e essas diferenças encontram-se vinculadas à constituição subjetiva de cada um.

No decorrer desse estudo tomamos cada um dos sujeitos pesquisados em sua singularidade, no um a um, como ensina o método freudiano. Do ponto de vista singular, observamos diferenças entre NEGUIM e os demais adolescentes entrevistados. Ambos cometeram homicídio, mas o significado do ato criminoso é diferente entre ele e BM, VB e MULEQUIM. A diferença na significação atribuída por NEGUIM ao homicídio é signo de que sua constituição subjetiva possui a marca da castração e de como a Lei simbólica é operante em sua subjetividade. BM, VB E MULEQUIM mostram saber sobre a lei, mas ela não opera suficientemente em sua subjetividade, para

eles a lei opera em uma relação de externalidade, ela não é intrínseca a sua subjetividade.

Vemos que de um lado a Lei é um efeito simbólico que opera na constituição subjetiva do sujeito. De outro lado, vemos que a lei é um aparelho jurídico que funciona ou não funciona, sempre em condições objetivas. Desse lado, a lei opera como um agente estranho, que não é reconhecido, como algo que não faz parte da subjetividade do sujeito. BM, VB e MULEQUIM não ignoram a existência da lei, mas eles não a reconhecem em si, como parte de sua constituição psíquica. Para ambos é errado matar, mas para NEGUIM matar engendra tal horror que localiza o ato assassino, ainda que em legítima defesa, na ordem do impossível de se conceber e de se dizer. Ao passo que para BM, VB E MULEQUIM o ato assassino é proibido nos termos da lei jurídica e sua prática é condicionada às consequências que podem ou não advir desse ato.

Do ponto de vista psicanalítico como pensar a violência que atravessa a vida de adolescentes autores de homicídio dos quais os adolescentes BM, MULEQUIM e VB podem ser tomados como representantes? Lacan propõe que “a noção de uma agressividade como tensão correlata à estrutura narcísica no devir do sujeito permite compreender, numa função formulada com muita simplicidade, toda sorte de acidentes e atipias desse devir” (1948, p. 119). É assim que a violência deve ser entendida como uma manifestação presente no início da própria constituição do *Eu* que não é organizado pelo princípio de realidade e nem centrado no sistema percepção-consciência. Ao contrário disso, o *Eu* é caracterizado em sua função de desconhecimento. Mas desconhecimento de quê? Nos casos de BM, MULEQUIM E VB, é desconhecimento da Lei em sua dimensão simbólica, desconhecimento da ferocidade que lhes concerne, desconhecimento da satisfação que o ato de matar lhes proporciona. Nos relatos abaixo podemos observar como a reificação do outro é signo do desconhecimento de si mesmo.

Eles reagiram, por conta de seiscentos reais e uma correntinha de ouro. Mixaria! Podiam ter ficado quietos, bem quietos. Certeza que eles ganham muito mais lá, né véi? Morreu por causa de vacilo, que um deles era advogado, né véi? Advogado aposentado achou que ia dominar nois. Morreu... Aconteceu essa tragédia aí. [...] Só esse da correntinha que reagiu, o outro do caixa nem reagiu, ele só foi reagir depois que viu o outro reagindo. Aí ele veio pra cima também. O outro pagou foi de herói... Não teve nem chance. [...] Aí eu só afastei o revólver, ele tentou pegar o revólver. Aí eu peguei e dei um tiro nele, aí ele assustou e apertou mais ainda, aí eu dei outro tiro na barriga dele, aí ele soltou eu e caiu no chão, aí o outro veio correndo pra cima de mim e eu baleei ele nos peito pegou em cima do coração, ele caiu no chão e eu sai correndo de lá. [...] Direto nois pegava um e dava era um pau nele lá. Quebrava a cara deles na coronhada direto. [...] Ah... Ele tava devendo nois lá, tava caguetando nois lá... Eu peguei e dei um tiro nele lá, bem de pertinho. Eu dei só um tiro só. Pegou bem assim nos peito dele e varou... Deu sorte, pegou bem assim nos peito... furou ele, foi de pistola ainda e furou ele, varou. Aí eu fui embora, né? [...] Não esses trens aí... Eu fiquei... É assim mesmo. É ruim. Dá tiro nos outros é ruim. Arrependi mesmo, né véi? Eu arrependo desses trens errados que eu fiz. Altos problemas.

Do ponto de vista metapsicológico, antes de propor o dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte em 1920, Freud (1914) propõe uma oposição entre a libido narcísica e a libido sexual ou dos objetos. O narcisismo primário designa o investimento libidinal do estágio do espelho (Lacan, 1949), momento crucial e inaugural da constituição do *Eu*. Momento em que o reconhecimento de si passa pelo conhecimento do outro. Toda e qualquer individuação é efeito do outro, logo desde essa primeira individuação o *Eu* traz em sua constituição a marca de um processo paranoico e agressivo. Pois a libido narcísica é caracterizada pelo investimento exclusivo no *Eu*, pela inexistência de qualquer outro, daí destaca-se a função alienante do *Eu*. Desse narcisismo primário deriva a agressividade que se destaca em qualquer relação com o outro, ou seja, já estão aí presentes os impulsos destrutivos que desde 1920 dão, para Freud, corpo a pulsão de morte.

A tese sustentada nesse trabalho apoia-se nas contribuições psicanalíticas, principalmente sobre o papel da identificação na constituição do sujeito contemporâneo, e nas histórias de vida de adolescentes em conflito com a Lei para propor que para os adolescentes sujeitos dessa pesquisa o ato infracional violento e homicida advém da falha na passagem da identificação imaginária para a identificação simbólica. O

discurso desses adolescentes indicou uma liberdade para obter os bens desejados a qualquer custo, para obterem o que desejam esses adolescentes lançaram mão do homicídio sem qualquer impedimento de ordem subjetiva. Diante da exigência dessa passagem, falta na particularidade histórica desses sujeitos uma referência identificatória na qual seja possível apoiar-se para dizer sim à castração, reconhecer a própria condição de faltoso e advir como sujeito de desejo. Esses adolescentes, BM, VB e MULEQUIM, não descobriram que sujeito, no sentido pleno da palavra, é aquele que de repente diz não ao empuxo ao gozo, o que implica em *dizer* sim à castração. Eles desconhecem que o único “remédio” para a angústia de castração é... a castração.

No momento de concluir, restam patentes, como desafios, alguns questionamentos acerca da subjetividade dos adolescentes objetos desse estudo. O principal destes questionamentos diz respeito ao que a clínica psicanalítica pode produzir na escuta desses sujeitos. Que manejo transferencial é possível quando os sujeitos são escoltados por um agente de segurança, às vezes algemados, até a sala em que ocorrerão os atendimentos? Chega a ser mesmo uma questão inquietante. Que tratamento é possível na situação de internação? O que se pode esperar desses sujeitos ao final do período da internação? Ao sair da internação a maioria deles já terá alcançado a maioridade. Daí em diante, eles responderão como adultos perante o sistema jurídico e prisional. Que efeitos pode-se esperar de suas passagens pelas medidas socioeducativas?

No âmbito desse estudo não foi possível responder a tais questões. Mesmo assim é seguro propor que o dispositivo psicanalítico, em sua condição de escuta, tem função privilegiada no atendimento clínico desses adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em centros de internação. Para além de todos os importantes dispositivos socioeducativos presentes nas equipes técnicas dos centros de internação, é

importante resguardar o lugar da escuta psicanalítica em sua capacidade de acolher e proporcionar via transferência condições para que os adolescentes possam dirigir sua fala a alguém colocado no lugar da escuta. Para que, desse modo, desenvolvam-se no âmbito da experiência clínica novas produções de sentido acerca de suas vidas. A experiência de falar e de ser escutado pode propiciar a esses adolescentes ressignificação de seus vínculos emocionais, novas compreensões acerca dos seus atos e a possibilidade de escapar do curto-circuito repetitivo da pulsão de morte que o destino lhes acena.

7 – Referências Bibliográficas

- Arrivé, M. *Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- Aulagnier, P. Angústia e identificação. In: Lacan, J. (1961-1962). *A Identificação: seminário 1961-1962*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- _____. *A Violência da Interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1979.
- _____. Demande et Identification. In: *L'Inconscient: Revue de Psychanalyse*, 2º année – N° 7 – Juillet-septembre, Paris, 1968.
- Baudelaire, C. *Sobre a Modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- Bourguignon, O (org.). *La recherche clinique em psychopathologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- Brandão, J. S.- “O Mito de Narciso e Eco” in: *Mitologia Grega*, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, Vol. 3, 1989.
- Brasil. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Senado. BRASIL. (2006). *Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária*. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos.
- Brasil. *Sistema Nacional de Atendimento Socieducativo (SINASE)*. (2006). Secretaria Especial dos Direitos Humanos – Brasília-DF: CONANDA.
- Dor, J. *O Pai e sua Função em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1991.
- Durand, A. *L'inconscient de Lipps à Freud*. Ramonville Saint-Agne: Éditions Érès, 2003.
- Florence, J. *L'identification dans la théorie freudienne* (1978). Bruxelles: Facultes Universitaires Saint-Louis, 2005.
- _____. As Identificações. In: Mannoni, M. (e outros). *As Identificações na clínica e na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro: Ed. Relume-Dumará, 1994.
- Freud, S. O mecanismo psíquico do esquecimento (1898). In: *Obras Completas*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. Lembranças encobridoras (1899). In: *Obras Completas*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. A Interpretação dos sonhos (1900). In: *Obras Completas*, v. V. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901). In: *Obras Completas*, v. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Fragmentos da Análise de um Caso de Histeria (1905). In: *Obras Completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: *Obras completas*, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905). In: *Obras Completas*, v. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Romances familiares (1909 [1908]). In: *Obras completas*, v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: *Obras completas*, v. X. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Leonardo da Vinci e uma lembrança de infância (1910). In: *Obras Completas*, v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Formulações Sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental (1911). In: *Obras Completas*, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Totem e Tabu (1913). In: *Obras Completas*, v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Sobre o Narcisismo: uma introdução (1914). In: *Obras Completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. À Guisa de Introdução ao Narcisismo (1914). In: Freud, S. *Escritos Sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2004.

_____. Pulsões e destinos da pulsão (1915). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença (1915). In: *Obras Completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Luto e Melancolia (1917). In: *Obras Completas*, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Conferências Introdutórias Sobre a Psicanálise (1916 [1915]). In: *Obras Completas*, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. História de uma neurose infantil (1918). In: *Obras Completas*, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Além do princípio de prazer (1920). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. II. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. A Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: *Obras completas*, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. O Eu e o Id (1923). In: *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, v. III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____. A Dissolução do Complexo de Édipo (1924). In: *Obras Completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: *Obras completas*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Um estudo autobiográfico (1925 [1924]). In: *Obras completas*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: *Obras completas*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Sexualidade Feminina (1931). In: *Obras completas*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Feminilidade (1933 [1932]). In: *Obras completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. A Dissecção da personalidade psíquica (1933 [1932]). In: *Obras completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. As Sutilezas de um ato falho (1935). In: *Obras completas*, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Esboço de psicanálise (1940 [1938]). In: *Obras completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Algumas lições elementares de psicanálise (1940 [1938]). In: *Obras completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Achados, Idéias, Problemas. (1941 [1938]). In: *Obras completas*, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]). In: *Obras completas*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: *Obras completas*, v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

Gerez Ambertín, M. *Imperativos do supereu: testemunhos clínicos*. São Paulo: Editora Escuta, 2006

_____. *As Vozes do supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2009.

- Hanns, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Houaiss, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- Lacan, J. A Agressividade em psicanálise (1948). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.
- _____. O Estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.
- _____. Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia (1950). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.
- _____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.
- _____. *O Seminário, Livro 1: os escritos técnicos de Freud* (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- _____. *O Seminário, Livro 4: a relação de objeto* (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- _____. A Instância da Letra no Inconsciente (1957). In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1986.
- _____. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- _____. *A Identificação: seminário 1961-1962*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- _____. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- _____. *O Seminário, livro 20: mais ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- Lajonquière, L. *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Laplanche, J. *Problemáticas II: Castração – Simbolizações* (1980). São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- Lesourd, S. Adolescentes Difíceis ou Dificuldades da Cultura? In: *Debates Sobre a Adolescência contemporânea e o laço Social*. Gurski, R., Rosa, M.D., Poli, M. C. Curitiba, Juruá: 2012.
- Kristeva, J. *Estrangeiros para nós mesmos* (1988). Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994.
- Martins, F. *O Nome próprio: da gênese do Eu ao reconhecimento do outro*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1991.
- _____. *A Identificação, a imitação, a condensação, a censura, a metáfora e o aparelho psíquico a partir do sonho de uma paciente espirituosa*. Texto Inédito, 2013.

Melman, C. O que é um adolescente. In: *Congresso Internacional de Psicanálise*, 1999, Rio de Janeiro, RJ. Anais... Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

Nietzsche, F. W. *Genealogia da moral: uma polêmica* (1887). São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

Rassial, J. *O Adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

Rosa, M. D. Vicentin, M. C., Os Intratáveis: o exílio do adolescente do laço social pelas noções de periculosidade e irrecuperabilidade. In: Gurski, R. (orgs). *Debates Sobre a adolescência contemporânea e o laço social*. Curitiba: Juruá, 2012.

ROSOLATO, G. *A Força do desejo: o âmago da psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.